

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

**FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
POÉTICA: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL.**

ROSEMEIRE CAMACHO CÂMARA

**SÃO PAULO
2010**

ROSEMEIRE CAMACHO CÂMARA

**FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
POÉTICA: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do

Prof. Dr. José Gabriel Perissé Madureira.

**SÃO PAULO
2010**

FICHA CATALOGRAFICA

Câmara, Rosemeire Camacho.

Fundamentos teóricos para o processo de alfabetização poética: uma experiência didática com alunos do ensino fundamental. / Rosemeire Camacho Câmara . 2010.

163 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2010.

Orientador (a): Prof. Dr. José Gabriel Perissé Madureira.

I. Poesia. *2.* Estética. *3.* Arte.

CDU 37

**FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA O PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO POÉTICA: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA
COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

POR

ROSEMEIRE CAMACHO CÂMARA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes membros:

Presidente: 1Prof. José Gabriel Perissé Madureira, Dr. – Orientador, Uninove

Membro: Profa. Maria Margarida Limena, Dra. - PUC/SP

Membro: Prof. Marcos Antonio Lorieri, Dr. - Uninove

SÃO PAULO, 20 DE AGOSTO DE 2010

AGRADECIMENTOS

À minha mãe que sempre me apoiou, ajudou e me proporcionou o tempo necessário para que eu pudesse prosseguir nos estudos.

Ao meu marido e às minhas filhas, pela paciência nesses anos que se estenderam em pesquisa, desde a época em que eu era ouvinte, durante o Projeto de Poesia, até a finalização do mestrado.

Aos colegas de trabalho que pacientemente trocaram de horário para que eu pudesse me adaptar aos horários que o estudo requisitava.

Ao meu orientador Professor Doutor José Gabriel Perissé Madureira, que nunca duvidou do Projeto de Poesia, e também ao Professor Doutor Marcos Antonio Lorieri que me ajudou desde o início, desde quando eu era ouvinte no programa de mestrado da Uninove.

Aos colegas da turma de 2008, pela amizade e companheirismo, principalmente nos momentos de dificuldade. Jamais esquecerei nossos cafés da tarde, em que todos se descontraíam nos intervalos das disciplinas.

Agradeço a todos que me ajudaram e acreditaram em mim.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar os fundamentos teóricos da arte como importante fator formativo na educação escolar, voltada para alunos de onze e doze anos de idade. Trata-se de uma análise em retrospectiva de uma experiência didática realizada por mim com alunos do ensino fundamental no ano de 2007 em uma escola pública da cidade de São Paulo, intitulada Projeto de Poesia. Para realizar esta análise, foi de fundamental importância conhecer a teoria de Alfonso López Quintás, bem como o método “Lúdico-Ambital” para análise dos trabalhos escritos dos alunos recolhidos especificamente para esse fim. López Quintás é filósofo e estudou o fenômeno da arte como elemento da *formação de jovens*. O Projeto de Poesia consistiu em apresentar poemas aos alunos e interpretá-los criativamente. Este projeto foi desenvolvido durante todo o ano letivo junto às aulas da disciplina de Língua Portuguesa. No entanto, do ponto de vista da pesquisa acadêmica, interessava-me transcender a questão do Projeto de Poesia. Neste momento, o pensamento de Alfonso López Quintás oferecia-me a base teórica que procurava para a minha dissertação de mestrado.

Palavras-chave: Poesia; Estética; Arte.

ABSTRACT

This dissertation aims at examining the theoretical foundations of art as an important formative factor on school education, targeted at students with eleven and twelve years old. This is a retrospective analysis in a didactic experience with students from a middle public school of São Paulo city in 2007, entitled Poetry Project. To perform this analysis was of fundamental importance to know the theory of Alfonso López Quintás, and the method “Lúdico-Ambital” to analysis the written works of students collected specifically for this purpose. López Quintás is a philosopher who studied the phenomenon of art as part of *young people's formation*. The Poetry Project consisted in submitting poems to students interpret them creatively. It was developed throughout the school year with the lessons of the Portuguese Language discipline. However, from the viewpoint of academic research, I was interested in transcending the question of the Poetry Project. That time, the thought of Alfonso López Quintás offered me the theoretical basis that I was looking for to my dissertation.

Keywords: Poetry, Aesthetics, Art.

Sumário

Apresentação.....	10
Introdução.....	15

Capítulo I

Uma Experiência Didática: O Projeto de Poesia

O Projeto de Poesia em Sala de Aula.....	19
Motivações do Projeto de Poesia.....	22
Procedimentos e Atividades.....	24
Um Processo Formativo e seus Resultados.....	29
. Poesia e Gramática.....	32

Capítulo II

A Alfabetização Poética

A Importância da Poesia na Vida Escolar.....	34
. Ensinar Poeticamente.....	48
A Poesia e a sua Linguagem.....	49
A Estética e a Poesia.....	64

Capítulo III

Alfonso López Quintás e o Método Lúdico-Ambital

A Alfabetização Poética e a Teoria de Alfonso López Quintás.....	71
--	----

	9
Os Conceitos de Encontro e Âmbito.....	83
. Encontro.....	87
. Âmbito.....	96
A Poesia e o Pensar com Rigor.....	99
O Método Lúdico-Ambital.....	104

Capítulo IV

O Encontro da Poesia

Sobre as Produções dos Alunos.....	109
. Análise do Poema <i>Meu Lindo Lar</i>	110
. Análise do Poema <i>Olhando o céu</i>	113
. Análise dos Trabalhos Poéticos sobre o Tema Trabalho.....	115
. Análise dos Trabalhos Poéticos sobre os Temas Doença e Morte.....	119

Considerações Finais

Considerações Finais.....	127
Bibliografia	131
Anexos.....	135

Apresentação

No terceiro semestre do curso de letras comecei a estagiar e, para minha sorte ou não, estagiei somente com excelentes professoras da disciplina de Língua Portuguesa. Lembro-me que a primeira professora era muito rígida, de uma escola particular, todos os alunos eram muito quietos e eles a obedeciam. Naquela situação, pareceu-me uma classe muito comportada. A segunda professora era da rede estadual de ensino, muito dedicada e simpática, quando falava todos os alunos prestavam muita atenção, todos gostavam muito dela e eles a obedeciam, creio que por apreço ou reconhecimento. A terceira professora com quem estagiei era da rede municipal de ensino. Professora experiente, era muito dedicada e os alunos também a obedeciam. Todas as três professoras tinham classes muito comportadas, todos faziam muito silêncio e permaneciam a maior parte do tempo sentados. Quando comecei a trabalhar como “professora eventual” - de quinta a oitava série -, ou seja, eu só poderia lecionar se o professor efetivo faltasse, tive a minha pior experiência. Ao contrário das professoras com quem estagiei, os alunos não me respeitavam e declaradamente preferiam estar no pátio em “aula vaga”. Não paravam sentados, queriam brincar na sala de aula, era uma situação constrangedora. Antes, quando eu terminei os estágios, imaginei que seria mais fácil lecionar e que não devia ser verdade o que diziam sobre a indisciplina dos alunos em sala de aula. Mas era verdade. A educação passava (ou passa) por uma grave situação de indisciplina. Nesse momento da minha vida pensei em algumas alternativas, dentre elas a de desistir.

Mas, com o passar do tempo, refleti e me convenci de que seria melhor tentar criar algumas aulas diferentes, aulas que interessassem os alunos. Realizei várias tentativas e logo comecei a trabalhar com poemas em sala de aula, alguns deles musicados, visto que a música tem em si um forte apelo e os jovens tendem a ouvi-las.

Em paralelo ao ofício de professora comecei a ler alguns autores da psicanálise como Lacan, Freud, Jung, pois eu queria conhecer as várias correntes de pensamento na psicanálise para que eu pudesse encontrar algum entendimento do pensamento do jovem. Também li Piaget. Não consegui um completo entendimento da situação que me assolava, mas compreendi que o ser humano passa por fases e que a adolescência é mais uma delas.

Também percebi que, naquele momento, a psicanálise não seria o melhor caminho para a minha prática de professora. Antes disso, no curso de letras li diversos autores e alguns que me marcaram foram Antônio Cândido (2004), Celso Pedro Luft (2001), Massaud Moisés (2000) e Mário Sérgio Cortella (2003).

Em 2002 fui aprovada no concurso de Língua Portuguesa. Em 2005 fui chamada à trabalhar e quando iniciei a minha carreira no magistério, agora como professora efetiva da rede pública estadual do estado de São Paulo, senti algumas dificuldades, bem menores que no período anterior, como professora eventual, mas eu ainda tinha algumas dificuldades em dar aulas. Os alunos eram muito falantes, alguns deles vinham de famílias desestruturadas e eles não possuíam conceitos de respeito ao professor ou à figura da pessoa adulta e três alunos desses em uma sala de quarenta alunos, conseguiam dispersar a atenção de todos. Para minimizar o problema tomei algumas precauções, como preparar a aula cuidadosamente. Na escola em que eu lecionava, também aconteceu de eu conhecer algumas professoras mais rígidas em sala de aula, que gentilmente me explicavam as técnicas para parecer uma professora também rígida. Eu entendia, mas não parecia “levar muito jeito”. Não que eu não acreditasse na eficiência de normas mais rígidas em sala de aula, mas sentia que não conseguiria desempenhar esse papel por muito tempo.

A partir daí comecei a procurar autores que pudessem contribuir para o meu desenvolvimento profissional. Comecei a me interessar por alguns autores brasileiros. Li alguns e dentre eles gostei muito do pensamento de Paulo Freire. Pensei que por ele ter sido também professor e de uma camada da sociedade de pessoas mais humildes, talvez pudesse me ajudar, e ajudou. Dentre os livros que li, gostei muito do livro *Educação como prática de liberdade* (1983), em que o autor escreve sobre o *círculo de cultura* e seu sistema de alfabetização para adultos. Achei muito criativo o jeito como ele resolveu a questão da alfabetização naquele momento. Também me comoveu a forma como ele trata a relação entre professor e aluno em *Pedagogia do Oprimido* (1983) e a forma compreensiva como se refere às pessoas simples e analfabetas do nosso país e me convenceu quando o autor chama à responsabilidade, os professores, na difícil tarefa de educar. Homem culto que era, se dispunha a dialogar e educar essa massa de desprovidos de melhores oportunidades e que, aos olhos desse importante intelectual brasileiro, ganhava todo o respeito. Paulo Freire me fez entender os motivos pelos quais muitos deles são levados a fazer coisas que muitas

vezes não merecem aprovação, mas que o autor consegue justificar, diante da precária situação em que vivem e se desenvolvem. Ao lê-lo me convenci a ser uma profissional que respeitasse os alunos, que os tratasse com respeito e na medida do possível pudesse proporcionar a eles, ou aos educandos como diria Paulo Freire, condições para *o pensar* para que tivessem mais chances de fazer boas escolhas no futuro. Eu estava decidida a não ser uma professora de conceitos prontos para que os alunos decorassem e se esquecessem depois da prova, ao menos não totalmente. Talvez pelo afã de uma carreira que acabara de se iniciar, pretensiosamente eu queria proporcionar aulas em que os jovens entendessem os conceitos e pudessem expressar seus pensamentos sem medo de serem reprimidos.

Depois de Paulo Freire me tocou o que escreve Edgar Morin em seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2005), livro em que o autor resume parte do seu pensamento acerca de uma educação que leve em conta certos temas que dizem respeito ao ser humano de hoje e das próximas décadas. Temas como o conhecimento e seus limites, a presença inevitável da incerteza e dos erros no pensamento humano, a necessidade de uma racionalidade aberta e crítica, a importância de uma nova ética, a importância de se trabalhar na educação a condição humana e a situação do Planeta Terra do qual todos dependemos. Depois li outras de suas obras e muito me interessou o que escreve no livro *Amor, Poesia e Sabedoria* (2003).

Os livros e a proximidade com alguns professores com os quais tive contato em 2006 e 2007 no Mestrado como ouvinte e depois como aluna, me levaram a um consequente desenvolvimento do pensar. Junto a esse processo eu continuava a lecionar.

Nas minhas atividades de professora procurava ser mais criativa e nas várias aulas que eu desenvolvi, as que mais geravam resultados eram as aulas com poesias. Adquiri experiência nesse assunto e cada vez mais essas aulas se aperfeiçoavam.

A partir de 2006 me veio a ideia de trabalhar mais fortemente a questão da poesia e no final desse mesmo ano planejei uma forma de trabalhar a alfabetização poética de alunos das quintas e sextas séries, pois eles respondiam melhor que os alunos das sétimas e oitavas séries, aos apelos da poesia.

Realizei o planejamento geral do Projeto de Poesia de dezembro de 2006 a fevereiro de 2007 e em março dei início aos trabalhos com duas das minhas classes, a quinta série A

e a sexta série A. Com esta última eu já havia trabalhado a questão da poesia no ano anterior, mas sem planejamento. Havíamos participado de dois concursos de poesia sendo que um era de iniciativa privada, baseado na obra *Poetas da escola* (ALTENFELDER, 2004), sendo que o vencedor do concurso na escola foi um menino dessa sala, o aluno Ives Acocha, mas ele não foi o vencedor do concurso estadual. O outro concurso foi o da Diretoria de Ensino Norte I. A escola em que eu lecionava teve três ganhadores, mas nenhum deles era das minhas turmas. O resultado desse último concurso foi a publicação, no mesmo ano, de um livro com os poemas dos alunos intitulado *Paz, o caminho de um novo amanhecer* (2006). Até o início do segundo semestre de 2006, eu ainda não havia despertado para o fato de sempre trabalhar com poesias, mas em virtude dos concursos e também de a poesia fazer parte do meu cotidiano, no final do segundo semestre de 2006 comecei a desenvolver o Projeto de Poesia.

Em Março de 2007 dei início ao Projeto de Poesia nas duas classes, citadas anteriormente, com 40 alunos cada uma delas. Depois de 2007 continuei a trabalhar o projeto, mas 2007 foi o ano que escolhi para coletar dados e fiquei com todos os cadernos dos alunos, cópia dos diários de classe de todas as quintas e sextas séries da escola, trabalhos avulsos, pesquisas etc.

Durante o ano de 2007, no decorrer do Projeto de Poesia, li a obra de Nelly Novaes Coelho (1973) e gostei bastante. Em agosto de 2007 li o primeiro livro de Perissé (2004), e a partir dele comecei a compreender ainda melhor a importância da literatura – da poesia - em sala de aula e através desse autor tive o primeiro contato com o pensamento de Alfonso López Quintás. Imediatamente adquiri um livro do autor e comecei a lê-lo. Concluída a leitura do livro *Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores* de López Quintás (2004) apliquei suas ideias para esta dissertação, em especial as ideias sobre arte na educação.

Terminei o Projeto de Poesia no mesmo mês – Novembro de 2007 - em que me candidatei a uma vaga no mestrado. A minha proposta era a de estudar o fenômeno da poesia na educação de jovens segundo a teoria de Alfonso López Quintás. Eu fui aprovada e também ficou acertado que o Projeto de Poesia seria analisado segundo o método lúdico-ambiental do mesmo autor.

No decorrer do programa de mestrado li diversas obras de cunho filosófico. Por exemplo, de Aristóteles, a obra *Poética* (1996), de Adorno, a obra *Educação e Emancipação* (2006) e de Pascal, tive contato com o pensamento do autor através da coletânea *Pensador* (2004). López Quintás cita alguns autores em sua obra e a partir dele senti-me convidada a ler Heidegger, a obra *A caminho da linguagem* (1996). Heidegger foi um dos mentores de López Quintás em linguagem. Li, também, a obra *A aceitação de si mesmo – As idades da vida* (2007) de Romano Guardini, que foi professor de López Quintás. Esta obra é fortemente marcada pelo humanismo.

Todas as leituras que realizei no período que participei no programa de mestrado foram muito importantes no meu projeto de pesquisa, pois, trouxeram-me a possibilidade de uma análise teórica mais bem fundamentada sobre o Projeto de Poesia. A base teórica inicial que eu possuía era restrita e foi ampliada com os estudos que o mestrado me proporcionou.

Devo acrescentar que, na minha base teórica inicial, a poesia teve um papel muito importante que agora é ampliada. A poesia influenciou muito na constituição de minha visão de mundo. Todos os poemas que li, trabalhei, analisei me fizeram perceber melhor a realidade. Aprendi muito com a poesia, muito mais do que acreditava ser possível no início do Projeto. Patativa do Assaré (2007) me ensinou sobre a realidade do nordestino. Ferreira Gullar (2004) sobre os problemas do nosso país. Adélia Prado (1991), Carlos Drummond de Andrade (1991) e Cecília Meirelles (1984) sobre a vida. Cora Coralina (1986) e Flora Figueiredo (2006), sobre a singeleza das coisas. E tantos outros poetas, que me ensinaram tantas outras coisas. Fica difícil citar todos eles e mensurar tudo o que aprendi. Sei que eles me ensinaram e me carregaram de emoção, todo o conhecimento que adquiri desses poetas vem com algo a mais: vem carregado de emoções. E talvez isso torne a aprendizagem mais aprazível. É o que eu tento fazer com os alunos quando trabalho com eles poesia.

Introdução

Esta dissertação tem por objetivo analisar os fundamentos teóricos da arte como importante fator formativo na educação escolar, voltada para alunos do ensino fundamental. Concretamente, trata-se de analisar, em retrospectiva, uma experiência didática realizada por mim com alunos das quintas e sextas séries do ensino fundamental no ano de 2007.

O projeto de pesquisa teve início a partir do momento em que percebi, como professora da rede estadual do estado de São Paulo, que despertar o interesse dos alunos pelas aulas de Língua Portuguesa, mais especificamente pelo idioma e pela literatura, é uma tarefa que, além da prática didática, requer um posterior trabalho de reflexão teórica, a fim de constatar a relevância e a aplicabilidade real do Projeto de Poesia.

Para realizar esta análise, foi de fundamental importância conhecer o pensamento de Alfonso López Quintás. O que me chamou a atenção foi a ênfase que o autor dá à estética como elemento na *formação de jovens*. Segue um trecho em que o autor explica um pouco sobre a relação entre o intérprete e a obra de arte:

A relação “intérprete-obra” implica um modo de participação ativo-receptiva. Ao interiorizar a obra, convertendo-a no impulso mesmo de sua ação artística, o intérprete entra com ela numa relação de vizinhança, de presença. E esta presencialidade funda o verdadeiro conhecimento. A forma de conhecer mais perfeita não é a que realizamos com atitude incomprometida, objetivante, como um sujeito que se defronta com um objeto, mas a que realizamos através de encontro, respondendo à apelação que a realidade conhecida nos dirige. Por se tratar de um gênero de interação criadora, *a experiência estética, como todo tipo de jogo, se converte numa fonte de luz.* (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 17)

Para López Quintás há uma relação entre o intérprete e a obra, ou como no caso do Projeto de Poesia entre o aluno e o poema, mas essa relação só se completa se acontecer de forma ativa e receptiva por parte do aluno. Quando o aluno se encontra com a poesia cria uma relação de entendimento e conseqüente comprometimento com o que está na obra. O aluno responde ao apelo poético e o recria em sua realidade. É o que o autor chama de “interação criadora”. Podemos afirmar que para López Quintás a experiência poética é um “tipo de jogo” que proporciona “luz”, ou seja, conhecimento ao aluno.

Ao longo das minhas pesquisas, percebi que, na realidade, minhas atividades como professora estavam ligadas a uma possível *Alfabetização Poética*, em consonância com a convicção de que a poesia se mostrava um elemento motivador em sala de aula.

Como professora efetiva da disciplina de Língua Portuguesa passei a trabalhar com livros didáticos diariamente, mas sem abandonar o hábito, quase que diário da poesia. Nos livros didáticos de Língua Portuguesa com que tive contato nestes últimos anos, em geral havia uma unidade que trabalhava a poesia, por exemplo o livro didático de Língua Portuguesa para a quinta série, em que encontramos apenas seis poemas distribuídos ao longo do livro todo e a unidade doze que têm todas as suas atividades voltadas à poesia (Anexo I). Mas, no meu entendimento, a poesia ainda era pouco explorada, pois era melhor abordada em apenas uma unidade do livro e eu teria que trabalhar essa questão apenas em um determinado período no ano. Assim pensando, eu constantemente acrescentava alguns poemas às aulas. Percebi que os alunos se tornavam mais receptivos à disciplina de Língua Portuguesa e as aulas com poesia geravam mais resultados. Os alunos pareciam estar sempre na expectativa do próximo poema. A aula seguia de forma agradável para os dois lados; para mim, que como professora contava com a cooperação deles e para os alunos, que se mostravam mais motivados.

Estabeleci que o Projeto de Poesia teria um ano de duração e eu o iniciei no primeiro bimestre de 2007 na Escola Estadual Antonio Carlos Ferreira Nobre. Considerada pela secretária da educação como “pequena”, esta escola tem apenas seis salas de aula por período e trabalha apenas nos períodos matutino e vespertino. É de ensino fundamental – quinta a oitava séries - e está situada na zona norte da capital do estado de São Paulo.

Sobre o currículo, resumidamente, era orientação da escola trabalharmos com o livro didático (FARACO, MOURA, 2006), isso valia para todos os professores das disciplinas que recebiam o livro – algumas não recebiam, como a disciplina de língua estrangeira, o inglês. No caso da disciplina de Língua Portuguesa, trabalhávamos a leitura e interpretação de textos, também a gramática e a produção de textos, e, além disso, eu trabalhava a alfabetização poética.

No Projeto de Poesia, a intenção era a de apresentar poemas aos alunos e interpretá-los criativamente com a ajuda de atividades diferentes em que os alunos participavam de

forma ativa, como por exemplo, a feitura de novos poemas por parte dos alunos: isso complementava e estimulava o trabalho pedagógico.

O Projeto de Poesia transcorreu bem durante todo o ano de 2007. Em sala de aula, a resposta dos alunos ao estímulo da poesia foi muito positiva. A receptividade à discussão sobre os temas propostos nas aulas com poesia trouxe a participação da maioria dos alunos. No final do quarto bimestre encerramos o ano letivo, com ele todas as atividades pedagógicas, inclusive o Projeto de Poesia, que aumentou o interesse dos alunos de um modo geral e os motivou muito nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa. O livro didático foi estudado até a última unidade e todos os objetivos do Projeto de Poesia foram alcançados e todas as suas etapas foram finalizadas.

No entanto, do ponto de vista da pesquisa acadêmica, interessava-me transcender a questão da motivação e do interesse dos alunos, bem como a sua conscientização sobre alguns temas da realidade. Neste momento, o pensamento de Alfonso López Quintás oferecia-me a base teórica que procurava para o meu projeto de pesquisa do mestrado.

Na obra de López Quintás, a arte é vista como importante fator formativo na educação escolar e, em particular a literatura, é tratada como ocasião de aprendizado humanístico. Além das considerações teóricas, uma vez que López Quintás é filósofo e estudioso de questões ligadas à ética, o método lúdico-ambital por ele desenvolvido para análise de textos contribuiu para uma verificação de como e em que medida podemos afirmar que os alunos iniciaram um processo de aprendizagem poética. Nesse momento eu relaciono a teoria de López Quintás e a prática.

O método lúdico-ambital, por ser formativo, está centrado nas relações entre texto e leitor. Ou seja, na realidade do aluno que se relaciona com a obra literária - o poema. Essa relação, da realidade do leitor com o poema, oferece possibilidades que se entrecruzam e se “entreveram” (Cf. López Quintás, 2004, p. 137). A expectativa foi a de analisar os resultados gerados por essa interação. A análise dos trabalhos escritos dos alunos do Projeto de Poesia a partir da concepção do método lúdico-ambital preocupou-se em desvendar um possível desenvolvimento poético dos alunos. Procuro comprovar que a alfabetização poética aconteceu. Também como a experiência poética ajudou no desenvolvimento dos alunos em sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa.

Capítulo I

Uma Experiência Didática: O Projeto de Poesia

O Projeto de Poesia em Sala de Aula

Quando eu estava planejando o Projeto de Poesia, pesquisei na biblioteca da escola em que eu lecionava uma forma trabalhar com poemas e encontrei na obra *Trabalhando com Poesias* (1989) da professora Alda Beraldo uma possibilidade didática para esse fim. Nessa obra encontrei várias oficinas de poesias indicadas para crianças que estivessem até na sétima série, mas realizei diversas adaptações nessas oficinas para que atendessem o projeto. Ficou estabelecido que o Projeto de Poesia se focaria na interpretação de poemas através de exercícios criativos, como desenhos, colagens, declamações, criação de poesias pelos alunos etc., ou seja, neste trabalho compreenderiam vários poemas e formas, previamente analisadas, para a melhor compreensão dos poemas.

Outro aspecto do Projeto de Poesia era a reflexão sobre determinados temas para que desenvolvêssemos o discernimento, a criticidade e a consciência de melhor vivência e convivência no planeta. Portanto, eu teria que dividir os poemas em temas e agrupá-los de forma que proporcionassem melhor andamento aos trabalhos.

Gabriel Perissé escreve em seu livro *Literatura & Educação* (2006b) que “[...] o tema corresponde ao *núcleo de sentido* em torno do qual o texto se organiza. O tema do romance, do conto, da crônica, do poema etc. remete a acontecimentos relevantes da vida humana (p. 53)”. Para o autor o tema central do poema nos remete a acontecimentos reais, daí viria a reflexão sobre os acontecimentos relevantes da vida através da poesia. A arte pode deflagrar o pensamento nas pessoas, portanto a poesia pode trazer a reflexão sobre a realidade. Para Perissé a arte pode revelar a condição humana, como segue:

Ler/interpretar as obras de arte para ver melhor em que consiste a condição humana, com toda a sua ambiguidade, com toda a sua desconcertante realidade. Não se trata de “didatizar” a arte, mas de

descobrir na trama de um romance, nas imagens de um poema, na força expressiva de uma escultura, num quadro, numa sinfonia, uma percepção reveladora do ser humano. (PERISSÉ, 2009, p. 36)

Para o autor, interpretar uma obra auxilia-nos a entender a condição humana. Uma obra de arte – uma escultura, um quadro, uma sinfonia – pode trazer uma percepção reveladora do ser humano, ou seja, precisamos de revelações sobre o ser humano para entendê-lo em sua essência e a arte pode fornecer uma compreensão mais aguda sobre a realidade humana. O autor sugere que há algo no ser humano que não pode ser percebido em um olhar descomprometido, é preciso afinar os sentidos, temos que nos atentar às sutilezas, às sugestões. No Projeto de Poesia os temas foram estabelecidos tiveram a seguinte ordem:

1º Semestre – O Habitat: O Universo; A Via Láctea; O Sistema Solar; O Planeta Terra; Os Continentes; Os Países; O Brasil; Os Estados Brasileiros; São Paulo; O Bairro; A Escola; O Lar.

2º Semestre – O Homem: Biológico (saúde, morte, insanidade); Religião; Sentimento (amor, paixão, ódio); Família; Trabalho; Cotidiano; Infância; Juventude; Velhice; Diferenças Raciais; Violência; Liberdade.

Dentre as etapas do Projeto de Poesia, a primeira buscou a conscientização sobre o lugar do homem no Universo e na Terra e foi inspirada nas ideias de Edgar Morin. Pois, para ele, “devemos relacionar a ética da compreensão entre as pessoas com a ética da era planetária, que pede a mundialização da compreensão” (MORIN, 2005, p. 102). Para Morin devemos ensinar a ética da compreensão entre as pessoas, que engloba a compreensão entre os seres e a compreensão do planeta, e para tanto pensei que essa compreensão deveria partir do geral até o particular – do Universo até o planeta Terra. Eu queria que os alunos compreendessem qual é a situação do homem diante do Universo e da Terra, que somos dependentes desse grande sistema e que temos que cuidar bem do planeta, do seu ecossistema e das relações humanas, para que possamos continuar permanecendo no planeta. Segundo o autor a educação deveria contribuir para a conscientização da cidadania terrena e para a tomada de consciência da condição humana em um planeta multicultural:

O planeta exige um pensamento policêntrico capaz de apontar o universalismo, não abstrato, mas consciente da unidade/diversidade da condição humana; um pensamento policêntrico nutrido das culturas do mundo. Educar para este pensamento é a finalidade da educação do futuro, que deve trabalhar na era planetária, para a identidade e a consciência terrenas. (MORIN, 2005, p. 64-65)

Portanto, a organização dos temas do Projeto de Poesia começou do universal para o particular, do Cosmos ao bairro onde está inserida a escola. Nessa fase, uma das intenções era a de trabalhar a tolerância entre os diferentes grupos de pessoas. Eu queria que os alunos entendessem, através da poesia, que existem outros continentes, outros países, outras culturas e que todas devem ser respeitadas. Além disso, queria trazer a reflexão sobre a necessidade de os alunos serem mais tolerantes uns com os outros, ali mesmo na sala de aula, com os próprios colegas, aprendendo a respeitar cada um deles e suas diferenças –, gosto musical, raça, credo, vestuário etc. -, bem como respeitar funcionários da escola, vizinhos etc.

Na segunda fase passamos para a reflexão sobre a existência humana física, social e psicológica. Trabalhamos o homem: corpóreo (como exemplo: saúde); social (como exemplos: família e trabalho); psicológico (como exemplo: amor).

Logo no início do ano letivo de 2007 pedi aos alunos que providenciassem um caderno pequeno – formato 14 x 20,2 cm e com 96 folhas – para o uso exclusivo nas aulas com poesias. Para quem não tinha condições financeiras de comprar um caderno, a escola fornecia um gratuitamente.

Definido como seria o Projeto de Poesia parti para o projeto na prática. As aulas da disciplina de Língua Portuguesa foram enriquecidas com o Projeto de Poesia, com seus poemas, exercícios, vídeos, músicas, colagens etc. Terminados os trabalhos, no final do quarto bimestre de 2007, como escrevi anteriormente, me candidatei a uma vaga no mestrado e a partir daí passei a analisar o Projeto de Poesia, segundo a teoria Alfonso López Quintás.

Motivações do Projeto de Poesia

O motivador inicial do Projeto de Poesia foi notar o afastamento do aluno do processo de aprendizagem e a sua reação mais clara: indisciplina e falta de interesse. Outros motivadores surgiram posteriormente, como os concursos de poesias, também por sugestão de colegas etc., foi uma sequência de fatos que confluíram para a realização do Projeto de Poesia. Mas, como escrevi anteriormente, o primeiro motivo foi o de solucionar o problema da falta de interesse dos alunos pelas aulas da disciplina de Língua Portuguesa e a resposta imediata dos alunos era o descontentamento aparente, a recusa aos trabalhos em sala de aula e a desvalorização da educação, muitas vezes sentidas em suas palavras. A proposta do Projeto de Poesia não foi a de dar a solução para todos os problemas que a educação escolar encontrava no tocante a este problema da indisciplina e falta de interesse, mas sim investir esforços em um dos possíveis caminhos na direção da solução pretendida.

Durante o Projeto de Poesia me motivou muito a alegria dos alunos com os trabalhos poéticos. A frase: “Hoje não quero estudar. Por favor, passa um poema”, era constante. Resolvi registrar esse pedido no caderno da aluna Jacqueline C. Gomes. Segue a transcrição da minha pergunta e da resposta da aluna:

Professora Rosemeire: Por que, um dia, você me perguntou: Não passa lição, passa poema. Você vai passar?

Aluna Jacqueline: Eu não gosto de fazer lição, só poema. (Anexo II).

Pedidos iguais eram feitos pelos alunos todos os dias, repetidas vezes. Esses pedidos diários me traziam a certeza de estar na direção certa, apesar de perceber a desvalorização do estudo no discurso dos alunos. Mas prossegui com as aulas e tentava, dia a dia, trabalhar a conscientização do aluno sobre a importância do estudo na vida das pessoas. A motivação, a mim, parecia ser mais urgente, pois percebi que quando o aluno está motivado, aceita melhor as propostas didáticas em sala de aula.

A poesia se mostrou eficiente no decorrer dos anos e no ano de 2007 mais fortemente. Pude perceber isso mais claramente no desenvolvimento do Projeto de Poesia com os alunos envolvidos. A alfabetização poética se fez necessária, uma vez que os alunos se mostraram insuficientemente capazes nessa área. A arte é formadora. A experiência poética foi usada como ocasião para ajudar os alunos a se desenvolverem como estudantes mais interessados.

Procedimentos e Atividades

Entre dezembro de 2006 e fevereiro de 2007, como escrevi anteriormente, elaborei o Projeto de Poesia. Para isso eu li muitos livros de poesias, também reli outros tantos, para escolher alguns deles. Concentrei-me em alguns poetas em específico, dentre eles também alguns músicos. Dos poetas escolhi: Adélia Prado (1991), Alphonso de Guimaraens (2001), Augusto dos Anjos (1998), Carlos Drummond de Andrade (1991), Casimiro de Abreu (2000), Cecília Meirelles (1984), Cora Coralina (1986), Cruz e Sousa (1997), Elias José (2001), Fernando Pessoa (2007), Ferreira Gullar (2004), Flora Figueiredo (2006), Gonçalves Dias (2001), José Santos (2005), Manuel Bandeira (2002), Patativa do Assaré (2007), Vicente de Carvalho (2005), Vinicius de Moraes (1987). Dentre os compositores musicais: Arnaldo Antunes, Caetano Veloso, Nando Reis, Renato Russo, Tom Jobim etc. Também trabalhei com alguns poemas de alunos, professores, amigos e autores da literatura de cordel, como Expedito Sebastião da Silva (2000).

Nas obras desses poetas escolhi os poemas mais apropriados para a idade dos alunos. Também, se eram atraentes para o público dessa fase. Eu os cataloguei e os separei por temas. Essa catalogação foi feita em um caderno especial que intitulei de *Caderno de atividades poéticas*, que organizava todos os trabalhos do Projeto de Poesia, ou seja poemas a serem passados e em uma outra parte desse caderno escrevi os exercícios e as ideias de atividades manuais – colagens, desenhos, feitura de livros etc.

Alguns alunos possuíam pouco conhecimento sobre poesia, alguns diziam não ter conhecimento algum e se possuíram, esqueceram. Eu teria que iniciá-los em poesia, teria que alfabetizá-los no assunto, contrariando a ordem normal, resolvi transmitir as poesias completas, por mais complexas que fossem para um iniciante, já no início do projeto.

A única teoria literária que os alunos do Projeto de Poesia tiveram foi metrificacão, rima etc., através do livro *Versos, Sons e Ritmos* de Norma Goldstein (1986), pois eu queria que os alunos tivessem contato com as dificuldades que o poeta encontrou ao escrever um poema, atribuindo-lhe o real valor que merece. Pois, como o próprio poeta Carlos Drummond de Andrade disse em entrevista para uma emissora de televisão em 1982 escrever poesia requer um certo trabalho, como segue:

Eu acho, ao contrário das teorias eternas, que a inspiração existe. A inspiração é um momento em que você sente um impulso, às vezes criando, até uma espécie assim, de elevação ligeira da temperatura. Você sente, assim, um pouco inflamado, um pouco quente, essa vontade de fazer uma coisa. Depois vem a razão, vem a análise, você vai fazer a frio o poema, já agora com a razão, mais que com o sentimento, mas sem abandonar nunca o sentimento. Essa mistura, essa conjugação de sentimento e raciocínio, a meu ver, que vai tocando. Mas, agora, em geral, nunca sai perfeito da primeira vez, tem que ler aquilo, reler, mostrar a um amigo, guardar para o dia seguinte, botar na gaveta, aliás, é necessário até botar três meses na gaveta e para ler depois: “Ueh! Eu que escrevi isso? Não é possível!” (NAGLE, WALACER, 2010)

Para o poeta a inspiração existe, mas não é só isso que determina a criação de um poema. É preciso ler, reler, analisar, pedir a opinião de um amigo e fazer algumas modificações. Nas aulas com poesia eu procurava tocar os sentimentos dos alunos para que eles compreendessem o melhor possível o poema, ouvindo-o, e caso tivesse sido musicado, eu trazia a música. Também questionando o poema, e tentando levar os alunos a refletir sobre a realidade do poema e sobre as suas próprias realidades. E quando os alunos faziam seus próprios poemas, muitos deles se decepcionavam. Talvez, por estarem movidos pelo sentimento, eles achassem que o poema ficaria excelente. Nesse momento eu mostrava que é necessário algum empenho a mais. Para eles era interessante descobrir que o poeta consagrado também se empenhou ao escrever um poema e para auxiliá-los eu mostrava a teoria sobre o poema. Eu explicava que havia versos dissílabos, alexandrinos etc. Contava que Vinicius de Moraes e Florbela Espanca gostavam de fazer sonetos. Mostrava o dicionário de rimas. Para os alunos era acalentador, pois as dificuldades não eram só deles e que eles tinham algumas ferramentas que poderiam auxiliá-los. Mas de maneira nenhuma a teoria se sobressaiu à poesia. A teoria foi apresentada, mas foi dada maior importância ao poema e ao que ele transmitia. Para Perissé não devemos deixar o poema em segundo plano, como segue:

O perigo está em deixar a literatura em segundo plano, em último plano, enaltecendo as teorias literárias à custa do poema, do conto, das histórias que este ou aquele autor veio nos contar...O teórico absoluto não se emociona com as histórias, não se deixa envolver por seu encanto, não

permite que se misturem às biografias reais das pessoas reais. Sua principal função como teórico absoluto é analisar, separar, distinguir, fazer considerações sobre a metalinguagem, equacionar a literariedade do poemático, investigar os actantes presentes na textualidade do romance... (PERISSÉ, 2009, p. 34)

Perissé também acredita que as técnicas literárias não podem sobrepor-se à literatura – à poesia. Para o autor a emoção das histórias deve assumir um papel mais importante do que a teoria literária do teórico absoluto.

Decidi que ao longo do ano eu explicaria com brevidade como funcionavam os conceitos sobre poesia e poema, métrica, rima etc. A justificativa era que os alunos se mostravam cansados de tanta teoria e se eu iniciasse o Projeto de Poesia dessa maneira, eles certamente se desinteressariam.

Cada aula com poesia era planejada antecipadamente. Alguns dias antes, eu escolhia o poema pelo tema, localizava o livro na biblioteca da escola, providenciava a biografia do poeta e escolhia os exercícios que acompanhariam esse poema. No momento da aula eu consultava o caderno de atividades poéticas e reavaliava a disposição dos alunos para determinados exercícios, muitas vezes eu mudava esses exercícios, pois algo ocorrera e mudara o meu planejamento. Já os trabalhos manuais requeriam uma maior atenção, dias antes eu verificava as condições para a sua execução, pois muitos precisavam providenciar papel, tesoura, cola etc. Também, algumas das atividades requeriam que eu levasse DVD com um filme ou clipe da música, então eu também precisava requerer na escola os recursos audiovisuais.

Na elaboração do Projeto de Poesia percebi que poderíamos trabalhar a transversalidade e a interdisciplinaridade. Nós – eu e os alunos - refletíamos sobre muitas questões que coincidiam com temas transversais, também, e em alguns casos, o assunto coincidia com o currículo escolar daquele ano em algumas disciplinas. Para não ser repetitiva, a solução era trabalhar com outros professores, como o de ciências que abordava temas sobre astronomia. Em suma, a minha intenção era a de trabalhar a poesia, mas ficava difícil imaginar as aulas sem desenvolver outros assuntos que não os da disciplina de Língua Portuguesa, visto que os poetas tratam dos mais diversos assuntos. Caso contrário, teríamos que recorrer ao estruturalismo ou formalismo e nos limitar à forma do poema e

analisaríamos apenas a metrificacão, rimas etc. Caso surgisse algum assunto que não coincidissem com a proposta curricular da disciplina competente, eu mesma abordava aquele tema. Sobre esse assunto Perissé escreve:

É insuficiente, dentro de uma escola, que haja diferentes disciplinas superpostas num quadro de horários. O estudo de um idioma estrangeiro precisa conversar com a biologia, a física, a química. O estudo de história vai conversar com a língua portuguesa (etimologia como interface), com a filosofia. Essas “conversas” fazem entrar em jogo outro conceito de López Quintás, intimamente relacionado ao encontro: *o âmbito*. (PERISSÉ, 2009, p. 85-86)

Para Perissé, as disciplinas devem dialogar, ter contato umas com as outras. Para Perissé a disciplina de Língua Portuguesa deve dialogar com a de História, Biologia etc. Este diálogo entre as disciplinas, ou a interdisciplinaridade, promove o *encontro*, que por sua vez promove a criação de um novo *âmbito*. Vale explicar que tanto encontro, como âmbito são conceitos de López Quintás e estes serão aprofundados no capítulo III desta dissertação.

Dado início ao Projeto de Poesia em 2007, com os alunos, no primeiro dia de aula nós encapamos os cadernos, colamos figurinhas neles, colocamos nome e na primeira folha escrevemos *Caderno de Poesias*. Nós o enfeitamos para que o aluno estabelecesse um vínculo com o seu caderno. Foi uma atividade bem descontraída, divertida e todos se esforçaram bastante para que seus cadernos ficassem bonitos. Na aula seguinte eu escrevi na lousa a música *O Segundo sol* do compositor Nando Reis, e eles copiaram, em seguida fomos à sala de vídeo e assistimos ao DVD da música, foi bastante interessante. Retornamos à sala de aula e discutimos o assunto que a letra da música trazia. Depois os alunos desenharam um sistema solar imaginário com dois sóis e responderam a algumas questões de entendimento de texto. Segue uma cópia dos trabalhos da aluna Gabriele Ribeiro como exemplo no Anexo III.

Durante o Projeto de Poesia as aulas com poemas foram motivo de alegria para a maioria dos alunos envolvidos, que festejavam em manifestações de concordância e sorrisos. Imbuída desse sentimento, eu sempre entrava em sala de aula com atitudes positivas e receptiva aos anseios dos alunos, para que pudéssemos ter uma aula agradável e

interessante. As aulas seguiam algumas regras gerais: os alunos copiavam o poema; ouviam a declamação; discutíamos o tema; realizavam as atividades.

É importante explicar que a declamação poderia ser realizada pelos alunos, pela professora ou pelo próprio poeta através da exposição de gravações em CD ou DVD. A finalidade era a impostação do poema, pois a entonação correta era necessária para que o aluno fosse envolvido pelas palavras, pela sonoridade e pela mensagem do poema, uma das intenções era a de trazer a afeição do aluno pelo poema, pois em cada declamação havia a sugestão dos sentimentos investidos pelo poeta em sua obra e a entonação correta deixava isso mais explícito. Eu também falava sobre a biografia do poeta e tentava fazer com que o aluno entendesse a época em que o poema foi escrito e tentávamos encontrar fatores que justificassem a existência daquele poema.

Também tomava um forte significado a discussão do tema e da mensagem do poema. Nessas discussões cada aluno poderia falar o que pensava e sabia sobre aquele assunto. A intenção não era a de passar verdades absolutas aos alunos, mas sim refletirmos sobre algumas questões da realidade trazidas pelo poema.

Nas aulas com poesia, eu sempre mostrava o livro, cujo poema foi retirado. Preferencialmente a biblioteca da escola conteria um exemplar igual para que os alunos interessados se sentissem motivados a emprestá-lo, despertando também, o gosto pela leitura nos alunos.

Um Processo Formativo e seus Resultados

Como escrevi anteriormente, a poesia se mostrou instrumento motivador no trabalho pedagógico, dado o seu potencial formativo e dado que a arte de modo geral favorece a compreensão mais aguda da realidade humana. Também, haja vista a possibilidade de estabelecer relações entre a poesia e os mais diversos campos do saber humano.

A poesia oferece a possibilidade da formação integral dos alunos. Os alunos aprendem de forma prazerosa sobre as mais diversas realidades. Os alunos descontraem mais, e, ao contrário do que se poderia pensar, aprendem mais. Articula-se a racionalidade com a sensibilidade. São os conceitos da disciplina de Língua Portuguesa articulados à poesia.

Uma formação integral supõe no homem a abertura a todas as realidades que apresentam um valor. Para entusiasmar-se com o valioso – normas morais, valores éticos e religiosos, ideais de todo tipo – é preciso entrar em relação de presença, de encontro com o real. O modo mais pleno de encontro com a realidade se realiza através da participação criadora nas realidades circundantes. Como ocorre esta forma de participação, quais são suas fases, em que consiste essencialmente no-lo permite ver com exemplar clareza a experiência artística, interpretada de forma relacional, sem a parcialidade do subjetivismo e do objetivismo. (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 26)

Para López Quintás a formação integral do homem requer a sua apresentação a todas as realidades que tenham valor. Por sua vez, para o homem se entusiasmar com um valor e integrá-lo em vida é preciso que haja uma relação, um encontro entre eles. O autor sugere que esta relação pode ser realizada através da experiência artística. Para Perissé a arte é vital na educação de crianças e jovens, como segue:

Seja ou não componente obrigatório, o ensino da arte é necessário.[...] A arte-educação não deveria ser apenas um “componente”, uma ou duas horas semanais na vida do estudante, uma pincelada, um rascunho, um esboço.

Arte é vital para a criança, para o jovem, para o adulto. Pois é vital, para todos, conhecer e reconhecer no mundo e em nós mesmos a presença da criatividade. É vital, no contexto escolar, pois constitui uma forma de elaborar criativamente o que sabemos e sentimos, e de modo particular o que sentimos e não sabemos como definir e explicar. (PERISSÉ, 2009, p. 57)

Para o autor a arte não deveria ser uma parte no currículo, mas sim, deveria permear o cotidiano escolar do aluno, uma vez que a estética é de fundamental importância na vida humana, pois o ajuda a conhecer o mundo de forma criativa. A arte dialoga com a realidade, traz a reflexão e nos faz entender o mundo. A arte pode tornar o ser humano mais sensível aos problemas da humanidade. Perissé ainda escreve:

A arte tem razões que a própria razão desconhece, mas que depois a própria razão reconhece! A arte abre vias de acesso à realidade, a formas de visualização da realidade desconhecidas para as diversas ciências, mas que beneficiam todos, até os futuros cientistas. (PERISSÉ, 2009, p. 58)

Para o autor a arte pode evidenciar a realidade e arte unida à ciência. Para Perissé não precisamos pensar que a arte é adequada para este ou àquele grupo de pessoas, o autor acredita que todos podem se beneficiar da arte, até mesmo o futuro cientista. É o subjetivismo da arte auxiliando a compreensão do objetivo, do prático, da ciência.

Perissé escreve que:

Para apreciar e avaliar a beleza que há no mundo, ou numa obra de arte, ou no rosto de uma pessoa, ou na ação que alguém realize, ou num eletrodoméstico... não basta ter olhos para ver (ou ouvidos para ouvir, no caso da obra musical). É preciso possuir adequada disposição interior para apreciar e avaliar melhor, para interpretar melhor o que vemos/ouvimos. Essa disposição se liga à educação estética. (PERISSÉ, 2009, p. 27)

O autor discorre sobre *disposição interior*, o autor afirma que para a compreensão da arte temos que ter disposição para ouvir, entender, para que possamos, em uma segunda etapa, apreciar a obra de arte. Para Perissé precisamos adquirir o hábito da arte, precisamos

conhecer bem a arte, e para isso precisamos da educação estética. O professor precisa saber sobre a obra de arte, ele precisa conhecer o que está ensinando para que possa transmitir esse conhecimento. A princípio o aluno não precisa ter esse conhecimento, mas, precisa se habituar com essa possibilidade e ganhar experiência.

O aluno convencido de se empenhar em uma aula do Projeto de Poesia, ao final dela, pode adquirir conhecimento, valores etc. Sobre o empenho do aluno, López Quintás escreve que: “Tal forma de colaborar denomina-se “participar”, tomar parte ativa na configuração de um campo de jogo com realidades dotadas de poder de iniciativa” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.140). Para o autor o empenho, a participação do aluno é fundamental, e não basta prestar atenção à aula, o aluno terá que ser ativo no jogo de sentidos que a arte oferece. O professor, por sua vez, deverá influenciá-lo, de tal forma, que o aluno se sentirá bem naquela aula, e conseqüentemente se empenhará nela. Haverá, portanto, cumplicidade entre aluno e professor e a poesia será o motivo central dessa unidade.

Poesia e Gramática

Sobre a gramática da Língua Portuguesa. Hoje, infelizmente, a maioria dos alunos pensa que os elementos normativos da gramática que a escola quer que ele absorva não se enquadram em nenhuma atividade possível dentro do seu dia a dia, como por exemplo no uso da Internet em que o aluno se utiliza de uma linguagem escrita facilitada. Os alunos desassociaam os elementos da gramática normativa do seu cotidiano. Apesar, que, para o linguista Celso Pedro Luft em seu livro *Língua e Liberdade* a gramática normativa é dispensável, para ele “[...] o importante é comunicar [...]” (LUFT, 2001, p. 15), o aluno deve saber ler - compreender -, e saber se expressar através da fala ou escrita. De qualquer maneira, a poesia consegue satisfazer a qualquer um dos lados, a dos gramáticos, pois trabalha a coesão; e aos que como Luft privilegiam a comunicação, pois a poesia pode trabalhar a coerência, assim como a intertextualidade, pois aborda diversos assuntos. Em uma pesquisa feita no ano de 2007, com a quinta série A da escola citada anteriormente, a resposta do aluno Lucas Veríssimo traduz o que parece pensar a maioria:

Professora Rose: Você acredita que seria bom usar a poesia para aprender gramática de Língua Portuguesa?

Lucas Veríssimo: Poesia sim, gramática não. (Anexo IV)

Apesar da recusa do aluno, o ensino da gramática, pode e acredito que deve continuar seu curso, cujas normas devem ser ensinadas com a ajuda do livro didático e a poesia entra neste diálogo oferecendo exemplos do uso culto da língua.

Para a autora Nelly Novaes Coelho a gramática deve ser oferecida, pois “[...] sem os alicerces, nenhuma construção consegue erguer-se [...]” (COELHO, 1973, p. 06). Além da gramática a autora escreve seu pensamento sobre a importância de veicularmos na educação a assimilação de valores éticos e estéticos através da literatura. Segue um trecho da autora sobre o assunto:

Levá-lo [o aluno] a enriquecer seus pensamentos e visão de vida, pela assimilação fecunda dos valores éticos, estéticos e estilísticos, veiculados pelos textos e pelas atividades desenvolvidas durante o processo de aprendizagem. (COELHO, 1973, p. 07)

Portanto, a gramática foi levada até o aluno por meio do livro didático e também através de exemplos práticos contidos na poesia. Foi notada a melhora da linguagem (oral e escrita) do aluno, bem como pude perceber o enriquecimento do seu vocabulário na medida que os trabalhos avançaram no ano letivo.

A coesão e a coerência em textos escritos também fizeram-se notar na melhora das notas bimestrais, visto que agora também havia maior interesse nas avaliações da disciplina de Língua Portuguesa.

O interesse pela leitura também foi outro fator de notabilidade. Pude perceber a maior frequência desses alunos na biblioteca da escola, principalmente na busca por livros de poesias.

Capítulo II

Uma Experiência Didática: O Projeto de Poesia

A Importância da Poesia na Vida Escolar

O Projeto de Poesia, como escrevi anteriormente, procurou trazer mais interesse por parte dos alunos em sala de aula, bem como educá-los na noção de poesia, mas também para que a conhecessem e, se possível, gostassem dela. Mas aconteceu de, no desenrolar do projeto, eu verificar outros fatores que aumentaram a sua importância, ou seja a alfabetização poética trouxe outros benefícios, que não somente a do interesse do aluno, ou a da sua iniciação poética. Esses benefícios serão, ao longo desse capítulo, expostos mais detalhadamente.

O primeiro desses benefícios foi que a poesia revigora o pensamento. Abre e transforma o pensamento do professor e do aluno, à medida que acrescenta novas ideias. E, além disso, motiva o professor a continuar o processo de alfabetização poética e motiva o aluno a querer estudar sobre poesia e, conseqüentemente, sobre a disciplina de Língua Portuguesa de modo geral. Como professora, fui motivada pela poesia e por todo o processo do Projeto de Poesia e os alunos foram motivados pelo prazer que a poesia proporciona em sala de aula. Sobre esse assunto quero acrescentar o que Perissé escreve: “A educação poética renova, educando e educador; a linguagem inesperada é o âmbito desta renovação” (PERISSÉ, 2006b, p. 104). Para o autor a educação poética renova as mentes do aluno e do professor. O inesperado, o novo, que está no poema, cria um novo âmbito e quem interage com ele entra nesse âmbito e pode, ainda, gerar outros mais. Poderíamos afirmar, também, que o professor se inspira no poema, que por sua vez inspira os alunos. Adentrar no âmbito poético é transformador. A mensagem do poema passa a ser de quem o lê. A palavra poética conduz as pessoas a encontrarem novas realidades, mas

para isso, o professor e o aluno devem se entregar à poesia, devem estar à disposição para que isso ocorra.

Outros benefícios são que poesia promove o autoconhecimento, melhora a expressividade verbal e conhecimento de realidades outras, que não as dos próprios alunos, como bem escreve Perissé: “Esta educação estética, poética, pode levar uma pessoa a níveis melhores de autoconhecimento, de expressividade verbal, e de percepção do que pensam e fazem as outras pessoas” (PERISSÉ, 2006, p. 112). O autoconhecimento promove o conhecimento de outras realidades, e pode melhorar as relações pessoais dentro da sociedade. O autor afirma que a educação estética pode ajudar o aluno a se expressar melhor. A poesia pode proporcionar ao aluno condições de se conhecer melhor, ter melhor desempenho verbal e, assim, reunir condições para conhecer melhor o outro. Temos, ainda, o seguinte trecho de Perissé interessante para esse assunto: “A poesia é visão para a nossa cegueira” (PERISSÉ, 2006, p. 112). Para o autor a poesia pode nos ajudar a perceber o que não conseguimos entender facilmente. Muitas vezes temos questões que estão muito próximas, mas que necessitam ser pensadas, entendidas, necessitam de reflexão. A arte, a poesia pode sim, proporcionar essa reflexão para que possamos encontrar a compreensão sobre determinadas questões.

Beraldo escreve sobre a importância do poema como instrumento da “[...] reflexão sobre sentimentos, as idéias e acontecimentos na vida [...]” (BERALDO, 1999, p. 03). Assim como para Perissé, Beraldo acredita que a leitura de poemas pode trazer reflexão sobre ideias e acontecimentos da vida. Podemos afirmar que o aluno, através da poesia, pode refletir sobre a sua noção de mundo e também sobre acontecimentos na sua realidade.

Essas reflexões podem trazer ao aluno o hábito do pensar bem ou do pensar com rigor. O aluno acostumado à reflexão terá condições de discernir o melhor para a ele na sua vida escolar, não somente isso, esse hábito poderá proporcionar melhores escolhas na sua vida pessoal e também o ajudará a se formar como um futuro cidadão dentro da sociedade em que atua.

O aluno integra a sociedade, pois ele atua na casa em que vive, junto à sua família; no bairro em que mora, junto aos vizinhos etc.; na comunidade escolar, com colegas e funcionários da escola. No futuro ele atuará também no ambiente de trabalho e também

como provedor em sua própria família. Ou seja, ele atua em uma “esfera micro”, que é a parte da sociedade que está diretamente ligada a ele. Mas, outro aspecto relevante a ser explorado é que ele também faz parte de uma “estrutura macro”, que é a pessoa atua em um planeta, que está inserido em um contexto maior etc. e que precisa ser pensado. A consciência humana sobre o planeta Terra necessita ser trabalhada a fim de que haja maior consciência sobre a sua exploração exagerada.

Como citado anteriormente, Morin influenciou o Projeto de Poesia no que se refere à conscientização sobre o planeta Terra. Para o autor, a educação deveria contribuir para a conscientização da cidadania terrena. O autor escreve sobre o nosso lugar no Cosmos e também sobre as relações sociais em nosso planeta. Para Morin deveríamos nos preocupar com a ética e a tolerância entre as culturas (Cf. MORIN, 2005, p. 47-48-49-50-63-64-65). E nesse sentido o Projeto de Poesia trabalhou com a proposta de abordar temas ligados à conscientização da cidadania terrena no primeiro semestre. Todos esses assuntos, essa conscientização sobre a situação do homem no Universo e também no mundo trouxe à baila discussões sobre os cuidados com o nosso planeta e a mudança de atitudes simples como a de jogar o lixo no lixo.

Outro pensamento de Morin que me chamou a atenção foi o que o autor escreve sobre a separação ou fragmentação dos conhecimentos em diversas disciplinas e sobre como isso acaba por produzir mentes ou maneiras de pensar que não contextualizam:

[...] as mentes formadas pelas disciplinas perdem suas aptidões naturais para contextualizar os saberes, do mesmo modo que para integrá-los em seus conjuntos naturais. (MORIN, 2005, p. 40)

Para Morin as condições atuais formam pessoas que não têm aptidões para entender os processos em seus conjuntos naturais, ou seja, o aluno da contemporaneidade não está habituado a entender o saber integralmente, pois não o conhece em seu ambiente natural, visto que a escola descontextualiza o objeto estudado e trabalha o saber em disciplinas. Também temos o seguinte trecho de Morin em que o autor explica:

De fato, a hiperespecialização impede tanto a percepção do global (que ela fragmenta em parcelas), quanto do essencial (que ela dissolve). Impede até

mesmo de tratar corretamente os problemas particulares, que só podem ser propostos e pensados em seu contexto. (MORIN, 2005, p. 41)

As especializações separam o conhecimento e cada uma estuda e analisa a parte que lhe cabe, e por sua vez as disciplinas trabalham cada qual a sua matéria. As disciplinas tratam das partes e acabam por perder a essência do todo que estuda, pois está fragmentado. E o autor acrescenta que ocorre algo ainda pior, a pessoa passa a não ter mais aptidão para tratar de problemas particulares por não saber juntar as partes em sua unidade.

A partir desse pensamento imaginei que o poema, por tratar dos mais variados assuntos, permitiria maior integração dos saberes, contudo, não seria possível fazer isso se atendêssemos às exigências das separações disciplinares sobre os conceitos em questão. Ficaria muito difícil entender um poema delegando a cada disciplina a explicação desse ou daquele assunto. A solução foi a de eu estudar antecipadamente determinados assuntos a serem apresentados em sala de aula ou, até mesmo, fazer parcerias com os professores de algumas disciplinas para o melhor entendimento de alguns conceitos.

Outro benefício que a poesia trouxe foi a absorção de alguns valores. Para López Quintás é fundamental a assimilação de valores através da arte e a sua condução deve ser desenvolvida no processo de aprendizagem escolar. Para compreender melhor a teoria de López Quintás, exporei a seguir o seu pensamento acerca do que seja valor.

O autor explica que a palavra valor tem sua origem do latim *valere* e, entre outros significados, temos: “ter força, estar em forma, ter possibilidade de jogo vital” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 430). Para o autor podemos chamar de valor “[...] a piedade, a justiça, o amor, a generosidade, a unidade, a colaboração...[...]” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.430). Para o autor valores como esses oferecem grandes possibilidades de ação com pleno sentido. Para López Quintás, mais que qualidades, os valores são fonte de vida. O autor escreve:

Mais do que qualidades, os valores entendidos dessa maneira, são fonte de vida em plenitude. Por isso apelam ao homem, pedem para serem realizados, impõem-se, têm decisão para fazerem-se valer, já que são eficazes por causa do jogo que proporcionam na trama de ações e acontecimentos que tecem na vida humana. Os valores em virtude disso,

desempenham o papel de meta na vida do homem. Este, ao configurar a sua vida, deve dar a dimensão do valor, ajustar-se a ele, cumprir suas exigências. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.430)

Para López Quintás os valores são persuasivos por si só, eles valem-se por si. Uma vez que o aluno reflete e entende um valor, sem a intervenção de ninguém o valor passa a atuar na vida desse indivíduo, pois são eficazes por si só. O jogo que a arte oferece traz a reflexão e a conseqüente compreensão. A absorção dos valores desempenha um papel importante na vida do indivíduo, bem como para a sociedade. O indivíduo, ao construir sua vida, deve saber quais são os valores caros à sua vida e à sociedade. A arte educa, na medida em que transmite valores. Perissé escreve o seguinte trecho sobre esse assunto:

A arte educa, não porque coloque diante dos nossos olhos um manual de virtudes e boa conduta, ou um guia que nos ajude a ser bem-sucedidos na vida. Um poeta, um romancista, um dramaturgo, um cineasta, um músico, um escultor nos educam na medida em que nos fazem ver. São educadores que não ministram aulas, não aplicam provas e testes, não distribuem notas, não cobram a lição de casa, não reprovam nem aprovam. (PERISSÉ, 2009, p. 38-39)

Para Perissé a arte educa, não por trazer todos modelos de boas qualidades, alguns deles considerados adequados para o bom funcionamento da sociedade, outros inadequados. A poesia traz todos os valores, independente de serem bons ou maus, visto que os artistas tratam dos mais variados assuntos, e eles nos fazem pensar, trazem a reflexão, e a mensagem do poema nos faz avaliar o que há de bom ou ruim no mundo. Perissé escreve que a arte não coloca ninguém à prova e também não cobra lição de casa, mas a arte educa, despretensiosamente educa, na medida em que nos traz o entendimento sobre outras realidades.

Ainda sobre valores, na autobiografia de Morin, no último capítulo - *A Crueldade do Mundo* - (Cf. MORIN, 2003b, p. 271) -, o autor escreve, logo no início, sobre como o Cosmos e o planeta Terra se originaram, depois o autor escreve sobre a condição física dos animais no nosso planeta e um pouco mais adiante sobre a barbárie humana. Morin ressalta que, apesar das crueldades, a humanidade tem sobrevivido, mas o autor nos chama a

atenção para os riscos que corre a humanidade, em que ela mesma é a *vilã*. Escreve sobre a “consciência humana” e ele nos faz pensar sobre a urgência de uma reflexão sobre os *valores* que são realmente importantes para a existência da humanidade. Nessas ideias o Projeto de Poesia se inspira para as discussões em sala de aula. O aluno é convidado a refletir sobre os valores que realmente importam para a sobrevivência humana na terra, que deveria ser de forma harmoniosa e também ética. Sobre esse assunto Izabel Cristina Petraglia escreve que:

Trata-se de uma mudança de mentalidade e postura diante de sua compreensão de mundo, de um renovar e renovar-se, sempre, a caminho de uma concepção multidimensional e globalizante, em que a pessoa, mais que o indivíduo, torna-se sujeito planetário, a partir da auto-eco-organização. (PETRAGLIA, 2005, p. 73-74)

A autora sugere que deva ocorrer uma mudança na compreensão e na postura humana sobre a condição terrena. Ou ainda, na percepção das pessoas sobre o mundo para a compreensão da continuidade da existência humana na Terra, agora globalizada.

Para Perissé, “desenvolver nossa sensibilidade para o artístico é uma questão de sobrevivência, na medida em que integre um projeto de humanização”. (PERISSÉ, 2009, p. 90). O autor escreve que desenvolver a sensibilidade através da arte na educação é uma questão de sobrevivência humana, pois a arte pode humanizar, ou seja, a arte pode sensibilizar o homem, torná-lo mais humano, mais civilizado.

Percebe-se nas civilizações modernas que os homens procuram adequar, o que quer que seja, às suas necessidades pessoais. O homem tem percebido que esse pensamento pode destruir o planeta e tudo o que nele habita. A vida prática tem levado o homem a não pensar sobre o seu real papel dentro da sociedade no planeta Terra. A poesia é sensibilizadora e pode ajudá-lo nessa tarefa. Sobre isso, Morin expõe seu pensamento sobre a importância da poesia na vida humana e explica seu pensamento acerca do que seja prosa e poesia na vida das pessoas. Segue um trecho sobre o assunto:

Reconhecemos a poesia não apenas como um modo de expressão literária, mas como um estado segundo do ser que advém da participação, do fervor,

da admiração, da comunhão, da embriaguez, a exaltação e, obviamente, do amor, que contém em si todas as expressões desse segundo estado. A poesia é liberada do mito e da razão, mas contém em si sua união. O estado poético nos transporta através da loucura e da sabedoria, e para além dela. (MORIN, 2003, p. 9)

O autor escreve que os indivíduos vivem em dois estados, que o autor nomeia de primeiro e segundo. O primeiro estado é regido pela razão, pela prosa etc. O segundo estado é regido pelo amor, pela poesia etc. Para Morin há uma relação dialógica em tudo, sempre há dois opostos, nesse caso a prosa e a poesia. Para o autor os dois opostos são complementares, portanto uma pessoa vive em estado primeiro, o prosaico, mas também precisa viver em estado segundo, o poético, que contém em si a loucura e a sabedoria, e pode, ainda, transpô-lo.

Baseada no pensamento de Morin, posso concluir que a vida é composta de prosa, que traduz tudo que há de prático na vida, como o trabalho, cumprimentar alguém, ir ao médico etc. e também de poesia, já que a poesia está relacionada ao amor, à arte etc. Portanto, para que vivamos plenamente, necessitamos de prosa e poesia. Se aplicarmos esse pensamento na educação, o aluno precisa das vivências práticas ou prosaicas, precisa do conhecimento, ou seja, do desenvolvimento da sua racionalidade pensante e também da poesia, como uma expressão importante da arte, que envolve muito da sua emocionalidade.

O aluno precisa saber questões lógicas de matemática, precisa do conhecimento sobre os átomos através das aulas de ciências, da gramática de Língua Portuguesa etc., mas precisa também da arte. O aluno precisa de poesia. Podemos concluir que para Morin o processo educativo não deveria ocorrer sem que houvesse prosa e poesia.

Segue um pensamento de Perissé que se relaciona ao assunto:

De qualquer modo, a primeira pergunta retórica vale para todos, e todos poderiam concordar que o mundo melhor a ser construído pressupõe sabermos contar às crianças e aos jovens uma história convincente e reveladora. Uma história cujo poder revelatório afete nossa imaginação, nossos sentimentos, nossas emoções, nossa maneira de pensar e julgar, e,

por conseguinte, quebre o círculo perverso que nos prende à maldade, à intolerância, à guerra, à crueldade. (PERISSÉ, 2009, p. 77)

Para Perissé todos deveriam ser capazes de contar histórias persuasivas, justamente por serem *reveladoras*. Essas histórias, por serem também criativas mexeriam com a imaginação das pessoas, as fariam pensar, discernir e, conseqüentemente, quebrariam com a tendência humana à crueldade, à intransigência etc. Segue um outro trecho sobre o assunto:

Seja o professor ou a professora especialista em Biologia, Física, Matemática, Geografia, Educação Física ou língua estrangeira... o que importa é saberem contar histórias reveladoras. Contadas com beleza, para atrair e manter a atenção, uma vez que já não exercemos aquela antiga autoridade (ilusória, de certo modo, mas eficaz) que concedia aos professores o direito à primeira e à última palavra, sem discussões. (PERISSÉ, 2009, p. 78)

Para Perissé os professores de todas as disciplinas deveriam saber contar histórias para manter a atenção dos alunos nas aulas. E deveriam fazê-lo com beleza, para atrair a atenção do aluno e convencê-lo. O autor escreve que a autoridade já não é mais exercida como nos antigos padrões, e acrescenta que era, até de certo modo, eficiente. O autor sugere que há outras formas de atrair e convencer o aluno hoje em dia.

Se pensarmos sobre os poemas, perceberemos que muitos deles são pequenas histórias, pequenas narrativas e essas provocam a reflexão das várias realidades. Trazer a reflexão através de histórias revelatórias pode mudar o pensamento de muitas pessoas e, conseqüentemente, trazer uma posição em relação ao mundo, às ações perante a sociedade. Se fizermos um paralelo do pensamento de Perissé com a realidade do Projeto de Poesia na vida escolar, podemos concluir que através dessas pequenas narrativas, o aluno terá condições de formar juízos de valores sobre as realidades, bem como distinguir os valores bons dos ruins. O aluno terá condições de romper com o círculo *que nos prende à maldade*, como escreve Perissé. Sobre a crueldade Morin também discorre, sendo que o autor se utiliza do termo “barbárie”, como segue:

O século XX foi da aliança entre duas barbáries: a primeira vem das profundezas dos tempos e traz guerra, massacre, deportação, fanatismo. A segunda gélida, anônima, vem do âmago da racionalização, que só conhece o cálculo e desconhece o indivíduo, seu corpo, seus sentimentos, sua alma, e que multiplica o poder da morte e da servidão técnico-industriais. (MORIN, 2005, p. 70)

Nesse trecho, Morin discorre sobre a barbárie humana. Para o autor a barbárie traz a guerra, o massacre, o fanatismo etc., e explica que também há uma outra barbárie que está mais ligada aos tempos atuais, esta barbárie está presente na racionalização, que gera atitudes gélidas, de uma sociedade fria e calculista, que só pensa no poder que o dinheiro pode trazer. A arte pode ser um bom “antídoto” para esta barbárie.

Percebi nas obras de diversos autores que a guerra é motivo de preocupação. López Quintás, Adorno escrevem sobre isso, e Morin também, como vimos acima, talvez porque viveram na época das guerras mundiais. López Quintás escreve que: “Para evitá-lo [o erro da guerra], é preciso orientar a vida para um ideal ajustado ao próprio ser como pessoa. O ideal de “saber para poder...” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 41). Para o autor devemos estimular o aluno a encontrar um ideal para orientar sua vida e o caminho é o saber, pois o saber pode orientar as pessoas para que evitem o erro das guerras e atrair boas oportunidades na sociedade no futuro dessas pessoas. Para Adorno: “Qualquer debate acerca das metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita” (ADORNO, 2006, p. 119). Adorno discorre longamente sobre as ameaças de acontecer novamente o que aconteceu em Auschwitz em decorrência da segunda guerra mundial, para o autor a educação deve ter o compromisso de educar os jovens para que haja maior consciência sobre os riscos dessa repetição.

Não tenho a guerra como medo maior, mas como professora da rede estadual de ensino público, pude perceber a violência em ações cotidianas e corriqueiras dos alunos como: No trato com os colegas, na falta de gentileza com os funcionários da escola, na depredação do edifício escolar, no rasgar de um livro da biblioteca etc. Tudo parece estar banalizado e passa a fazer parte do cotidiano dos alunos: A violência gratuita e sem sentido, o tráfico de drogas, o desrespeito para com o professor. Essa violência diária me chamou

muito a atenção desde o início do magistério. Os alunos, muitas vezes, se mostravam alterados em sala de aula, o que dificultava muito o controle da situação.

Diante de todos esses problemas, alguns professores agem com rispidez e conseguem controlar a classe pela autoridade, pela rigidez, mas esse nunca foi o meu estilo de trabalho. A solução foi trabalhar a sensibilidade do aluno. A poesia se mostrou uma excelente ferramenta de trabalho, trazendo o aluno à reflexão, ao sentimento, à calma, à criatividade. A mescla da prática da disciplina de Língua Portuguesa com a sensibilidade da poesia trouxe resultados rápidos e positivos.

Em consonância com a prática do Projeto de Poesia, encontrei na teoria de López Quintás uma sugestiva explicação teórica. A estética, a arte me fornecia as ferramentas necessárias para melhor atuar no magistério. Na minha prática de professora sempre tive a preocupação da cultura do homem e para o homem. No meu entendimento eu deveria procurar elementos na cultura humana que trouxessem a reflexão. A poesia, nesse momento, atuou como formadora no processo educativo dos alunos envolvidos no Projeto de Poesia. Assim como López Quintás, Perissé também acredita na arte como formadora. Segue um trecho sobre o assunto:

Aprender a viver esteticamente significa pensar, imaginar, sentir, falar e mover-se em sintonia com os valores formadores e transformadores da literatura, da pintura, do cinema, do teatro, da música, etc. De posse desses valores, ou melhor, possuído por esses valores, escolho um papel para interpretá-los. (PERISSÉ, 2009, p. 78)

Para o autor, a estética - a poesia - pode ajudar a pessoa a pensar, imaginar, sentir, etc. A arte pode ajudar o indivíduo a encontrar os valores formadores e essenciais à sociedade. Ou seja, a literatura, a poesia, fornece ao aluno exemplos de valores. O indivíduo que assume esses valores, atuará melhor na sociedade e futuramente terá condições de fazer escolhas mais acertadas. A poesia como ferramenta de formação humana pode ajudar na condução desses jovens junto à sociedade.

Também para Perissé a arte toma especial importância no campo da educação pelo seu poder formativo e também como fonte de questões humanizadoras, como segue:

Contudo, não se trata realmente de substituir as informações por outras “coisas”, ou recairemos no vício do instrucionismo. Se aprender não for uma fonte humanizadora, para que servem a sala de aula, os livros didáticos, [...] (PERISSÉ, 2009, p. 41)

Para Perissé a função fundamental da educação escolar é o de ensinar para a humanização, se não, a escola recairá no problema de somente transmitir informações aos alunos sem uma finalidade maior. A poesia pode educar, pode transmitir conceitos, e também pode humanizar. Pode educar na medida em que compartilha o conhecimento e pode humanizar, pois de tão humanizada a poesia também humaniza.

Por ter contato com autores que se diziam “humanistas” e López Quintás é a influência máxima nessa dissertação, meu pensamento está direcionado nesse sentido. Percebo que o Projeto de Poesia também tomou essa direção, entretanto sem o sentido pleno, pois eu ainda não tinha o conhecimento necessário que me guiasse ao humanismo. Mas, pude notar em minha recente análise do Projeto de Poesia alguns pontos que coincidem com essa filosofia.

Segue abaixo um trecho do pensamento de Morin sobre o mesmo assunto:

Ensaiarei sustentar a seguinte tese: o futuro da poesia reside em sua própria fonte. Mas que fonte é essa? É difícil perceber. Ela se perde nas profundezas humanas tanto quanto nas profundezas da pré-história, onde surgiu a linguagem, nas profundezas dessa embalagem estranha que é o cérebro humano. Gostaria de adiantar algumas ideias preliminares para falar de poesia. (MORIN, 2003, p. 35)

Para Morin *o futuro da poesia reside em sua própria fonte* e explica que essa fonte é o pensamento humano, que surgiu na pré-história, momento que surgiu a linguagem. Para o autor o pensamento humano é uma fonte de poesia, portanto podemos presumir que essa fonte é inesgotável de inventividade e criatividade, desde que cuidemos dela, se não ela um dia “seca”. Morin afirma que a poesia está lá, nessa embalagem chamada cérebro, mas que está nas *profundezas*, ou seja a poesia está no pensamento humano, mas precisa ser buscada, pois ela pode estar “escondida”. O autor ainda escreve:

Se a poesia transcende sabedoria e loucura, é necessário aspirarmos a viver o estado poético e assim evitar que o estado prosaico engula nossas vidas, necessariamente tecidas de prosa e poesia. (MORIN, 2003, p. 10)

Para Morin a poesia é transcendental, ela transcende a sabedoria e a loucura. Para o autor a poesia é necessária, pois o estado prosaico pode “engolir” nossas vidas, ou seja a poesia é necessária às nossas vidas, pois a praticidade do estado prosaico pode limitar a vida de um indivíduo, não deixá-la plena. O autor afirma que a vida tem que ser necessariamente composta de prosa e poesia. Esse diálogo entre prosa e poesia, entre sabedoria e loucura, pode reciprocamente se complementar. “A sabedoria pode problematizar o amor e a poesia, mas o amor e a poesia podem reciprocamente problematizar a sabedoria” (MORIN, 2003, p. 10). Para Morin os opostos se problematizam e se complementam.

Em seu livro *Amor, Poesia e sabedoria* Morin faz constantes críticas ao excesso de razão, como segue: “A razão do racionalismo tornou-se auto-suficiente e providencial: “A razão guia nossos passos.”” (MORIN, 2003, p. 55). Morin explica que o racionalismo tornou-se autônomo e perfeita explicação para aquele momento – desde o Iluminismo –, depois o autor ironiza o fato de a humanidade ser guiada pela razão. O autor sugere que seria melhor ser guiada pela poesia, ou pelo amor, ou melhor pelo amor, poesia e pela sabedoria. Morin escreve: “Amor e poesia, quando concebidos como fins e meios do viver, dão plenitude de sentido ao “viver por viver”. (MORIN, 2003, p. 10). Para o autor a razão pode gerar sujeitos que *vivem por viver*, ou seja a vida passa a não contar com o prazer e sentimento que a poesia proporciona. Para Morin o amor e a poesia oferecem vidas mais plenas de sentido.

Acredito ser necessário dizer que o homem a habita [a terra], simultaneamente, poética e prosaicamente. Se não houvesse prosa, não haveria poesia, do mesmo modo que a poesia só poderia evidenciar-se em relação ao prosaísmo. Em nossas vidas, convivemos com essa dupla existência, essa dupla polaridade. (MORIN, 2003, p. 36)

Para o autor o homem habita a terra poética e prosaicamente, e que esse é o convívio pleno, em que uma garante a existência da outra. Para Morin essa é a condição da

existência humana na terra: a dupla polaridade. Ou seja, são os dois opostos que coexistem e se completam.

O objetivo que permanece fundamental na poesia é o de nos colocar num estado segundo, ou, mais precisamente, fazer com que esse estado segundo converta-se em um estado primeiro. O fim da poesia é o de nos colocar em estado poético. (MORIN, 2003, p. 43)

Para Morin o objetivo fundamental na poesia é de nos colocar, no que o autor chama de *estado segundo*, ou *estado poético*. O *estado primeiro* seria o *estado prosaico*, pois é mais objetivo, mais cotidiano e voltado para subsistência. Já o *estado segundo* nos oferece o deleite, uma vida com sentimentos e emoções. Para o autor o estado segundo deveria se converter em estado primeiro. Assim, nosso cotidiano se tornaria mais prazeroso e melhor. Nossas ações seriam feitas pelo caminho do sentimento. O autor sugere que dessa forma a vida seria humana seria melhor.

Ainda sobre o humanismo, Perissé escreve que “[...] o poema poderia ajudar a resolver um problema prático, se fosse lido como fonte de ações humanizantes” (PERISSÉ, 2006, p. 89). Para o autor o poema poderia resolver problemas práticos que estão presentes no nosso cotidiano. O poema humaniza quando através de uma [...] neblina [...] (PERISSÉ, 2006, p. 109), de um mistério ou de uma metáfora nos mostra o “[...] óbvio, que está a um palmo do nosso nariz [...]” (PERISSÉ, 2006, p. 109). Muitas vezes a pessoa tem a verdade bem próxima de si, mas ela precisa de algo que a faça refletir sobre aquela questão, para que finalmente chegue até ela. A mensagem, que na maioria das vezes está implícita no poema, em um primeiro momento, não nos deixa perceber a verdade poética, mas que é tão reveladora. A mensagem vem envolvida em um mistério e só será revelado depois de decifrado o jogo. E esse mistério não pode ser retirado, pois isso desumanizaria o poema. Sobre esse assunto Perissé escreve: “A transparência absoluta resultaria na nossa desumanização, como animais ou como anjos” (PERISSÉ, 2006, p. 111). Para o autor, sem esse “mistério” seríamos *animais irracionais* ou *anjos*, que não necessitam de qualquer raciocínio. Humanizar, ou seja tornar o indivíduo mais humano e mais sensível seria um dos preceitos da educação, pois isso tornaria o indivíduo conseqüentemente mais ético, pois a poesia aponta para valores necessários à boa convivência humana.

A formação literária, poética, artística, humanizadora, jamais envelhece, e continuará sendo a melhor orientação para descobrirmos novos rumos. E o motivo é simples: somente sendo seres humanos poderemos retomar o antigo rumo: humanizar o ser humano. (PERISSÉ, 2006, p.137)

Perissé escreve que a formação artística continua sendo imprescindível dentro da educação. Educar fazendo uso da literatura, da poesia continua sendo o melhor rumo a ser tomado pela escola, pois esse é o rumo da humanização.

O ser humano carece de condução para o caminho do conhecimento e também da sensibilidade. Bem como para o caminho reto que leva à ética e aos valores que são imprescindíveis para a boa convivência em sociedade, mas este ainda tem sido um desafio para a sociedade contemporânea, talvez este seja um caminho que tenhamos que procurar percorrer sempre. A poesia pode conduzir à reflexão. Através da arte, da beleza, trazendo para a vida das pessoas aspectos sensíveis e sensibilizadores, que são aspectos importantes dentro do processo humanístico.

Ensinar Poeticamente

Para ensinar poesia o professor educa poeticamente, e com poemas. Ele procura fazer da sua aula uma obra de arte, para que os poemas possam entrar nas mentes e no gosto dos alunos. O professor inspirado na poesia e em suas aulas com poesia, certamente inspirará seus alunos. O professor que age dessa maneira poderá formar futuros leitores de poesias, e até mesmo, futuros poetas. As aulas passam a ter um novo atrativo e uma motivação, a poesia. A aula não precisa ser sempre “sisuda” e a poesia tem esse poder, o de descontrair sem perder o foco na educação, pois o aluno trabalha a informação, sem perder a imaginação e a criatividade.

Perissé escreve que:

Esta ampliação da consciência é objetivo fundamental do ensino. Mais do que trazer dados e informações para a sala de aula, cabe aos professores (o “como fazer” é que é problemático) oferecer espaço para que o aluno aprenda. Deixar aprender mais do que ensinar, eis a difícil-fácil tarefa. Sugerir mais do que explicar. Ou em outros termos – permitir que o contato vivo com a literatura traga à tona temas vitais, faça brotar a reflexão responsável, compromissada e entusiasmante. (PERISSÉ, 2006, p. 52)

Para o autor o poema proporciona *ampliação da consciência*. Esta ampliação está relacionada à criatividade. O sujeito que é capaz de recriar realidades em sua mente, será capaz de aprender mais e com maior qualidade. A poesia oferece fatores que auxiliam nessa aprendizagem. Para o autor, cabe ao professor estimular esse trabalho, não oferecer respostas prontas, mas sim ajudá-lo a desenvolver o raciocínio. Para Perissé o professor deve somente sugerir e oferecer a chance de aprender através da reflexão. A poesia, por estar ligada ao jogo, ao lúdico, à metáfora, tem a facilidade de proporcionar a reflexão, cabe ao professor oferecer isso com entusiasmo e compromisso.

A Poesia e a sua Linguagem

Para melhor entendimento sobre a poesia e a sua linguagem, faz-se necessária a diferenciação entre poesia e poema. Como é de conhecimento geral, há diferenças conceituais entre esses dois termos. Resumidamente podemos classificar o poema como o “expressar humano realizado através de palavras” e na maioria nos casos escritos e organizados em versos e estrofes. Também, o poema terá sempre uma mensagem, em geral, metafórica.

Já a poesia está presente em diversas atividades artísticas e marca a “beleza” presente na obra. Perissé escreve que “Não gostaria de restringir a poesia à noção de texto em versos livres ou “presos”, distribuídos em estrofes, rimas” (PERISSÉ, 2006, p. 97). Para o autor a poesia, não se restringe ao poema, mas está presente em todas as obras de arte. A poesia é uma forma especial de linguagem, mais dirigida aos enigmas e à sensibilidade. A poesia transmite sobretudo emoções. Para nos encontrar com a poesia temos que nos entregar a ela e deixá-la entrar em nossas mentes e gerar os mais diversos sentimentos.

A palavra escrita, pensada ou falada, guarda seus significados e através dela a linguagem poética se dá. Perissé escreve que “os sentimentos, nebulosos, querem definir-se na palavra viva e convincente, ativa e ativadora” (PERISSÉ, 2006, p. 15). Para o autor os pensamentos, em um primeiro instante, são nebulosos, e este só vai ser organizado a partir da palavra.

Para a filosofia o pensamento não é possível sem a linguagem. E, podemos afirmar, que a linguagem, em seu sentido original, não é possível sem palavra. A palavra, como parte fundamental para a linguagem poética, deve ser seletiva e algumas vezes tem seu sentido modificado, o poeta sempre a emprega para explicitar uma determinada realidade. Perissé escreve:

A palavra literária, a palavra poética, a palavra criadora é busca de luz, ampliação da consciência, multiplicação das possibilidades, colheita de inspirações, recriação dos sentimentos (PERISSÉ, 2006, p. 131).

Para o autor a palavra literária, poética ativa o pensamento, a imaginação das pessoas, busca o esclarecimento, traz a criatividade, desperta sentimentos.

Também, sobre imaginação López Quintás escreve:

- A imaginação permite que o homem descubra uma forma muito fecunda de domínio: a que exercem as realidades dotadas de poder integrador sobre os elementos em que se expressam. Esta forma de integração floresce em perfeição ética, em equilíbrio espiritual e em eclosão de beleza. (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 25)

Para López Quintás a imaginação permite que as pessoas descubram, de forma fecunda, conceitos. Esses conceitos são adquiridos através de elementos expressivos, como a poesia, que carrega consigo realidades dotadas de poder integrador. Essas realidades são formas de integração do homem como a ética, o equilíbrio espiritual e a beleza.

A palavra “poesia” deriva do grego *póiesis*, que significa produzir, fazer, criar. Na antiguidade a poesia era ritual, entretenimento, enigma, profecia, filosofia, competição e o poeta era visto como um sábio, assim como ocorrera com Hesíodo e Homero na Grécia. Hoje a poesia está mais ligada ao divertimento, ao entretenimento, mas a palavra poética não é só isso e poderia ser vista novamente como algo que tem uma mensagem importante a transmitir. A poesia tem seu lado lúdico e está além da seriedade ou da alegria. A poesia está no sonho, no desespero, no amor, no êxtase, enfim, na imaginação. A poesia é um jogo que está entre o real e o imaginário, e que nos faz pensar.

Já foi exposto o pensamento de Morin acerca do prosaico e do poético, mas quero voltar a essa questão, agora sob a perspectiva da linguagem, ou seja da linguagem prosaica e da poética. Para Morin, a linguagem está separada em duas partes, a *racional* e a *simbólica*, como segue:

Inicialmente, é preciso reconhecer que, qualquer que seja a cultura, o ser humano produz duas linguagens a partir de sua língua: uma racional, empírica, prática, técnica; outra, simbólica, mítica, mágica. A primeira tenta precisar, denotar, definir, apóia-se sobre a lógica e ensaia objetivar o que ela mesma expressa. A segunda utiliza mais a conotação, a analogia, a

metáfora, ou seja, esse halo de significações que circunda cada palavra, cada enunciado e que ensaia traduzir a verdadeira subjetividade. Essas duas linguagens podem ser justapostas ou misturadas, podem ser separadas, opostas, e a cada uma delas correspondem dois estados. O primeiro, também chamado de prosaico, no qual nos esforçamos por perceber, raciocinar, e que é o estado que cobre uma grande parte de nossa vida cotidiana. O segundo estado, que se pode chamar de “estado segundo”, é o estado poético. (MORIN, 2003, p. 35)

Para o autor a linguagem racional é empírica, prática, técnica e segue um raciocínio lógico – o da prosa. Já a linguagem simbólica é mítica, mágica, metafórica – a da poesia -. Para Morin a poesia traduz a verdade humana, que se mostra através da subjetividade. A linguagem pode conter esses dois estados, mas esses podem ser separados, opostos, ou justapostos, misturados isso vai depender de quem dispõem dela. Ou seja, o prosaico pode estar misturado ao poético, ou pode ser totalmente separado - ou é poético ou é prosaico. Morin segue em seu texto e conta: “Nas sociedades arcaicas [...] Na vida cotidiana, o trabalho era acompanhado de cantos e ritmos, [...] Tomemos como exemplo a preparação da caça testemunhada pelas pinturas pré-históricas [...]” (MORIN, 2003, p. 37). O autor explica que nas sociedades arcaicas o homem misturava o trabalho cotidiano com danças, ritmos, pinturas, ou seja ele misturava o prosaico e poético, e o autor nos chama a atenção para explicar o que acontece hoje: “ Em nossas sociedades contemporâneas ocidentais operou-se uma disjunção entre os estados da prosa e da poesia” (MORIN, 2003,p.37). Para o autor houve uma separação entre a prosa e a poesia, isso ocorreu porque a sociedade passou a acreditar que a poesia estaria relegada no prazer, no divertimento. Já para algo dito como sério e verdadeiro, estaria ligado à prosa:

Ocorreu, igualmente, a partir do século XVII, uma outra dissociação entre uma cultura dita científica e técnica e uma cultura humanista, literária, incluindo a poesia. Foi a partir dessas dissociações. Foi a partir dessas duas dissociações que a poesia autonomizou-se e tornou-se estritamente poesia. Separou-se da ciência, da técnica e, evidentemente, separou-se da prosa. (MORIN, 2003, p. 37)

Inicialmente, podemos nos referir a uma grande expansão da hiperprosa, que se articula à expansão de um modo de vida monetarizado, cronometrado, parcelarizado, compartimentado, autonomizado e de um modo de pensamento no qual os especialistas consideram-se competentes para todos os problemas, igualmente ligados à expansão econômico-tecnoburocrática. Diante dessas condições, penso que a invasão da hiperprosa cria a necessidade de uma hiperpoesia. (MORIN, 2003, p. 40)

Nesses dois trechos Morin explica que a prosa e a poesia se desprenderam, ou melhor, desprenderam-nas uma da outra, e conta que a partir do século XVII o mundo tornou-se mais cientificista e a partir daí só existiam dois caminhos o da ciência que estaria mais ligada à prosa e o da poesia, que estaria “Relegada no lazer e no divertimento [...]” (MORIN, 2003, p. 38). A poesia não estaria mais nas leituras ditas *sérias* e se restringiria aos assuntos de menor importância, como o próprio autor escreve: “[...] inferiorizado [...]” (MORIN, 2003, p. 38). A vida passou a ter valores práticos, ligados ao dinheiro, ao tempo, a tecnicidade. Mas o autor nos alerta para as necessidades a que ele chama de hiperpoesia. Morin explica que todos necessitam de poesia em suas vidas.

A poesia pode ser encontrada de diversas formas, como bem explica Morin: “O estado poético pode ser produzido pela dança, pelo canto, pelo culto, pelas cerimônias e, evidentemente, pelo poema” (MORIN, 2003, p. 36). A poesia, elemento importante da arte é percebida de várias formas, na música, na dança, no poema. O autor ainda explica para que nos serve a poesia: “Em resumo, multiplicidade da afetividade contribui para o desenvolvimento da inteligência” (MORIN, 2003, p. 53). Morin acredita que a afetividade pode contribuir para o desenvolvimento da inteligência. A poesia pode deflagrar a afetividade e, por sua vez a afetividade deflagra a inteligência nas pessoas. Morin discorre mais sobre afetividade:

A linguagem humana não responde apenas a necessidades práticas e utilitárias. Responde a necessidades de comunicação afetiva. A linguagem humana permite dizer palavras gentis, mas permite, igualmente, falar por falar, dizer qualquer banalidade, pelo prazer de se comunicar com o outro.

Portanto, inteligência e afetividade são correlacionadas [...] A efetividade é aquilo que, ao mesmo tempo, nos cega e nos ilumina, mas a afetividade humana inventou algo que não existia: o ódio, a maldade gratuita, a vontade de destruir por destruir. (MORIN, 2003, p. 53)

Morin afirma que a humanidade possui uma linguagem prática e utilitária para seu cotidiano. Mas, também, possui uma linguagem afetiva que está mais ligada às palavras gentis, ao prazer de se comunicar etc. Para o autor inteligência e afetividade estão relacionadas, são interdependentes. Para Morin a linguagem está ligada à inteligência, que está ligada à afetividade, aos bons sentimentos, mas também à cólera, ao ódio etc.

No magistério percebi, ao longo dos anos, que a educação necessita da quebra na racionalidade e descobri que a poesia, nela contida a afetividade, poderia desempenhar esse papel. A mistura da racionalidade e da sensibilidade se liga à inteligência. Morin nos chama a atenção para:

Encontramo-nos em uma sociedade que tende a disjuntar prosa e poesia e na qual há uma imensa ofensiva da cor rosa ligada ao desenvolvimento técnico, mecânico, gélido, cronometrado em que tudo se paga, tudo é monetarizado. (MORIN, 2003, p. 59)

Para Morin a sociedade contemporânea tende a separar a prosa e a poesia. Para o autor o mundo encontra-se muito técnico, mecânico, gélido, cronometrado, monetarizado, ou seja, o mundo está muito lógico, não há poesia no dia a dia. Morin escreve que a nossa sociedade tende a separar, a *disjuntar*.

Sobre linguagem, gostaria também de escrever sobre o pensamento de Heidegger acerca da questão. Portanto, devo fazer algumas inserções sobre o pensamento do autor. Heidegger é um dos mentores intelectuais de López Quintás. A linguagem como um lugar para morar:

Para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala da linguagem, a fim de conseguirmos morar na linguagem, isto é, na *sua* fala e não na nossa. Somente assim é possível alcançar o âmbito no qual pode ou não acontecer que, a partir desse âmbito, a linguagem nos confie o seu modo de ser, a sua

essência. Entregamos a fala à linguagem. Não queremos fundamentar a linguagem com base em outra coisa do que ela mesma nem esclarecer outras coisas através da linguagem. (HEIDEGGER, 1996, p. 09)

Em outra passagem de Heidegger sobre linguagem o autor escreve a seguinte explicação:

O que se diz genuinamente é o poema. Deixamos essa frase soar, por enquanto, como simples asserção. Precisamos agir assim, caso seja possível escutar num poema o que se diz genuinamente. Mas que poema é capaz de nos falar? Agora só temos uma escolha, assegurada contra qualquer arbitrariedade. O que confere essa segurança? O que já está sendo pensado com a essência da linguagem quando pensamos desde a *fala da linguagem*. Seguindo essa condição, escolheremos como o que se diz genuinamente um poema, que mais do que outros pode nos ajudar a dar os primeiros passos na experiência do condicionante dessa condição. (HEIDEGGER, 1996, p. 12)

Inicialmente Heidegger confere ao poema genuinidade. Depois, didaticamente, o autor nos sugere a reflexão a respeito dessa afirmação. O autor explica que a fala dessa assertiva não deixa dúvidas, que *o poema é genuíno*. Portanto, explica o autor, seguindo a condição imposta pela afirmação não temos outra opção.

O autor prossegue a explicação sobre o que é fala e explora algumas possibilidades: 1º “[...] fala é uma atividade dos órgãos que servem para a emissão de sons [...]” (HEIDEGGER, 1996, p. 10). Nesse ponto o autor dá uma explicação, posso afirmar que, um tanto, básica, biológica; 2º “[...] fala é expressão [...]” (HEIDEGGER, 1996, p. 10). Portanto, a fala é a nossa forma de expressão ; 3º “[...] o homem fala, é que ele está ligado a uma língua [...]” (HEIDEGGER, 1996, p. 10). Nós falamos e estamos ligados à nossa língua – a língua portuguesa; 4º “Considera-se, por fim, que a expressão do homem é uma representação e apresentação do real e do irreal” (HEIDEGGER, 1996, p. 10). Para o autor o homem se expressa através da língua sobre a sua realidade e também sobre as coisas irreais, como sentimento, desejo etc.; 5º “[...] biologia, a antropologia filosófica, a sociologia, a psicopatologia, a teologia e a poética buscaram descrever e esclarecer de

maneira mais abrangente os fenômenos da linguagem” (HEIDEGGER, 1996, p. 11). Para o autor há várias ciências que buscam explicar o fenômeno da linguagem. Ou seja, Heidegger sugere que Linguagem não é um assunto fácil. Em todo o seu livro *A caminho da linguagem* o autor busca esclarecer essa questão e nessa dissertação de mestrado tento captar e explicar, resumidamente, o seu pensamento acerca do que seja linguagem.

Heidegger procura delimitar o que é linguagem, para o autor alguns fenômenos a explicam, mas acrescenta que existem muitos outros que ele não descreve. Também chama a atenção o fato de o autor escrever que a poesia busca descrever e esclarecer os fenômenos. Se concordarmos com o autor que linguagem é expressão, ou, ainda, apresentação do real e do irreal, poderemos admitir que poesia é linguagem e que existe uma linguagem poética, assim como existem a linguagem filosófica, prosaica etc.

López Quintás escreve sobre a linguagem poética e prosaica, como segue:

Toda realidade e todo acontecimento podem ser matéria poética, à condição de que sejam transformados pelo poeta e convertidos de “prosaicos” em “poéticos”. No meu entender, essa transfiguração significa, pura e simplesmente, que as realidades são vistas como “âmbitos”, não somente como objetos, e que os fatos são contemplados como “acontecimentos”. Ao enriquecermos dessa forma a nossa maneira de observar as realidades e os fatos, torna-se possível estabelecer modos elevados de unidade e criar, assim, campos de jogo sumamente eficientes. Esse tipo de *criatividade* é a *atividade poética*, o *poiein* grego, de onde deriva *póiesis*, poesia. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 140-141)

Para López Quintás o poeta transforma a linguagem prosaica em poética. A intenção é a de descrever as várias realidades ou âmbitos. O poeta cria unidade com diversas realidades e as descreve de forma eficiente, através do lúdico, ou seja através da poesia. Sobre o poeta e o poema o autor escreve:

Esse enriquecimento constitui a “transfiguração poética”. O poeta é o criador de tramas de relações entre realidades que formam um “campo de luz”, um espaço no qual se ilumina o sentido mais profundo das realidades que o constituem. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.70)

Para López Quintás tudo o que está no mundo pode ser tema de poesia. Tudo pode ser convertido de prosa à poesia. A poesia, por sua vez, promove o entendimento do mundo ao leitor. Esse processo lúdico conduz ao entendimento do sentido mais profundo das realidades, pois a poesia estimula a agudeza do entendimento humano.

Lúdico vem do latim *ludus* que é jogo. Para López Quintás indica uma “[...] atividade humana criadora de âmbitos de realidade subordinados a algumas normas determinadas” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 424). Portanto, para o autor, lúdico indica um jogo, uma atividade humana que recria realidades. O poema é lúdico porque dá vida a um pensamento, recria âmbitos, e propõe ao leitor um jogo de entendimento.

Heidegger escreve que a poesia não se esgota nela mesma, sua fala se consuma, mas não acaba e a sua essência vem ao nosso encontro por uma fala que já passou (Cf. HEIDEGGER, 1996, p. 12) e, mais adiante no livro, conclui: “O diálogo do pensamento com a poesia é demorado” (HEIDEGGER, 1996, p. 28). O autor escreve que o indivíduo que interage com a poesia dialoga com ela, ou seja o indivíduo reflete posteriormente sobre o que a poesia quis transmitir. Para Heidegger “Cada poema necessita de esclarecimento. O esclarecimento deixa brilhar como numa primeira vez o clarim da claridade que transluz no que se diz poeticamente” (HEIDEGGER, 1996, p.28). Para o autor a poesia é lida, mas seu significado mais profundo só se realiza após uma reflexão, em um diálogo poético, que será demorado, mas esclarecedor.

Seguindo o desenvolvimento do pensamento heideggeriano sobre linguagem, na teoria do autor, encontramos afirmações sobre a importância da evocação do poema. O chamado, ou seja a poesia com poder de “evocar” (HEIDEGGER, 1996, p. 15) e de “provocar” (HEIDEGGER, 1996, p. 16). O autor explica que a poesia tem o poder de evocar imagens, sentimentos, emoções etc. (Cf. HEIDEGGER, 1996, p. 16-17). A poesia com o poder de provocar pensamentos, talvez, nunca antes pensados por alguns leitores, ou de levar o leitor a mudança de conceitos. Mas a mensagem, para o autor, é sempre velada, segue o seguinte trecho:

Nenhum poema isolado e nem mesmo o conjunto de seus poemas diz tudo. Cada poema fala, no entanto, a partir da totalidade dessa única poesia, dizendo-a sempre a cada vez. Do lugar da poesia emerge a onda que a cada

vez movimentada o dizer como uma saga poética. Longe de abandonar o lugar da poesia, a onda que emerge permite que toda a movimentação do dizer seja reconduzida para a origem sempre mais velada. Como fonte da onda em movimento, o lugar da poesia abriga a essência velada do que a representação estética e metafísica apreende de imediato como ritmo. (HEIDEGGER, 1996, p. 28)

Para Heidegger o poema nunca diz tudo sobre o mundo. Mas cada poema diz, através da sua fala, uma mensagem. Mas essa mensagem não é direta, ela vem ao leitor como uma “onda” que se movimenta e que não revela de uma só vez o que há de secreto no poema.

Gostaria de reconstituir um pouco da história sobre a poesia e a metáfora. Para Aristóteles a metáfora é parte integrante da poesia. O filósofo escreve que a metáfora é importante por constituir um “rico engenho” e a sua descoberta pelo leitor traz à tona a sua capacidade de perceber e entender as diversas realidades. O jogo que a metáfora proporciona ao leitor é o que motiva a interação com a poesia. Como segue:

Isto só, e qual não é possível tomar de outrem, constitui a característica dum rico engenho, pois descobrir metáforas apropriadas equivale a ser capaz de perceber as relações (ARISTÓTELES, 1998, p.34).

Para Aristóteles a poesia imita a vida, mais que isso, a arte, de um modo geral, a dança, a pintura, o teatro, a poesia, imita a vida. A poesia é filosófica, pois ela está pautada “em que poderia ter acontecido”, pois a poesia estaria baseada na natureza humana, no universal e imutável sobre a humanidade, como segue:

O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso, (pois, se a obra de Heródoto (30) fora composta em verso, nem por isso deixaria de ser obra de história, figurando ou não o metro nela). Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido. Por tal motivo a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a história, porque a poesia permanece no universal e a história estuda apenas o particular. (ARISTÓTELES, 1998, p.14)

Aristóteles escreve que a poesia tem um cunho mais filosófico e elevado que a de caráter histórico. Para o filósofo, Heródoto, apesar de escrever a história em versos, continua a ser história, que é o particular, e a poesia é o universal, pois é cunhada sobre a realidade. Portanto, na era clássica a poesia era considerada como imitação da vida.

A partir da modernidade a poesia é considerada partícipe dela mesma, é a arte pela arte. Já nos tempos atuais ela pode ser considerada como aquela que contém verdades universais mostradas através de histórias reais e fictícias.

Para Todorov “[...] as metáforas do poeta e as peripécias vividas pelas personagens do romance ensejam múltiplas interpretações” (TODOROV, 2009, p.78). As “metáforas” oferecem muitas leituras ou interpretações, depende de quem as lê ou interpreta. O autor escreve que “A verdade dos poetas ou de outros intérpretes do mundo não pode pretender ter o mesmo prestígio que a verdade da ciência” (TODOROV, 2009, p.78). Para o autor os poetas e escritores são intérpretes do mundo, já a ciência procura a verdade absoluta, a poesia não, a ciência tenta comprovar seus estudos baseada em fatos, pesquisas etc. A literatura não procura comprovar as diversas visões de mundo, mas nem por isso deixa de ser verdadeira. Autor contemporâneo, Todorov não acredita na arte pela arte, ou que a arte está desligada do mundo e se explica nela mesma. Para o autor a arte interpreta o mundo, mostra as múltiplas realidades. Sobre a verdade da ciência, o autor escreve que a filosofia é uma ciência, portanto Todorov não a legitima junto à poesia. Para o autor a poesia fala sobre as “leis gerais” (TODOROV, 2009, p.77) e a filosofia “maneja conceitos” (TODOROV, 2009, p.77). Para o autor a literatura não tem obrigações com a verdade como é o caso da filosofia. Segue um trecho em que Todorov escreve sobre a verdade contida na literatura:

O horizonte no qual se inscreve a obra literária é a verdade comum do desvelamento ou, se preferirmos, o universo ampliado ao qual se chega por ocasião do encontro com um texto narrativo ou poético (TODOROV, 2009, p.83).

Gostaria de voltar a questão da metáfora. Para López Quintás as metáforas abrem muitas possibilidades, assim como as comparações também, o autor escreve: “Comparações e metáforas são colunas do edifício literário e, como tais, perfeitamente legítimas” (LÓPEZ

QUINTÁS, 2004, p.68). A metáfora é o “alicerce” do poema, o jogo é o veículo de reflexão e descoberta das realidades e López Quintás legitima a importância da metáfora.

Para Perissé:

A leitura não é, na sua forma legítima, uma fuga da realidade. É uma fuga para a realidade, como sabem todos os poetas e prosadores. (PERISSÉ, 2006, p.60)

É o que a poesia nos ensina: a linguagem em sua ductibilidade pode pular de um arranha-céus sem sofrer um arranhão, rastejar em meio à guerra, morrer e ressuscitar, quer, esticar-se, comprimir-se sem se romper ou quebrar é elástica, flexível, moldável, e essas propriedades físicas (ou metafísicas) fazem com que ela recrie o mundo, sem violentá-lo, abertura de sentido. (PERISSÉ, 2006, p. 99)

Para Perissé a literatura ensina, na medida que traz a realidade de forma universal e o leitor terá de abstraí-la para que possa entendê-la.

Se analisarmos o que escrevem Aristóteles e Todorov percebemos uma diferença do pensamento sobre filosofia e poesia. Para Aristóteles a poesia é filosófica, já para Todorov a poesia é universal, cabendo a ela leis gerais da vida. Para Todorov não é filosófica, pois não é comprovada. Mas imaginemos que alguns conceitos sobre filosofia mudaram da época de Aristóteles até os tempos atuais.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) da disciplina de Língua Portuguesa há a seguinte orientação que aborda a verdade contida no texto literário:

Como representação - um modo particular de dar forma às experiências humanas -, o texto literário não está limitado a critérios de observação fatural (ao que ocorre e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (o discurso científico). Ele os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a

reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis (BRASIL, 1998, p.26)

Nos PCN's, a literatura – entende-se aí a poesia – é um tipo de representação, que dá forma às experiências humanas. Nos PCN's a literatura não é posta como uma cópia fiel da realidade, mas sim uma reinterpretação do mundo real. Através da literatura o aluno pode acessar novas realidades, reinterpretá-las em um jogo de linguagem, imagem e realidade.

Perissé escreve que “uma imagem sintetiza quase que espontaneamente um fluxo de ideias, e nos dá condições de tomar fôlego e prosseguir nesse fluxo. A abstração requer imagens, e graças a essas imagens podemos continuar a abstrair” (PERISSÉ, 2006, p.115). Essa ideia de imagens, que é comum a Perissé e aos PCN's, ajuda a entender como é o processo imagético que ocorre com o aluno ao ler um poema. O aluno entra em contato com o poema e partir dele constrói imagens em sua mente para que possa entender as construções que o poeta realizou naquela obra. É uma mistura de figuras e palavras que são usadas pelo aluno para reconstruir a visão de mundo do poeta, ou, até mesmo, fazer novas leituras do poema. Posteriormente, o aluno pode, ainda, fazer comparações com a sua própria realidade e ampliá-la. Escreve o autor: “E daí o prazer da leitura ativa, imaginativa. As imagens mentais são mentiras que revelam verdade” (PERISSÉ, 2006, p.117). A declamação do poema para todos na classe é o primeiro passo, a construção das imagens, a abstração é uma consequência, também há o aspecto do prazer que a declamação pode proporcionar, a imaginação é a consequência da leitura, difícil seria o aluno ouvir – verdadeiramente - um poema e não abstraí-lo. A “verdade”, a que se refere Perissé, são as visões de mundo que o poema revela. Também, para Perissé a poesia transforma a palavra, assim como aos leitores dela:

A palavra cotidiana, ao mergulhar nas águas da poesia, recupera-se, renova-se. E os leitores de poesia renovam-se com a palavra. A poesia é formalista. Para deixar a palavra em forma, transforma, altera os sentidos, reforça a sonoridade, brinca. Se os dicionários preservam os significados coletivos dos vocábulos, a poesia trabalha com o que há de único e insubstituível em cada palavra. A palavra sai do reino dos catálogos e, na magia poética, refaz sua música (PERISSÉ, 2006, p.97).

As palavras que mergulham na poesia renovam-se, transformam-se. A poesia deixa a palavra em forma, pois como bem diz a poesia *Convite* de José Paulo Paes (1996), a poesia deixa a palavra mais nova, diferente do brinquedo que se gasta, a poesia renova a palavra, com o seu uso constante não corre o risco do esquecimento. Como segue:

Convite

Poesia é
brincar com as palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
Quanto mais se brinca
com elas,
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

Perissé também escreve sobre a disposição do artista em escrever um poema, do poeta realizar sua obra:

Existe nas obras de arte um elemento “coisal”, sem dúvida. Tomada como um objeto qualquer, a obra de arte terá um peso quantificável, poderá ter suas dimensões físicas aferidas, poderá ser carregada como carregamos uma pedra. Contudo, a obra foi criada por alguém, e esse alguém se comportou como artista. O artista é aquele que vê nas coisas um caminho de criação. O que nos parece caótico ou casual, ou opaco, ou insignificante, na visão (na

audição...) do artista soa como um chamado para que outra “coisa” apareça. Uma coisa que já não é coisa. (PERISSÉ, 2009, p. 30)

Para o autor a obra de arte tem forma, tamanho, algumas têm peso, como as esculturas. A obra foi criada por um artista e essa diz alguma coisa, que já não é mais *coisa*, é arte. Podemos concluir que o poeta reuniu determinadas palavras e essas não são mais palavras, são poema. Perissé segue em sua explanação e na página seguinte afirma que o artista “[...] faz aparecer uma verdade” (PERISSÉ, 2009, p. 31). Para o autor a verdade não é aquela que alguns dizem *absoluta*, mas a verdade do mundo, aquela que está contida na obra.

Sobre a criação da obra artística Perissé ainda explica:

Assim como a minha experiência estética nasce do encontro que estabeleço com a obra de arte, esta nasceu do encontro entre o artista e uma coisa, um material, um objeto, em diálogo com o qual aquele fez surgir a realidade artística até então inexistente.[...] O resultado do encontro tornou-se visível: é a obra. (PERISSÉ, 2009, p. 31)

A obra de arte é o resultado do encontro do artista com algo que gerou a necessidade de expressar seu pensamento sobre aquilo. O encontro é mais que um “esbarrão”, uma “colisão” etc. Este poderia ser comparado a um “abraço”, pois são duas realidades que se entrelaçam.

O artista instaurou a obra, mas o fez em “luta” amorosa com as palavras, ou com o bronze, ou com a madeira, ou com coisas retiradas de um lixão, ou com as notas produzidas por um instrumento musical, ou com outros barulhos extraídos de objetos improváveis, ou com o seu próprio corpo (na dança, no teatro...). (PERISSÉ, 2009,p. 31)

O que Perissé chama de *luta amorosa* poderia também chamar de inspiração e trabalho árduo ao fazer a obra. Um poema vem envolto em sentimentos, sensações, enfim, o poema é o resultado de um trabalho árduo que foi feito de palavras e emoções.

O encontro do artista com a coisa, gerando a obra de arte, antecede o encontro do receptor ativo com a obra de arte, gerando a interpretação. Multiplicam-se as percepções, os sentimentos, as lembranças, as intuições. Surgem leituras contrastantes, avaliações divergentes ou convergentes, aprendizados surpreendentes. (PERISSÉ, 2009, p. 32)

Perissé escreve que o artista encontra-se com o motivo de sua poesia bem antes da confecção do poema. Por sua vez, o leitor interpreta a obra e esta gera percepções, sentimentos, lembranças etc. Para Perissé surgem interpretações diferentes, depende de cada um. Perissé acredita que a diversidade de realidades e opiniões traz o aprendizado ao leitor e este é surpreendente.

A Estética e a Poesia

A palavra Estética vem do grego *aisthesis*, que significa “percepção sensível”. Pode-se afirmar que a Estética está relacionada à nossa percepção sensível sobre as coisas, do nosso olhar mais significativo, aquele que presta atenção e tenta captar o que há de implícito em uma obra. No dicionário Houaiss (2004) há a seguinte definição para a palavra Estética: “1. parte da filosofia voltada para a reflexão a respeito da beleza sensível e do fenômeno artístico” (2004).

A Estética tem sido relacionada, ao longo da história - desde Alexander Baumgarten (1714-1762), criador do termo -, ao “belo”, às obras de arte. A Estética tem sido definida como a ciência das faculdades sensitivas humanas, investigadas em sua função cognitiva particular, cuja perfeição consiste na captação da beleza e das formas artísticas. Já a definição de obra de arte pode ser encontrada em diversos seguimentos: nas artes plásticas - um quadro-; uma música - um concerto-; na literatura - um romance, um poema. O foco dessa dissertação de mestrado é restrito à poesia. Podemos resumir que o poema é uma forma de linguagem escrita, que nos diz algo através de um jogo de palavras. A partir das palavras temos, ainda, os sons, os sentidos, as sensações etc. O poema passa a ser revelador pela beleza da sua construção e de seus significados. A Estética pode ser ligada às formas que a linguagem assume no poema.

Profundo conhecedor do assunto Estética, López Quintás foi professor universitário da disciplina de Estética e para o autor essa disciplina estuda três pontos: em que consiste a beleza e como se dá na vida cotidiana, nas obras artísticas e literárias; qual é a essência do belo, o que torna algo belo; o que implica a experiência estética, tanto a do artista como a do espectador sensível que a contempla e recria (Cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 418). O autor afirma: “Os três pontos precisam ser estudados em vinculação com os conceitos de criatividade e valor, de linguagem e silêncio, de objetos e âmbitos de realidade” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 418). Para o autor há esses três pontos básicos para estudo na disciplina de Estética e também há requisitos que vinculam esses pontos, como a criatividade, valor etc. A Estética estuda os três pontos acima, que se ligam através de

alguns conceitos como criatividade e valores, que são os alicerces da teoria de López Quintás.

Feita apresentação resumida da Estética, gostaria agora de expor o porquê da importância da Estética como formadora na educação. Abaixo colocarei alguns pontos que considero importantes para essa dissertação e também para o Projeto de Poesia.

Para Perissé a experiência estética é fonte de “descobertas”:

Pensar a experiência estética não tanto ou não só pela ótica do prazer e da distração, ou do entretenimento, mas como fonte de descobertas existenciais, de aprendizado. (PERISSÉ, 2009, p. 36)

A experiência estética ou a obra de arte nos proporciona prazer. Prazer ao olhá-la, entendê-la, conhecê-la. A obra de arte nos traz sensações, boas se nos agrada, instigantes, se nos contraria. De qualquer maneira, ela é mais que entretenimento, ela é fonte de descobertas existenciais, ela nos ajuda a entender o ser humano. Ela é fonte de aprendizado, literalmente: a arte é pedagógica.

Perissé explica também que a arte pode despertar no espectador um artista, a arte é uma desencadeadora de novos artistas, de novos poetas. A arte pode educar e promover o amadurecimento do aluno:

A experiência artística nos revela a possibilidade que o homem tem de estabelecer modos de unidades insuspeitadamente profundos com certas realidades. Se interpretar o órgão ou o coral de Bach, entro com esta obra, com o autor e com o instrumento numa relação de unidade muito mais íntima do que aquela que tenho com pessoas de meu meio ambiente mais próximo, às quais nenhum vínculo criativo me une. A análise dos diversos modos de unidade que podem ser fundados com as realidades circundantes é uma das tarefas mais férteis a filosofia atual, porque toca num ponto decisivo de nosso desenvolvimento como pessoas. (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p.19)

Para López Quintás a arte proporciona uma experiência ao homem que revela várias possibilidades. Essa experiência traz ao homem modos de unidade de realidade da arte e do homem que são muito profundos. Ao interpretar uma obra de arte, a pessoa entra em sintonia com a obra e estabelece uma relação de compreensão e unidade, muito maior do que com algumas pessoas. Para o autor a análise desses modos de unidade é uma tarefa fértil, porque isso toca em uma questão determinante para o desenvolvimento humano.

Pode, até, despertar em mim o artista que eu não acreditava ser. A arte educa, portanto, como desencadeadora de autoconhecimento e de amadurecimento pessoal. (PERISSÉ, 2009, p. 37)

A arte pode despertar um artista que existe no aluno. Para o autor a arte educa sim, pois também contribui para a formação do jovem, deflagra o pensamento, o amadurecimento, ajuda o jovem a entender valores e construir opiniões. Sobre a beleza o autor escreve:

A beleza entra pelos olhos, sem pedir licença. A beleza chama a atenção, atrai olhares, causa admiração. Extasiados, podemos permanecer mudos, absortos, contemplando-a. A atitude filosófica, no entanto, vai além: reflete sobre a beleza, faz-nos pensar detidamente sobre ela (descobrimo novas nuances de beleza, descobrimo que há beleza até mesmo em realidades não tão belas...), faz-nos distinguir suas qualidades, problematizá-la, levantar hipóteses a respeito de sua apreensão, faz-nos desejar produzir outras coisas belas em resposta àquele estímulo.

A admiração pode e deve deflagrar o pensamento, provocar perguntas, sacudir inércias. Nesse sentido, somos todos cegos em busca de explicações sobre o poder e o mistério da beleza. Sobre o seu poder e sua eficácia educativas, se optarmos por refletir no contexto do aprendizado.

De fato, o deleite estético pressupõe e provoca a inteligência, a memória, a imaginação. Não se trata de algo que afete apenas nossos sentidos externos, mas todo o nosso corpo e toda a nossa interioridade. Consideramos algo belo porque nossa visão assim o capta e porque nossa *visão interior* o reconhece igualmente! (PERISSÉ, 2009, p. 25-26)

Perissé afirma que em um primeiro momento a beleza invade nossos olhos, nossos pensamentos, nos chama a atenção de imediato e podemos ficar extasiados, absortos, admiradores dessa beleza. Também, o autor explica a posição filosófica diante da questão, escreve que para a filosofia há beleza em *realidades não tão belas*, que nos faz refletir a seu respeito. Para o autor a admiração da beleza deflagra o nosso pensar, pois todos nós estamos em busca de respostas para as provocações da arte, portanto a arte provoca o pensamento do aluno e pede respostas. O belo propõe o deleite, e também o provoca, o faz pensar, pois problematiza questões importantes da vida e pede respostas. A arte provoca os nossos sentidos externos e também a nossa interioridade, os nossos pensamentos e sentimentos. A poesia provoca o pensar e, acostumados a ela, a cada dia entramos em contato com o belo, ele amplia mais e mais a sua percepção de mundo.

Para Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins:

[...] A obra de arte espera que o público “jogue o seu jogo”, isto é, entre no seu mundo, de acordo com as regras ditadas pela própria obra para que seus múltiplos sentidos possam aparecer.

O espectador, através do seu acolhimento, utiliza as possibilidades de significado da arte e testemunha o surgimento de algumas significações contidas na obra. Outros a verão, e outros significados surgirão. Todos igualmente verdadeiros. (ARANHA, MARTINS, 1993, p. 381)

As autoras afirmam que há um *jogo* na obra de arte, no caso da poesia há uma visão de mundo velada. Devemos jogar *o seu jogo*, entrar *no seu mundo*, ou seja o leitor terá que interpretar o poema e conhecer a sua mensagem, mais que isso, experimentará outros sentimentos e conhecerão outras realidades. No segundo parágrafo, as autoras escrevem que, devido à diversidade de público *outros significados surgirão*, e que todas são verdadeiras. Segue uma outra passagem do livro que parece ser adequada:

Na experiência estética, a imaginação manifesta, ainda, o acordo entre a natureza e o sujeito, numa espécie de comunhão, cuja via de acesso é o sentimento. O sentimento acolhe o objeto, reunindo as potencialidades do eu numa imagem singular. É toda a nossa personalidade que está em jogo, e

o sentimento despertado não é o sentimento de uma obra, mas de um mundo que se descortina em toda a sua profundidade, no momento em que extraímos o objeto do seu contexto natural e o ligamos a um horizonte interior. “Este sentimento, portanto, não é emoção, é conhecimento”. (ARANHA, MARTINS, 1993, p. 386)

O sentimento é o que liga o leitor e a experiência estética. O sentimento recebe a obra de arte e forma o que as autoras chamam de imagem singular. Poderíamos chamar também de percepção de mundo que está contida na obra. Para as autoras essa percepção de mundo já não é mais emoção, e sim conhecimento.

A arte joga com os nossos sentidos e com as nossas emoções. Dialoga com a nossa memória, nosso conhecimento prévio sobre algo, enfim dialoga com todo nosso ser. Perissé escreve que a arte, por ter esse acesso, educa:

A arte educa na medida em que, atraindo nossa visão, encantando nossa audição, agindo sobre nossa imaginação, dialoga com a nossa consciência. Mais do que nos fazer reagir à melodia, à rima, à composição pictórica, às cenas do filme, esses estímulos que nos chegam pela arte criam um espaço de liberdade, de beleza, no qual nos sentimos convidados a agir criativamente. (PERISSÉ, 2009, p. 36-37)

Para o autor a arte educa, pois a poesia além, de ter melodia, rima etc., nos traz um espaço de beleza que nos convida a agir criativamente. Nós nos sentimos estimulados pela poesia, pela arte. O autor completa:

O dinamismo criador não pertence exclusivamente ao artista. A experiência que tenho ao ler uma obra literária de qualidade, ao ouvir uma canção comovente, ao deter meu olhar sobre um desenho engenhoso, ao assistir a um filme bem feito, ao acompanhar os diálogos de uma peça teatral... pode levar-me a uma nova compreensão da realidade e de mim mesmo, a uma compreensão lúdica, isto é, a uma interpretação que supera reducionismos, calculismos e outros “ismos” limitantes. (PERISSÉ, 2009, p. 37)

Para Perissé a obra é recriadora. A criação da obra pertence ao artista, mas a recriação pertence a quem entra em contato com ela. A obra gera entendimentos diferentes, pode ser uma obra literária, um poema, uma música, uma pintura etc., depende de quem interage com a obra de arte. De forma lúdica, a obra pode levar o indivíduo à compreensão da sua própria realidade. A interpretação de uma obra não se dá de forma reducionista, minimista, ela acontece de forma ampla, dando voltas, em um processo de idas e vindas. Este é um processo imagético sobre a realidade.

A arte educa, influenciando nossa maneira de sentir e pensar, de imaginar e avaliar. Influência forte e sutil. E renovadora. Para o bem ou para o mal, não saímos incólumes de uma experiência estética verdadeira. Os artistas são educadores, perturbadores, levam-nos aos extremos de nós mesmos. Educadores provocadores, desestabilizadores. (PERISSÉ, 2009, p. 38)

A arte influencia as pessoas que entram em contato com ela. De maneira forte, pois aborda assuntos, muitas vezes determinantes para a vida de algumas pessoas, porém sutil, pois a pessoa a recebe de forma prazerosa e bela. Isso faz que o indivíduo perceba melhor a realidade que está no poema e faz com ele reavalie sua vida, questione seus atos e valores. Não saímos intactos de uma experiência estética comprometida, a mudança ocorre, para o bem ou para o mal. O artista é um educador, um provocador de novos conceitos, um desestabilizador de certezas. O autor completa: “A arte educa, sim, com uma condição: que o educando, vamos falar assim, traduza para si mesmo o que apreendeu, colabore com a educação proporcionada, ainda que não tenha sido objetivo do artista educar alguém” (PERISSÉ, 2009, p. 38). A arte educa, mesmo sem ter essa intenção, mas para a educação acontecer efetivamente, tem que haver o comprometimento do aluno, a interpretação comprometida da obra é fundamental. Talvez, nesse ponto, deve se valer do poder de convencimento do professor. A poesia faz boa parte do trabalho, mas o professor convencido do propósito passa a ser convincente também.

O artista nos educa sem se preocupar com resultados pedagógicos ou técnicas didáticas. O resultado que ele procurava era, fundamentalmente, produzir a obra, levar ao fim o seu plano, por mais vago que estivesse em sua cabeça. Concluída a obra, nada mais poderá fazer. Ainda que deseje,

não poderá prever ou alterar as conseqüências do trabalho pronto e entregue à sensibilidade... ou à falta de sensibilidade dos seus semelhantes. A obra de arte não pertence mais ao artista, no sentido de que será livremente acolhida e interpretada por outras pessoas. O leitor será coautor. Quem admira uma tela será copintor. Quem vai assistir a uma peça de teatro torna-se codramaturgo. Vencendo passividades e inércias, quem se aproxima da obra de arte, torna-se autor de sua interpretação e, de certo modo, recriador da obra. E por isso, e só assim, poderá aprender. (PERISSÉ, 2009, p. 39)

Os professores todos, independentemente da disciplina que se prepararam para ministrar, ganhariam (e com eles, seus alunos) com uma autoeducação que desse especial atenção à dimensão estética da cultura e da vida. (PERISSÉ, 2009, p. 39)

O artista não se preocupa em ensinar, ele o faz sem essa pretensão. O artista não tem a preocupação do resultado, da disciplina, do teste, dos níveis de aproveitamento, talvez por isso a arte seja tão eficaz, pois deixa o espectador livre. O artista coloca na obra as suas impressões do mundo e o público as interpreta, as recria em suas mentes e ele irá aprender através da sua percepção, conseguida através da reflexão. Para o autor a obra de arte merece especial atenção na educação escolar. A arte acrescenta cultura e valores que podem ajudar professores e alunos.

Capítulo III

Alfonso López Quintás e o Método Lúdico-Ambital

A Alfabetização Poética e a Teoria de Alfonso López Quintás

A alfabetização pressupõe que o aluno aprenda as letras do alfabeto e que seja capaz de reproduzi-las, forma-se palavras e frases com sentido. Se imaginarmos que as crianças são alfabetizadas, hoje em dia, entre os seis e sete anos de idade na maioria dos casos, sabemos que ao final desse período elas reconhecerão todas as letras do alfabeto e as decodificarão em sílabas e posteriormente em palavras. De maneira rudimentar, essas crianças serão capazes de ler e escrever com um vocabulário simples, próprio para a idade. Ao final desse processo saberemos que elas foram alfabetizadas quanto ao uso da palavra escrita. Também esse processo se aplica à matemática, à geografia etc.

Tomei de empréstimo o termo “alfabetização” para o aprendizado sobre poemas e usei o mesmo raciocínio para a finalidade do Projeto de Poesia. Partindo do princípio de que os alunos das quintas e sextas séries não sabem muito sobre poesia (muitas vezes não sabem nada) o Projeto de Poesia previa que os alunos fossem iniciados na arte poética, como leitores e também como poetas, alguns com mais, outros com menos talento, mas todos capazes de entender o processo poético. Na prática escolar, percebi que a alfabetização poética trazia também o benefício da reflexão aos alunos e a consequente tomada de valores. Percebi que isso também tornava os alunos mais conscientes e preocupados com os estudos e o funcionamento geral da escola, passaram a ser pessoas mais zelosas com o patrimônio escolar e com as relações entre colegas, professores e funcionários da escola.

O fenômeno que a poesia gerou me chamou muito a atenção, então todo esse processo que envolveu o projeto de alfabetização poética, precisava, no meu entendimento,

de estudo. Nesse momento a teoria de López Quintás, bem como o seu método lúdico-ambiental para análise dos trabalhos dos alunos.

López Quintás é catedrático de filosofia na Universidade Complutense de Madri e tem como proposta melhorar a forma de educar jovens em criatividade e valores. Em seu livro *Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores* (2004), encontrei a compreensão necessária para trabalhar a questão da poesia em sala de aula. Também encontrei no seu livro *Estética* (1992) mais sobre a importância da Estética na formação pessoal.

Em 1961, Alfonso López Quintás começou sua carreira docente como professor assistente de filosofia na Universidade de Madrid, instituição da qual foi nomeado professor adjunto de Estética em 1967, que compartilhou a atividade, a partir de 1968, com a de professor titular de Estética da Universidade Pontifícia de Comillas, em Madrid (Universidade Católica administrada pela Companhia de Jesus). Em 1974 obteve uma cadeira de professor convidado de filosofia na Universidade de Barcelona, cargo que ocupou por dois anos, em Palma de Mallorca, retornando a Madrid em 1976 como professor da disciplina de Estética da Universidade Complutense, onde em 1984 ele foi convidado a ocupar a cadeira de Estética vaga pela aposentadoria de José Maria Sanchez de Muniain Gil. O autor se aposentou na mesma Universidade, no âmbito do Departamento de Filosofia III (Hermenêutica e Filosofia da História).

López Quintás se denomina um filósofo hermenêutico. Sobre a filosofia, o teórico concentrou seus esforços na Filosofia da Educação e também fez sua escolha pela Estética, pelo texto literário, daí a Hermenêutica ou, como define López Quintás, “teoria da interpretação” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 421). O autor conta que: “A Hermenêutica como disciplina teve início com Friech Schleiermacher (1768-1834) e desenvolveu-se graças aos trabalhos de W. Dilthey (1833-1911), M. Heidegger (1889-1976), E. Betti (1890) e H. G. Gadamer (1900)” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004 p. 421). López Quintás estudou Heidegger, daí deriva sua experiência no campo da Hermenêutica. O autor explica que para interpretar um texto devemos pensar de uma forma especial, como segue:

Interpretar um texto pertencente a uma época distinta daquela em que vive uma pessoa que o está interpretando é especialmente difícil, porque todo escritor ou artista se expressa com um estilo que em grande parte é

determinado pelo ambiente sociocultural. É possível compreender um autor de uma época diferente se, de algum modo, partilhamos com ele sua mentalidade, seus ideais, os pressupostos dos quais ele parte e que o inspiram. Na medida em que vibramos com o mundo de idéias e sentimentos em que viveu o autor, podemos criar suas obras, senti-las como próprias, compreendê-las em sua gênese – em seu processo de elaboração - e por dentro, como se fossem nossas. Tal compreensão se realiza de modo imediato e indireto. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 421)

Para entendermos plenamente uma obra devemos considerar a época em que viveu o escritor, pois ele expressa, de forma particular, o resultado de um determinado ambiente em uma determinada época. Partindo desse pressuposto, a interpretação do texto será um diálogo recriador, pois vibraremos com o seu mundo de ideias.

Também, López Quintás se denomina um Humanista. Se pensarmos a seu respeito, ele está inserido em um contexto cristão. Em sua teoria ele ressalta valores, como a “solidariedade” e faz alusão à forma de conceber o homem como um ser aberto aos outros e preocupado em criar autênticos laços de convivência. Existe em sua obra a preocupação constante com a socialização dos seres humanos, a harmonia, a cooperação etc. Portanto, faz todo sentido sua teoria ter como inspiração o Humanismo, ou seja um movimento que valoriza um saber crítico voltado para o conhecimento do homem e da cultura gerada por ele. Para López Quintás cultura é: “[...] tudo o que o homem realiza visando a estabelecer modos valiosos de unidade com as realidades do meio ambiente” (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p.25). Para o autor cultura é tudo o que o homem faz e que o integra ao meio ambiente, desenvolvendo as potencialidades dos seres humanos, baseado na sua capacidade para a criação e transformação da realidade social. A formação cultural abrange a Estética e esta sua preocupação deu origem ao seu método de conhecimento de obras artísticas na área da educação.

Por sua ampla experiência em Estética e por sua vontade de encontrar explicações e soluções na área da filosofia da educação, o professor e filósofo López Quintás escreveu várias obras que tratam da Estética – na literatura, artes plásticas, música etc. – como instrumento formador na vida educacional de crianças e jovens. Em 1999 a sua teoria sobre Estética e valores pessoais foi reunida em seu livro *Inteligência criativa: descoberta*

peçoal de valores, que tem um aspecto mais dialógico – de diálogo com o leitor -, isto porque o autor aplica em seu livro o que conta em sua teoria. Neste livro o autor propõe ao leitor um método composto de propostas de mudança de atitudes cotidianas que podem modificar a forma de atuar com os jovens visando a melhoria da sua formação, com diálogo e baseado na Estética como agente transformador.

Alguns o tratam por existencialista, mas esse termo López Quintás atribui a Jean Paul Sartre, a quem faz referência. Sobre o Existencialismo o autor explica:

Corrente de pensamento filosófico que destaca a importância que reveste o modo peculiar de existência dos seres humanos. Karl Jaspers (1883-1969), Martin Heidegger (1889-1976) e Gabriel Marcel (1889-1973) esforçam-se para descobrir as condições de uma vida humana autêntica.

O termo “existencialismo” não deve ser utilizado para descrever o pensamento desses autores, mas sim, o de J. P. Sartre, que concedeu primazia à existência sobre a essência, isto é, afirmou que o homem não tem um modo de ser prefixado (uma “essência”); que ele mesmo deve procurá-lo, mediante o exercício de sua liberdade. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 419)

López Quintás escreve que o termo Existencialismo, a primeira vista, tem um significado parecido ao do Humanismo, mas o autor segue em sua explicação e acaba por afirmar que cabe a Sartre a utilização do termo. Para López Quintás o termo Existencialismo só deve ser atribuído ao pensamento de Sartre, pois ele foi quem primeiro afirmou que o homem não tem uma essência, mas sim que ele se forma ao longo da sua vida.

Sobre sua obra, o livro *Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores* surgiu da reunião de vários trabalhos de López Quintás para os cursos da Escola de Pensamento e Criatividade no início da década de 1990. Esses trabalhos visavam à formação integral da criança e do jovem baseada no pensamento rigoroso e na criatividade. A ideia foi a de oferecer aos profissionais e interessados em educação uma teoria e um método que buscasse lucidez intelectual e fecundidade criativa para o desenvolvimento humano em sensibilidade e valores.

Mais que um método para aplicar na educação, os profissionais da área são convidados a mudar seus hábitos e a inserir formas mais criativas de viver e conviver em sociedade. Adotar hábitos de pensar bem, afinar a própria sensibilidade, através da Estética e imbuídos de valores necessários à sociedade contemporânea, são atitudes sugeridas pelo autor. Além, da criatividade que será exigência mútua - aos profissionais e jovens estudantes – como atitudes diversas que se conectam com a vida cotidiana.

Para López Quintás todos devem *pensar com rigor e viver de forma criativa*. Para o autor uma obra de arte, uma poesia, pode trazer, de forma lúdica, reflexões sobre situações reais. O autor propõe o método *Lúdico-Ambital* e explica que o belo, a poesia pode trazer reflexões sobre a existência humana e a compreensão de dilemas éticos.

O autor sugere a ampliação da mente através de obras artísticas, da Estética. A conexão do cotidiano e de novas atitudes resulta de descobertas de valores. Ou seja, para o autor a arte é capaz de ampliar a mente das pessoas, aumentar o conhecimento, pois evidencia novas realidades. Para López Quintás a arte vem sempre impregnada de valores e esses valores podem desempenhar importante papel na vida de crianças e jovens.

Para López Quintás os valores não podem ser ensinados, precisam ser descobertos. Para o autor o educador precisa aproximar os jovens dos valores com experiências adequadas a isso e o restante fazem-no os próprios valores, pois eles se fazem valer por si só.

Sobre a poesia López Quintás escreve:

O poeta é o criador de tramas de relações entre realidades que formam um “campo de luz”, um espaço no qual se ilumina o sentido mais profundo das realidades que o constituem. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.70)

A ideia sobre poesia aparece nesse trecho como uma realidade que foi explicitada por alguém – o poeta –, pois esse agente, podemos chamá-lo assim, está envolvido por uma espécie de “áurea” daquela realidade e, por ser tradutor dessa realidade, como sendo alguém que é plenamente capaz de escrever sobre ela, o poeta faz a poesia. Perissé, em seu livro *A Leitura Das Entrelinhas. Método Lúdico-Ambital*, ao estudar o método Lúdico-Ambital de López Quintás, escreve que:

As grandes criações literárias (e mesmo as não tão grandes, se as soubermos analisar com discernimento) trabalham com realidades nucleares que, sob o olhar superficial, parecem algo estranho que é irreal. A literatura vivificada em nós o sentido do essencial, parecem, do que é relevante na vida humana. Arrastando-nos para seu mundo “irreal”, fazendo com que nele mergulhemos e, por um instante, pareça-nos ter substituído a realidade “real”, a literatura, paradoxalmente, revela-nos a mesma realidade que nos rodeia. (PERISSÉ, 2006, p. 109)

Perissé desenvolve a idéia de que a literatura, através de histórias irreais, traz ao leitor a realidade. Podemos, portanto, discutir em sala de aula temas da nossa realidade através de obras literárias – de poemas. Nesse livro, temos o método Lúdico-Ambital, e nele o objetivo de “ler criativamente” (PERISSÉ, 2006, p. 07). O autor ressalta a importância da criatividade, pois através dela se desenvolverão os cinco passos do método, que analisaram o Projeto de Poesia.

Conforme Perissé, devemos estabelecer um diálogo ativo do leitor com a obra literária. O autor escreve:

No diálogo do leitor com o texto, as expectativas íntimas daquele e a coerência interna do conto, do poema, do romance não atuam como realidades antagônicas. Sem a iniciativa do leitor o texto congela-se no silêncio mudo, e sem a provocação do texto o leitor congela-se na inconsciência. “Quebrar o gelo”, ou seja, quebrar o monólogo do texto e do leitor mediante o diálogo criador é o primeiro e mais sugestivo intento do método lúdico-ambital. (PERISSÉ, 2006, p. 09)

O aluno, o leitor, em diálogo com a obra, estabelece um *encontro*. O aluno se encontra com o que está na obra. O autor se relaciona com a realidade implícita (ou explícita) daquele poema e cria-se um *âmbito*. Um âmbito não é só um objeto, não é só uma pessoa, mas sim tudo o que envolve esse objeto ou essa pessoa, são pessoas, objetos, sentimentos, é uma realidade que foi gerada. Pode ser uma realidade gerada a partir do encontro do aluno com a poesia. Um objeto pode ser um âmbito se tiver um significado para alguém.

A teoria de López Quintás consiste em educar os jovens de tal forma que eles percebam as mais variadas realidades, que aprendam a pensar com rigor, que sejam criativos e abram-se aos grandes valores. Para o autor devemos suscitar neles a sensibilidade tendo a arte como ferramenta pedagógica. Também dotá-los de discernimento para se guiarem bem na sociedade.

Como já escrevi anteriormente, no livro *Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores*, López Quintás explica que devemos educar os jovens em *criatividade e valores*. O autor escreve que isso requer um processo formativo e que esse deve passar por algumas *fases* (Cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 18), que são: âmbito, pensar com rigor, experiência reversível, encontro, vertigem e êxtase. Dessas fases, âmbito, pensar com rigor e encontro por terem maior importância para o Projeto de Poesia, serão explicados melhor mais adiante, nesse mesmo capítulo. Segue abaixo, uma explicação resumida de cada uma:

A primeira delas é a da descoberta dos *âmbitos*, ou seja, das realidades que nos rodeiam, que podem ser lugares, objetos, pessoas, obras de artes, poemas etc. Seja qual for o tipo de âmbito, este deve vir envolto de todas as suas possibilidades. Para compreender um âmbito é preciso *pensar com rigor* ou pensar bem. Assim como para viver criativamente também é necessário pensar com rigor.

A *experiência reversível* corresponde ao apelo-resposta. A obra de arte é ativamente recebida pelo sujeito e este a assume as suas possibilidades. Essa forma ativa de receber a obra é a base da criatividade para o autor. Para o autor há uma circularidade, pois a obra domina o interprete, que por sua vez a domina, mas não é por coação e sim por aceitação. López Quintás escreve:

O intérprete domina a obra ao se deixar dominar por ela. Eis aqui a “lógica circular” própria das experiências reversíveis, nas quais o domínio não coage, mas promove a liberdade. A realidade que apela ao homem, não o força, porque apela justamente para a sua capacidade de tomar iniciativas criadoras. (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 17)

López Quintás oferece alguns exemplos de experiências reversíveis: “[...] o poeta configura a linguagem e a linguagem nutre o poeta; o músico compõe obras musicais, e a música inspira o compositor; o jogador projeta e realiza as jogadas, e o jogo o orienta e

impele a ação do jogador” (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 22). O autor explica que há uma relação entre as várias realidades, que se potencializam, como no caso do músico que a música o inspira a compor outras músicas. López Quintás conclui: “A vida autêntica do homem é um tecido de experiências reversíveis [...]” (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 22). Para o autor a vida é composta por experiências reversíveis, pois nos nutrimos de tudo que a sociedade oferece e também nutrimos a sociedade com a nossa capacidade de fazer algo.

O *encontro* irá revelar as várias realidades, para que possamos desenvolver o valor delas. Através da arte, o sujeito é convidado a conhecer as realidades existentes no mundo e para isso ele deve se encontrar com elas.

Para López Quintás o aluno deve compreender os valores vitais para alcançar um verdadeiro ideal na vida e criar formas mais elevadas de unidade. Para o autor, se o ideal for autêntico, toda vida da pessoa adquire impulso e sentido pleno.

López Quintás desenvolve, ainda, a teoria que a *vertigem* ocasiona efeitos negativos nas pessoas, pois este é entorpecidor, traz experiências sem valor, efêmeras e, apesar de prazerosos não são adequadas a uma vida plena. Já o *êxtase* afina a sensibilidade aos valores mais elevados e aumentam o poder criativo das pessoas.

López Quintás escreve que: “O homem sente vertigem espiritual quando se deixa arrastar pela ambição de possuir algo que encandeia os seus instintos e o põe a seu serviço. Todo tipo de vertigem é provocado por um vazio” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, P.430). Para o autor a vertigem é espiritual e ela é provocada pela pretensão desmedida de se obter coisas e para isso o homem irá usar todos os recursos disponíveis. Para o autor a ambição é provocada por um vazio, ou seja o indivíduo sem objetivos plenos acaba por realizar-se em valores sem importância. Isso é uma forma de queda para o vazio de si, que se opera quando alguém, em vez de respeitar uma realidade valiosa, ele a reduz a meio para seus fins. O encontro com as realidades valiosas é que permite ao homem desenvolver-se. O homem ao não se encontrar com os grandes valores se esvazia de si mesmo. Ao aproximar-se desse vazio experimenta a vertigem espiritual.

Para López Quintás é preciso que o jovem aprenda a viver de forma criativa e rica de valores importantes, só assim esses jovens saberão interpretar a vida de forma lúcida e com condutas corretas. Para o autor o jovem se encontra em um clima social perturbado

pela manipulação e dotá-los de poder de discernimento para orientar suas escolhas, ou vidas deve ser meta na educação atual. Ao contrário da *vertigem*, que é egoísta, o autor acredita que o *êxtase* é generoso. Segue um trecho sobre o assunto:

As experiências de êxtase – ou extáticas – são inspiradas por uma atitude de generosidade, da qual deriva uma outra série de atitudes muito fecundas: o respeito, a receptividade, a humildade, o agradecimento a responsabilidade, a perseverança, a confiança, o realismo, a tenacidade e a firmeza... São experiências que possuem todo o dinamismo e a energia que outorga ao homem o fato de ele tender para o ideal da unidade como um valor supremo que reúne os demais valores. Essa energia se traduz em liberdade interior, em capacidade de tomar distância dos próprios desejos e em optar, a cada momento, de acordo com a realização do ideal e não da satisfação dos gostos pessoais de cada instante. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 307)

O êxtase é inspirado por atitudes generosas, desprendidas de realizações pessoais. O êxtase é originado de boas atitudes como o respeito. A pessoa que toma atitudes baseadas em bons valores obterá resultados grandiosos e esses resultados trarão o êxtase. O êxtase é o oposto da vertigem, que é entorpecedor e efêmero, o êxtase suscita a alegria, a satisfação, o entusiasmo. Essa forma de entusiasmo é gerada quando a pessoa se vê elevada ao melhor de si, plenificada.

A *criatividade* é o pilar maior da teoria quintasiana. Se verificarmos a palavra criatividade, ela tem a seguinte definição no dicionário Houaiss (2004): s.f. talento para criar, inventar, inovar; inventividade. Na Espanha, López Quintás afirma que significa *dar origem a uma realidade nova e arrojada*. Mas, para ele, a criatividade é mais que isso, ela é dialógica, ou melhor, é o diálogo da realidade pessoal a qualquer outra realidade da vida cotidiana. Para López Quintás a criatividade visa o desenvolvimento pessoal e à revalorização da vida diária, ele escreve: “Agir de forma criativa significa *receber ativamente as possibilidades fecundas no intuito de dar origem a algo novo que encerra um valor*” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 19).

Para López Quintás, a Criatividade é a “disciplina que estuda os processos criativos” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 416). Segue um trecho em que o autor explica seu pensamento acerca do que acredita sobre “Criatividade”:

Atualmente concede-se grande importância a toda atividade humana que dê lugar a algo novo valioso. O homem é criativo quando assume ativamente alguma possibilidade que lhe seja oferecida e colabora para que surja algo de novo, dotado de valor. Você me oferece possibilidades para esclarecer um assunto. Eu lhe ofereço outras. Eu recebo as suas com disposição de pô-las em jogo, de confrontá-las com as minhas, de fazê-las valer naquilo que tenham de fecundo. Você faz algo de semelhante com as minhas. Esse intercâmbio de possibilidades cria um intercâmbio de possibilidades cria um espaço de diálogo e de encontro que é a fonte de luz e possui grande fecundidade para o desenvolvimento da vida humana. A aparição do novo pode dar-se em diversas vertentes da vida: arte, ciência, técnica, educação... Desde a época do romantismo tendia-se a reservar a designação de “criatividade” para os atos humanos que fazem surgir realidades espetaculares, que encerram um alto valor em decorrência do seu caráter excepcional e singular. A criatividade, desse modo, seguia emparelhada com a genialidade. Hoje, sentimos necessidade de revalorizar o caráter criativo de muitos atos humanos aparentemente insignificantes, mas particularmente valiosos, como pode ser limpar um bebê ou amamentá-lo. Essa revalorização da vida cotidiana apresenta a maior importância para a fundamentação da vida ética. Todos nós podemos e devemos ser criativos, pelo menos no sentido de fundar vínculos valiosos com as realidades circundantes. Então, forma-se uma rede de vínculos, que constitui a trama básica da vida cultural e converte os grupos em autênticas comunidades. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 416)

O homem criativo é aquele que encontra algo novo e dotado de valor. Quando uma pessoa encontra uma nova realidade ela a colocará em jogo, a compara com as próprias e o que há de valioso passa a atuar sobre a sua vida. Quando várias possibilidades são comparadas haverá uma interação de realidades. Essa interação cria um espaço de encontro

e o resultado será muito positivo e valoroso. Para López Quintás essa interação contribui para o desenvolvimento do ser humano.

Para o autor, desde a época do romantismo até a contemporaneidade, a “criatividade” tem apresentado a conotação de um grande valor. Também, acredita-se ainda hoje que a criatividade está presente em pessoas extraordinárias ou que se apresentam acima da média. Para López Quintás esse conceito precisa mudar, pois a criatividade pode estar em atos cotidianos, aparentemente sem valor, mas que na verdade podem fundamentar uma vida ética. O autor explica que o homem precisa refletir e perceber que os grandes valores da vida podem estar na simplicidade. Portanto, através desses novos valores, que são fundamentados em atos simples, verdadeiras comunidades serão constituídas.

Para López Quintás precisamos revalorizar a vida cotidiana para que se viva eticamente. Todos podemos e devemos ser criativos, para que possamos fundar sentidos valiosos com as realidades circundantes, para que possamos formar uma rede de vínculos, que constitui a trama básica da vida cultural e converter *grupos humanos* em *autênticas comunidades*.

O *pensar com rigor* também é um dos pilares da teoria de López Quintás. Para o autor pensar com rigor é o mesmo que tentar perceber a relação que existe entre as coisas e tudo que as envolve: sua história, seu significado, tudo o que implica o seu ganho ou a sua perda. O pensar com rigor é o esforço que a pessoa faz em entender alguém ou fazer-se entender por alguém. É entender o significado - o mais completo possível - de alguns objetos, como o de um crucifixo. Para o autor pensar com rigor é agir de forma ética e também de amorosa.

López Quintás acredita na vida em sociedade, em que um ser não está desconectado dos outros, na verdade, para o autor todos os seres humanos dependem um dos outros. O autor repudia atos egoístas e escreve com dureza sobre o solipsismo, niilismo e hedonismo. Segue uma breve explicação sobre o pensamento de López Quintás a respeito de cada um dos termos.

Para López Quintás o homem *solipsista* é um solitário, pior que isso ele tende a fechar-se, o autor escreve: “Homem solipsista é aquele que tende a fechar-se no círculo dos seus interesses e preocupações por considerar, de fato, o próprio eu como a única realidade

válida e normativa” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 421). Para o autor a vida é composta por uma trama de várias realidades que se entreveram. O indivíduo que se fecha nas próprias preocupações estará contrariando esse princípio.

López Quintás menciona que para o criador do termo, F.H. Jacobi (1799), *niilismo* “[...] indica a tendência a considerar que nada tem consistência nem razão de ser, carecendo de valor e de sentido. É um puro nada (do latim *nihil*)” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 425). O autor explica que o homem niilista é aquele que carece ou que necessita de valor.

Já o *hedonismo* tem como determinação o prazer como a maior meta de um indivíduo, e sobre o assunto o autor escreve o seguinte: “Indica a tendência a considerar o prazer como o supremo bem e meta da vida humana” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 421). A atitude hedonista consiste em buscar sempre o que é gratificante e agradável, de plena fruição, mas essa costuma tornar o homem fechado em si e fatalmente tenderá ao egoísmo. A meta para o hedonista é a dedicação ao prazer dos sentidos e essa satisfação pessoal e isso traz a desmesura e pode comprometer a sua visão de ética, sobre esse assunto o autor ainda cita: “O hedonismo sublima um fato certo: que toda satisfação implica um valor. Comete uma desmesura ao considerar este como valor supremo e como critério para julgar a qualidade ética das ações” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 421). Para López Quintás a procura da satisfação pessoal, egoísta pode acabar com um valor e comprometer a ética.

Os Conceitos de Encontro e Âmbito

Na teoria de López Quintás o Encontro e o Âmbito representam conceitos muito importantes e servem de base para o desenvolvimento de diversos seguimentos da teoria do autor. No caso do “âmbito”, este só pode existir se fundarmos novas realidades e só fundamos novas realidades se verdadeiramente nos *encontramos* com elas. Segue um exemplo para esclarecer melhor a questão: Quando um aluno lê, ou ouve um poema, ele passa a conhecer uma nova realidade. O aluno que estiver realmente disposto a conhecer essa nova realidade, que é considerada na teoria quintasiana como *âmbito*, se *encontrará* com essa realidade e esta passará a fazer parte da vida dele.

Para López Quintás o encontro é fundamental na formação humana, como segue: “A formação humana se realiza através de encontro. As leis deste jogo criador que é o encontro resplandecem de forma modelar na experiência estética” (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 14). Para o autor o encontro é um jogo, pois na arte há uma oferta de experiências, quem entra em contato com a obra de arte pode ou não recebê-la e tentar entendê-la, este é o preceito do encontro. O sujeito que se encontra verdadeiramente com as várias realidades que estão presentes no mundo vista através da obra de arte, terá sua vida enriquecida.

Os conceitos de encontro e âmbito se integram constantemente:

[...] as formas mais altas de unidade, as de encontro, se devem à mistura de dois ou mais *âmbitos*, não à mera justaposição ou choque de *objetos*.

A mistura de âmbitos constitui a raiz da forma mais alta de criatividade humana, a que leva a personalidade do homem à plenitude. A personalidade humana se desenvolve e se configura através da fundação incessante de âmbitos diversos que se articulam e se potenciam mutuamente para formar o complexo tecido do mundo, o mundo de cada um, a trama de suas experiências, seus campos energéticos e operacionais. Por isso autêntico meio ambiente do homem não está formado por objetos justapostos, mas por âmbitos integrados. (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 19)

Para o autor os resultados mais significativos, ou seja, algo realmente importante se deve ao encontro de vários âmbitos, que se misturam e se completam, formando outros âmbitos, que são muito valiosos a que o autor chama de *formas mais altas de unidade*. Esse processo constitui uma forma de criatividade do homem, que o eleva ao melhor de si. López Quintás explica que o homem se forma do entrelaçamento de diversos âmbitos, ou seja, da junção de diversas realidades que forma uma trama, que dará início à personalidade desse indivíduo.

Para que o indivíduo se forme plenamente e forme, junto a outros indivíduos a uma sociedade mais ética, ele deve se encontrar com bons exemplos. O autor explica:

É este meio ambiente cheio de eficiência, dinamismo e sentido que a arte encarna e revela. O artista tem um poder singular para intuir o caráter “ambital”, relacional das realidades e acontecimentos, e expressar e dar corpo a isso numa figura sensível. Estas figuras não reproduzem meros objetos. São imagens que dão corpo e relevo a âmbitos. Daí sua condição luminosa e sua interna racionalidade e verdade. (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 19)

Para López Quintás o meio em que vivemos é dinâmico e repleto de sentido. Para o autor o artista consegue captar esse dinamismo e configurá-lo na forma de arte. Para López Quintás a obra de arte, a que ele chama de *figura sensível*, dá corpo e relevo aos âmbitos, que reproduzem de forma verdadeira as mais diversas realidades.

• *A realidade torna-se mais complexa e rica*

À medida que se criam âmbitos sobre a base de realidades já existentes que se misturam, a realidade ganha em riqueza e em complexidade. A evidência luminosa (*aletheia*) deste aumento do real constitui a *verdade artística*, que é em todo rigor um modo de verdade “poiética” – criadora. “O pensamento poiético faz viver entre nós aquilo que ainda não existe”, escreveu Paul Valéry. Neste sentido, a arte é mais real do que a história – como sugeriu Aristóteles em sua *Poética* – porque reproduz o real num estado de maior *ambitalização*, de realização mais ampla, e, portanto, de clarificação mais

alta, pois o sentido da realidade é iluminado na entre-mistura de entidades que se unem entre si para se complementarem. O jogo estético, como todo jogo autêntico, não só imita o real; cria âmbitos e produz sentido. (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 19)

A realidade pode tornar-se mais rica à medida que se misturam âmbitos diferentes criando-se novos âmbitos. Ou seja, são novas configurações criadas a partir do encontro das já existentes e isso confere mais riqueza à realidade. Para o autor a arte é reveladora de âmbitos, pois evidencia a verdade, que é poética. O autor evoca o pensamento de Paul Valéry que escreveu que o pensamento poético nos traz aquilo que ainda não existe para nós. Também, escreve que para Aristóteles a poesia reproduz o real em todo o seu sentido, de forma ampla. A arte esclarece, clarifica, pois traz o sentido da realidade ampliado e composto de uma inter-relação de significados que se unem e se completam. Há um jogo estético e como todo jogo autêntico, não só reproduz o real, mas também cria âmbitos e produz significados.

Para López Quintás: “A arte verdadeira não reproduz figuras; plasma os âmbitos a que dá lugar a mistura de umas realidades com outras” (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 21). Para o autor a arte é capaz de modelar novos âmbitos baseados no encontro da realidade já existente e oferecer ao espectador novas possibilidades. O espectador observa e absorve essas novas possibilidades, se dá o encontro e opera-se uma mistura de âmbitos, visto que o espectador também é um âmbito, essa mistura do âmbito do poema com a do espectador será muito profícua.

4. Fecundidade da experiência artística

Do que foi dito antes segue-se que a experiência artística, bem compreendida em sua articulação interna, nos ajuda a esclarecer um punhado de temas concatenados. A visão conjunta de todos eles permite ver contra a luz, em sua gênese a estrutura do processo formativo e, conseqüentemente, a orientação que deve seguir para chegar a bom termo. (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 20)

A obra de arte é fecundidade, pois se esta é realmente compreendida pode nos clarificar sobre muitos temas que se relacionam entre si. O processo formativo humano

pode ser observado e orientado a partir da visualização e entendimento desses temas em sua origem e estrutura.

- Ao considerar as realidades do meio ambiente como objetos e como âmbitos igualmente, descobrem-se numerosas possibilidades de se encontrar com eles e desenvolver a própria personalidade. O ser humano vê a si mesmo como relacional, aberto, dialógico. (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 28)

O homem, ao considerar as realidades do meio em que vive como âmbitos, ou seja, como realidades com sentido pleno e não somente coisas e objetos, a partir do encontro dele com esses âmbitos, desenvolverá a sua própria personalidade. O homem perceberá a si próprio, agora como um ser aberto a relacionamentos com as realidades que o circundam.

Nesse capítulo vimos os conceitos de encontro e âmbito que se relacionam. São conceitos interdependentes. Mas gostaria ainda de explorar melhor cada um desses conceitos e agora separadamente. Nos próximos dois sub-capítulos intitulados *Encontro* e *Âmbito* explico mais detalhadamente cada um deles.

Encontro:

O poema traz a realidade do poeta, seus valores, suas emoções, suas impressões do mundo etc. para o leitor. Para *captar* – encontrar - essas e outras realidades o leitor tem que estar aberto a essa descoberta. O *encontro* é um dos alicerces da teoria de López Quintás. Sobre encontro Perissé escreve:

Esse contato realiza-se com maior ou menor intensidade no encontro de cada um com a arte. Mais ainda, do encontro de cada um com a obra concreta de cada artista. Encontro, com a obra, que é o encontro humano e humanizador com o artista. A obra do artista *é* o artista, suas verdades e mentiras, angústias e certezas, aquilo que sente, aquilo que pressente. Na sua própria obra o artista habita. Habitaremos com ele na sua obra de arte, compartilharemos suas dores e perplexidades, seus relatos e ilusões, suas convicções e seus achados. (PERISSÉ, 2009, p.42)

Para o autor nos encontramos com a obra de arte. A obra é o resultado do encontro do artista com a sua realidade, com suas verdades e mentiras. Perissé afirma que a obra é o próprio artista. Portanto, a pessoa ao entrar em contato com a obra se encontra com a realidade do artista, ou até mesmo, com o próprio artista. O nosso encontro com essa realidade nos levará à realidade da obra e passaremos coabitar nessa mesma obra. Essa nova visão de mundo que pode nos ampliar a compreensão do mundo através do olhar do artista.

Ainda, sobre o encontro Perissé explica:

A palavra criativa é o melhor recurso de que o professor dispõe. Essa palavra abre espaço para a verdade do encontro, indo em direção ao outro ao mesmo tempo que encoraja o outro a assumir seu papel no jogo do aprender-ensinar. A aula poética inventa a verdade. Não se pode mentir em poesia, porque tudo o que se inventa, esteticamente falando, é verdade. A arte inventa a vida, e essa vida não é mentirosa, tal como entendemos a mentira em seu significado cotidiano. (PERISSÉ, 2009, p. 87)

A palavra criativa ajuda o professor a expor a verdade do encontro e estimula o processo do aprender-ensinar. Uma aula com poesia cria verdades, que alguns poderiam chamar de mentiras, mas se forem vistas esteticamente, serão verdades poéticas sobre as realidades do mundo.

Sobre encontro López Quintás escreve:

O encontro não se reduz à mera vizinhança ou justaposição. Implica em uma fusão de dois âmbitos de vida, de dois seres capazes de oferecer a outrem possibilidades de agir com pleno sentido e receber as que lhe são oferecidas. A noção do homem está unida com a de encontro, e esta com a de âmbito e de fusão ou “entreveramento”. A formação do homem só é possível quando se compreende a fundo a idéia de encontro e há força de vontade para realizar encontros autênticos. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 417, 418)

Para o autor o encontro é a integração de dois âmbitos – realidades com sentido pleno. Essa integração o autor chama de entreveramento. López Quintás escreve que a formação do homem necessita do entendimento do *encontro* e através dele o homem construirá encontros autênticos, que propiciará uma vida plena dentro da sociedade.

Para López Quintás podemos ter duas ou mais realidades que se encontram. O indivíduo se encontra com a obra e através da experiência reversível ele experimentará algo que age sobre ele. O encontro ocorre quando, verdadeiramente, o indivíduo aceita a obra, que é um âmbito. O encontro é a relação entre essas duas realidades, a do indivíduo e a da obra. Quando a pessoa entra em contato com a obra, há um entreveramento, ou seja a inter-relação de duas realidades, entre dois âmbitos de realidade (Cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 125-126). O resultado desse encontro é a criação de um outro âmbito, que foi gerado entre a arte e o indivíduo.

López Quintás nos oferece exemplos de entreveramento, de entrelaçamento, e o autor escreve que em uma situação hipotética em que existem o condutor e o veículo, esses formam um “campo operativo” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.127), o carro oferece a possibilidade de rodar, o condutor a possibilidade de dirigir e essa oferta mútua de possibilidades supõe o entreveramento, criando-se uma forma fecunda de unidade. Quando

o carro é assumido pelo condutor surge uma terceira realidade: “o ato de conduzir”. Segue um outro trecho em que o autor escreve mais sobre entreveramento:

Uma forma elevada de unidade funcional é um entrelaçamento de dois âmbitos, dois campos de iniciativa, e essa união dá lugar a uma nova forma de realidade. Nela, *adquirem pleno sentido* as realidades que a integram. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.127)

Para o autor a união de âmbitos gera um outro âmbito, uma nova realidade. A partir desse pensamento posso supor que o aluno do Projeto de Poesia é uma realidade, o poema é outra realidade, quando o aluno interage com a poesia, ocorre um entreveramento e o resultado é o surgimento de um novo âmbito, que podemos nomear de aprendizado.

Tal forma de colaborar denomina-se “participar”, tomar parte ativa na configuração de um campo de jogo com realidades dotadas de poder de iniciativa. Eu participo, por exemplo, de uma obra musical que posso voltar a criar, de uma instituição que me oferece um projeto de vida fecunda, de um plano de pesquisa que me abre horizontes inéditos em minha busca da verdade... O homem só pode participar de realidades que ofereçam possibilidades à sua ação criadora e que recebam, em alguma medida, as possibilidades que ofereçam, em alguma medida, as possibilidades que ele, por sua vez, outorga. Esse duplo oferecimento e aceitação de possibilidades constitui o *entreveramento de âmbitos*. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.140)

Para López Quintás as pessoas devem colaborar, ou participar, de um jogo de realidades. O lúdico, através da poesia, toma sua importância como instrumento de busca de possibilidades. O autor afirma que a pessoa encontra novos horizontes e novas verdades. O resultado desse jogo interativo é o “*entreveramento de âmbitos*”. Para o autor o entreveramento nos oferece muitas possibilidades de criação e de participação e essas possibilidades estão relacionadas à nossa vida diária.

López Quintás escreve: “A vida social é formada por um tecido de grupos que se relacionam e se influenciam de mil formas” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.138). Para o autor a sociedade é formada por vários grupos que se interligam e que exercem peso uns sobre os

outros e conhecimentos são trocados e absorvidos por esses grupos. Essa mistura de pessoas com hábitos diferentes, diversas crenças etc., dentro de um outro lugar de cultura diferente das do aluno, que é a escola, gera um âmbito de colaboração e conseqüentemente, aprendizado. Há um entreveramento de vários âmbitos que se relacionam. Os alunos podem e devem aprender a valorizar essa inter-relação, pois este ato pode trazer mais conhecimento, tolerância, ou seja pode contribuir para uma formação plena. As várias opiniões de alunos, professores etc., muitas vezes tão diferentes, trazem enriquecimento ao ambiente escolar. O poema entra nesse diálogo para acrescentar, pois a poesia dispõe de artifícios que buscam a formação plena do homem e esta pode, em um curto prazo, contribuir para o melhor desenvolvimento do ambiente escolar.

López Quintás atribui grande importância ao desenvolvimento humano, individual e da sociedade. O trabalho com poesias pressupõe o desenvolvimento do aluno. Sobre isso López Quintás escreve:

Cada sociedade deve fazer chegar aos seus cidadãos as possibilidades que recebe para que estes as assumam criticamente, discirnam o que nelas é fecundo e, com base nessa fecundidade, abram novas possibilidades que, por sua vez, eles entregarão a geração seguinte. Assim evolui a humanidade. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.138)

López Quintás, em sua teoria, mostra grande preocupação com a condição do jovem. Ele se preocupa com o vazio dos jovens diante do mundo. A “falta de um ideal” é um outro ponto de preocupação. O autor escreve: “Por que esses jovens carecem de ideal e não conseguem acreditar em nada? A que profundas razões se deve o fato de eles terem perdido o norte de suas vidas e o sentido da existência?” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.140). López Quintás se preocupa com a falta de perspectiva do jovem, a falta de direcionamento. Todo esse problema faz com que o autor procure soluções. O *encontro* dos jovens com a arte para que possam aprender a refletir, adquirir o hábito de *pensar com rigor*, é um dos caminhos que o autor encontrou.

López Quintás também escreve que o encontro dos jovens com a arte ajuda a torná-los pessoas mais sensíveis. Podemos concluir que continuaremos a formar engenheiros, professores, advogados, arquitetos etc., mas teremos profissionais mais sensíveis, pessoas

preocupadas com o bem-estar da sociedade. Talvez a humanidade tenha mesmo a tendência natural à barbárie, como escreve Morin, e o ser humano precisa ser humanizado.

Sobre a arte na educação, mais especificamente sobre a literatura, Todorov escreve:

E, de imediato: que melhor preparação pode haver para todas as profissões baseadas nas relações humanas? Se entendermos assim a literatura e orientarmos dessa maneira seu ensino, que ajuda mais preciosa poderia encontrar o futuro estudante de direito ou de ciências políticas, o futuro assistente social ou psicoterapeuta, o historiador ou o sociólogo? Ter como professores Shakespeare e Sófocles, Dostoiévski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional? E não se vê que mesmo um futuro médico, para exercer o seu ofício, teria mais a aprender com esses mesmos professores do que com os manuais preparatórios para concurso que hoje determinam o seu destino? Assim, os estudos literários encontrariam o seu lugar no coração das humanidades, ao lado da história dos eventos e das idéias, todas essas disciplinas fazendo progredir o pensamento e se alimentando tanto de obras quanto de doutrinas, tanto de ações políticas, quanto de mutações sociais, tanto da vida dos povos quanto da de seus indivíduos. (TODOROV, 2009, p.93)

Para Todorov a literatura pode trazer preciosa ajuda para os futuros profissionais. Ter como professores Sófocles e Dostoiévski, por exemplo, fariam *progredir pensamentos*. O autor não acredita que todas as pessoas serão profissionais de letras, mas que todos os profissionais, das mais diversas áreas, podem ser melhores pessoas com o encontro da literatura.

Todorov escreve que a literatura é capaz de ajudar o homem a viver melhor, sobre esse assunto o autor explica:

Mais densa e mais eloqüente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os

outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. (TODOROV, 2009, p. 23-24)

Para Todorov a literatura amplia o universo do homem, melhora seu modo de entender o mundo, estimula-o a compreender outras realidades, a encontrá-las. Para o autor nos desenvolvemos através do que nos é oferecido, primeiro dos nossos pais, depois daqueles que nos cercam com todas as suas realidades e temos a alternativa da literatura que com toda sua riqueza pode nos instruir e modificar. Para o autor a literatura *nos proporciona sensações insubstituíveis* que são as emoções, e estas transformam o mundo em algo *mais belo*, e mais prazeroso. Para o autor todos, independente de quem seja, profissional das artes ou não, precisam do belo, este é um requisito para que os seres tornem-se mais humanos, Todorov escreve:

[...] o leitor não profissional [...] lê essas obras [...] para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. (TODOROV, 2009, p. 33)

Para Todorov o leitor pode descobrir a beleza das obras literárias, para que através delas, possa enriquecer sua vida a fim de trazer realização pessoal. Todorov escreve que a literatura como: “encarnação de um pensamento” (TODOROV, 2009, p.38); “interpretação do mundo” (TODOROV, 2009, p.38); “discurso sobre o mundo” (TODOROV, 2009, p.40). Para Todorov a literatura é esclarecedora, pois pode trazer-nos os mais diversos pensamentos e através deles podemos ampliar a nossa visão de mundo. Ainda, para o autor: “Graças à arte, o ser humano pode atingir o absoluto” (TODOROV, 2009, p.52); “A literatura pode muito [...] nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2009, p. 76); “Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos” (TODOROV, 2009, p. 77). Para o autor a arte pode nos ajudar a atingir a realização pessoal. Através dela podemos compreender melhor o mundo e conseqüentemente podemos viver melhor.

Perissé concorda com Todorov (Cf. PERISSÉ, 2009, p. 34), é o que o autor escreve em seu livro *Literatura em Perigo* e explica que os teóricos da literatura não se preocupam com a literatura em si, como segue: “ O teórico absoluto não se emociona com as histórias [...] Sua principal função [...] é analisar, separar, distinguir etc.” (PERISSÉ, 2009, p. 34). Percebemos na disciplina de Literatura que há um movimento que tem evoluído do fim da análise da estrutura do texto, o estruturalismo, para a valorização da narrativa ou da história e o que está incutido na obra literária. Todorov nos chama a atenção para esse fato no livro *Literatura em Perigo* e Perissé reforça esse pensamento e explica:

Os livros não são objetos fechados em si mesmos. Na realidade, a literatura é perigosa porque põe em xeque nossas concepções de mundo, porque abre portas e janelas, desencadeia a memória, cutuca a imaginação, provoca abalos em nossas certezas, propõe valores, questiona outros, oferece a chance de repensarmos no sentido da vida. (PERISSÉ, 2009, p. 34)

A obra literária pode parecer ameaçadora porque traz a reflexão, o questionamento da nossa realidade, tira as nossas certezas e propõe outras, propõe valores que não são aqueles que estamos acostumados. A literatura nos oferece a oportunidade de repensarmos nossas vidas.

O leitor comum, mesmo que não o saiba expressar, procura na literatura o não-acadêmico, o não-sofisticado. Procura, para dizer de um modo positivo, as questões humanas tratadas de modo vivo e apaixonante, procura a aventura, os dilemas, as paixões, os dramas, as surpresas, quer sofrer e alegrar-se ao longo da leitura, fugir, como dizia o poeta Mario Quintana (1906-1994), para a realidade! A realidade irrealmente real, transfigurada pela ficção. O leitor comum não possui técnicas de leitura e análise, mas é a esse leitor que o escritor se dirige em primeiro lugar... e não aos críticos especializados. (PERISSÉ, 2009, p. 35)

Para Perissé o leitor comum é alvo do romancista, do poeta, e não o crítico literário, o acadêmico. O leitor comum, por sua vez, não procura a teoria literária, como saber em que pessoa o texto foi escrito ou quantas estrofes há no poema, ele procura as paixões, os dramas, as surpresas. O leitor sai ou foge da sua realidade para entrar em outra, mas essa

fuga pode trazer o encontro de novas formas de enxergar a vida. O autor sugere que o primeiro papel da educação literária deveria ser a criação de uma clientela não especializada, deveria ser uma clientela que goste da leitura, que se deleite com ela. Para que esse novo público leitor saiba e possa receber toda pungência que a literatura contém.

A escola e a universidade pecam contra a literatura se exigem dos alunos que conheçam, não tanto a obra literária em sua beleza, em sua contundência, mas tudo aquilo que as enquadra de modo mais ou menos rígido: classificações, métodos e categorias de análise, referenciais teóricos... ou seja, tudo aquilo que vive da literatura mas não é literatura, não provoca, não apaixonava, não transforma o leitor. (PERISSÉ, 2009, p. 35)

Perissé critica a escola e a universidade que, em detrimento da obra literária, enaltecem a teoria. Para o autor, mais importante que a metrificacão, é a mensagem do poema. Perissé nos chama a atenção para o fato de a teoria literária não ser apaixonante como a literatura é em si.

A literatura, em sua pungência, em sua beleza (e beleza não é o “bonitinho”), nos ajuda a viver, faz com que imaginemos novas formas de conceber e configurar o mundo. Mais do que objeto de estudo para um grupo seletivo, mais do que ocasião para conversas “elevadas”, ela nos permite, a todos, vislumbrar a condição humana, com suas contradições e loucuras – nossas contradições, nossas loucuras. (PERISSÉ, 2009, p. 33)

Perissé explica que a literatura nos ajuda a entender a vida, faz com que encontremos respostas para que possamos viver melhor. Para o autor a literatura não tem público seletivo, ela está disponível para quem a aprecia. Ela nos ajuda a encontrar outras formas de entender o mundo, pois nos permite enxergar a condição humana com todos os seus desvios.

Para finalizar, segue mais trecho de López Quintás em que o autor explica o *encontro* no poema:

O poema não é produto de um processo de elaboração que uma pessoa possa realizar a partir de si mesma, sozinha. É o fruto de múltiplos encontros: o encontro com uma realidade que se quer expressar; o encontro com o poder expressivo de uma matéria – nesse caso um determinado tipo de linguagem; o encontro com os primeiros versos que vão sendo plasmados e que a seguir adquirem poder inspirador daquilo que virá depois...O poema por ser fruto de um encontro, é um lugar de vibração de diversos elementos; é uma realidade cheia de possibilidades, de poderes expressivos que se oferece a quem tenha possibilidades de acolhê-los. Por isso é que podemos nos emergir nele, assumi-lo como uma voz interior, receber sua mensagem [...] Enquanto for tomado como âmbito, posso encontrar-me com ele [...] (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 60)

O poema é o resultado de um encontro do poeta com uma ou várias realidades, pois temos que considerar também, além da realidade a que o poema se refere, todos os recursos que a forma do poema dispõe. Também o autor afirma que o poema é um lugar de vibração e que contém várias possibilidades. Quem se dispuser a encontra-se com ele, compreendê-lo como um âmbito de realidade, receberá toda essa vibração e sua mensagem. Todo esse processo é muito enriquecedor.

Âmbito:

López Quintás emprega a palavra *âmbito*, que é mais um dos alicerces de sua teoria, para qualificar uma realidade. O autor explica o termo da seguinte forma:

Mais que um lugar físico, o lar é um âmbito, um lugar de habitação criado pelos esposos. O colégio é um âmbito, como também a paisagem, o povo, a linguagem (vista como um campo de significação e de luz que abre ao homem indefinidas possibilidades de compreensão e expressão). (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 18)

Para o autor o âmbito pode ser um lugar, uma pessoa, mais que isso, é a fundação de uma realidade que pode ser representada por uma habitação, mas que ganha a compreensão de um âmbito se vista como uma realidade, ou seja um lar de pessoas que vivem e convivem ali. López Quintás ainda explica:

Todas as formas de jogo e de trabalho são âmbitos, campos de possibilidades de ação carregada de sentido. Em conseqüência, os papéis que o homem pode desempenhar em sua vida são âmbitos e, como tais, dão lugar a tipos literários e temas artísticos: um criado, um camareiro, um rei, um príncipe um guarda, um soldado, um sacerdote, uma mãe...(LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 18)

Para o autor pode ser considerado âmbito todas as formas de jogo e de trabalho. São campos de possibilidades carregadas de sentido. Da mesma forma, o autor explica que os papéis que o homem desempenha em sua vida também são âmbitos e por isso emprestam seus tipos à arte, como o rei, o camareiro, o sacerdote etc.

Também as obras culturais são consideradas como âmbitos, o autor escreve: “A mesma condição apresentam as obras culturais que o homem realiza para dar corpo expressivo aos campos de sentido formados pela mistura de diversas realidades”(LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p.18). Para o autor as obras culturais são âmbitos por serem a expressão do homem e conter os mais variados sentidos e as mais variadas realidades.

O homem transforma freqüentemente os espaços naturais em âmbitos mediante um dinamismo iluminador de possibilidades de ação e sentido [...] As crianças convertem cada rincão da casa, da cidade ou do campo em espaço lúdico, em âmbito. (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 19)

Para López Quintás o homem transforma os ambientes naturais em âmbitos, pois os carrega de sentido. As crianças transformam cada canto da casa ou dos lugares que elas frequentam em espaço em lúdico e dessa forma se tornam âmbitos.

López Quintás explica que a condição de âmbito pode se dar pelas mais diversas realidades que nos cercam como a do piano, que pode ser considerado um móvel ou um objeto, mas se ele é tocado passa a ser visto ou sentido como um instrumento musical, com todas as suas possibilidades sonoras. Quando alguém interpreta uma composição musical, entra no campo de jogo, no jogo artístico, que é a obra interpretada, a partir daí o piano é um âmbito (Cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 51). Segue um trecho em que López Quintás escreve mais sobre âmbitos de realidades:

Os “âmbitos de realidade” superam os limites corporais, relacionando-se, misturando-se com outros âmbitos. Cada um de nós, enquanto seres corpóreos, temos contornos bem delimitados, ocupamos um espaço determinado, que pode ser medido facilmente com uma fita métrica. Enquanto pessoas, porém, transpomos os limites do corpo e estabelecemos toda uma rede de relações que constituem o nosso “mundo próprio”. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.66)

Os âmbitos superam os limites de corpóreos. O âmbito é um corpo, mas misturado a outras realidade, ou seja é uma realidade misturada a outras. Somos não só corpo, visto como massa, mas sim somos corpo e todas as possibilidades que se somam e se misturam a ele, criando assim, uma rede.

Para percebermos os âmbitos precisamos pensar com rigor, precisamos prestar atenção às informações recebidas e refletir a respeito delas. Os âmbitos estão em todos os lugares, podem ser obras de arte, pessoas, objetos etc. A elevação de objetos a âmbitos só é possível se nos encontrarmos com aquela realidade e devemos pensar com rigor para que isso ocorra. López Quintás explica: “A elevação de meros objetos à condição de âmbitos

torna possível *o encontro*. “Encontrar” é colaborar, é ser capaz de entreverar dois campos de iniciativas, duas fontes de possibilidades” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.54). Portanto, podemos nos encontrar com as realidades, se pensarmos com rigor, ou seja se nos esforçarmos para compreendê-las e enxergá-las em toda sua abrangência.

É que âmbito nasce do encontro, desse influxo mútuo e desse mútuo enriquecimento entre duas ou mais realidades. A sala de aula como espaço físico ainda não é um âmbito. Podemos colocar móveis lá dentro, e até “encher” de gente. Mas ainda não constitui um campo de jogo, um “tabuleiro” em que alunos e professores dialoguem verdadeiramente e caminhem para uma unidade dinâmica. Professores e alunos precisam tomar iniciativas para que a sala de aula seja uma fonte de possibilidades criativas. (PERISSÉ, 2009, p.87)

O âmbito é mais que um lugar, com móveis, com pessoas, que dialoguem. O autor dá como exemplo a sala de aula, onde há alunos, professor, móveis, mas que ainda não pode ser considerado um âmbito. Este só será um âmbito se as pessoas realmente dialogarem e procurarem uma unidade verdadeira na sala de aula. Presumimos que deva haver disposição para isso. Tem que haver disposição para um diálogo verdadeiro e aberto e a partir daí acontecerá inúmeras possibilidades criativas.

A mistura de âmbitos constitui a raiz da forma mais alta de criatividade humana, a que leva a personalidade do homem à plenitude. A personalidade humana se desenvolve e se configura através da fundação incessante de âmbitos diversos que se articulam e potenciam mutuamente para formar o complexo tecido do mundo, o mundo de cada um, a trama de suas experiências, seus campos energéticos e operacionais. Por isso o autêntico meio ambiente do homem não está formado por objetos justapostos, mas por âmbitos integrados. (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p.19)

Para o autor a integração de âmbitos, a relação de realidades é a mais alta forma de criatividade do homem, pois eleva a personalidade do homem. Para López Quintás essa elevação se dá pela mistura de realidades, que se articulam e melhoram a trama do mundo.

A Poesia e o Pensar com Rigor

Para López Quintás, desde pequenos, aprendemos sobre o que nos rodeia, como acontece na escola em que aprendemos vários conceitos, mas para o autor não aprendemos a pensar bem, como pensar em como aquele conceito foi gerado ou para que ele realmente nos serve. O autor nos chama a atenção para os jovens, que muitas vezes têm dificuldade em entender a verdadeira importância de tudo que os rodeia, isso porque eles não aprenderam a *pensar com rigor*. Sobre pensar com rigor ou pensar bem o autor escreve:

Pensar bem é indispensável para conhecer com exatidão o que é a nossa própria realidade e o que são as realidades que nos rodeiam e que em grande parte decidem nosso desenvolvimento pessoal. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.25)

López Quintás ainda explica:

Por não ter instintos *seguros*, nós, seres humanos, necessitamos pensar, orientar as energias de nossas pulsões elementares, desenhar um projeto de vida. Por termos a obrigação de crescer – que é a lei da vida –, temos de pensar *bem*, isto é, de forma fiel às realidades com as quais realizamos nossa vida e à nossa própria realidade pessoal. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.27)

Para o autor o animal age porque segue seus instintos naturais, já o homem não tem mais seus instintos tão seguros e, muitas vezes, não orienta bem suas ações por um bom caminho. Para o autor, o homem deve se desenvolver até chegar a uma figura ideal. O homem deve saber fazê-lo, o homem deve pensar com rigor e traçar seus objetivos, para isso ele deve exercitar suas “[...] potencialidades psíquicas - desenvolver o entendimento, vontade, sentimento, capacidade criadora [...]” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.26). O homem, através de si e dos seus conhecimentos deve fazer as melhores escolhas, para si e para a sociedade em que participa. Para isso, ele deve saber pensar adequadamente, pensar bem.

Para López Quintás, somos “[...] informados, mas não formados [...]” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 25), ou seja, temos recebido muitas informações, mas não somos

formados como pessoas conscientes, por não estarmos habituados a pensar com rigor. O autor escreve que pensar com rigor ou pensar bem é indispensável para conhecer com exatidão a nossa própria realidade e as realidades que nos rodeiam. Para o autor pensar bem está unido a viver criativamente. Para isso temos que exercitar as nossas potencialidades como entendimento, vontade, sentimento amoroso, capacidade criadora. Também, devemos realmente tentar entender as diversas realidades e ter sensibilidade para discernir os valores mais elevados.

Para López Quintás não devemos ser “frívolos” em nossas respostas, não devemos dar qualquer resposta para nos livrarmos de responsabilidades, devemos pensar com rigor e dar respostas adequadas, medidas, sem nos esquivar (Cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 28). Para o autor devemos evitar o analfabetismo de “segundo grau” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 33), que é a falta de pensar com rigor, para o autor: “*Basta pensar de modo cuidadoso, analisar as questões em sua raiz, não se contentar com meias verdades*” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 34). Para López Quintás, além de não nos contentar com meias verdades ou informações incompletas, devemos nos acostumar a um vocabulário adequado, escolher bem as palavras que vamos proferir, como segue: “[...] *selecionar corretamente os vocábulos adequados à questão que está sendo tratada*” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 29). O autor ainda escreve:

Pensar de forma apurada não se reduz a raciocinar de forma coerente e lógica; implica captar a riqueza de diferentes modos de realidade que constituem nosso ambiente e expressá-la de forma adequada, com a linguagem devida. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 29)

Pensar com rigor não é só ser lógico ou coerente, também é se acostumar a captar todos os sentidos das realidades com que interagimos no nosso meio e expressá-las de maneira apropriada, falar corretamente. Devemos aprender a pensar bem e devemos exercitar nossas mentes para que isso aconteça. Devemos raciocinar de forma comprometida com a realidade. Mas esse comprometimento só se dará se houver consciência de sua importância e também se o sujeito estiver habituado a isso.

Perissé escreve: “Que tipo de especialista uma pessoa se torna por dedicar-se à leitura de contos, poemas, romances? Especialista em nexos” (PERISSÉ, 2006, p. 72). Para

o autor, um leitor, pode desvendar o que há por trás das palavras, o que elas querem nos mostrar, os seus “nexos mais profundos” (PERISSÉ, 2006, p.73). Esse raciocínio, esse bem pensar ou pensar com rigor é o que decifra onexo, o sentido mais profundo do poema, do conto ou do romance. Tornar o pensar com rigor um hábito, é um exercício constante em que o professor com a ajuda da arte - literatura, incluída aí a poesia -, pode se tornar realidade na vida escolar de seus alunos. López Quintás escreve: “A experiência estética nos habitua perceber sinoticamente os diversos planos de realidade que se integram num processo expressivo” (LÓPEZ QUINTÁS, 1992, p. 21). Para o autor a arte pode ensinar a nos habituarmos a perceber melhor o mundo em sua diversidade.

A escola pode ajudar o aluno a se acostumar com o bem pensar e para isso os educadores devem ser convincentes, e eles só podem agir assim, se forem aqueles que se expressam bem e conseqüentemente, entusiasmarão seus alunos.

Podemos concluir que o professor, ao trabalhar no Projeto de Poesia, ao expor um poema, deve conduzir a aula com palavras que sejam adequadas, para que se possa promover o encontro do aluno com o significado do poema, para que eles possam encontrar o sentido mais profundo do poema e “[...] *penetrar a fundo nos temas que se analisa [...]*” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 31). O professor deve, também, ajudar o aluno a se pronunciar diante da classe, de forma coesa e coerente, ele deve se habituar ao pensar com rigor, pois dessa forma ele estará mais preparado para, futuramente, se pronunciar diante na sociedade.

López Quintás escreve alguns exemplos sobre pensar com rigor, dentre eles temos o de uma aluna, que afirma que liberdade e norma são uma oposta à outra, dando a ideia que elas não se articulam. Para o autor a liberdade é relativa e nas sociedades contemporâneas ela coordena-se com a norma, ou seja para haver liberdade deve haver normas (Cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.27-28). E sobre esse exemplo o autor explica: “Pois bem, esse fazer distinções e descobrir quando um conceito harmoniza-se com outro é pensar com rigor. E não é fácil pensar assim, se a pessoa não exercita” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.28). Nesse caso, López Quintás no papel de professor, pensa com rigor e não se esquivava de uma resposta mais apurada à aluna. Se pensarmos em uma resposta para essa mesma aluna, poderíamos imaginar que o professor tinha basicamente duas respostas, a primeira de

concordar com ela e uma outra, que foi a escolhida pelo autor, a de prolongar o assunto e ser o mais comprometido possível com a realidade que acredita. López Quintás lembra, ainda, que a escolha do vocabulário adequado também se faz necessário e que essa é a primeira exigência do pensamento rigoroso, pois se não cumprimos essa exigência, poderemos cometer erros muito graves. Para o autor o pensar bem ou pensar com rigor pode parecer natural ou espontâneo e que ocorre a todo o momento, mas não é. “[...] pensar com rigor. E não é fácil pensar assim, se a pessoa não exercita” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.28). Ou seja, devemos nos acostumar a pensar com rigor.

Para captar as várias realidades que estão no nosso ambiente, nós não podemos só pensar de forma lógica. Há sutilezas que devemos perceber, como nos poemas, em que cada aluno pode perceber algo diferente. Também, assim são os alunos, em que podemos encontrar em cada um deles uma realidade diferente e isso confere riqueza ao ambiente da sala de aula. Perceber essas diferenças e se expressar da melhor forma possível diante delas, deve se revestir de grande importância ao professor.

Precisamos nos esforçar para expressar cada realidade e atividade com os termos convenientes, e não passarmos de um plano de realidade a outro. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.29)

López Quintás também escreve que existe o “analfabetismo de primeiro grau” ou “analfabetismo de grau superior” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.33). Para o autor isso ocorre quando não se capta o sentido profundo das palavras. Precisamos saber o significado real das palavras e usá-las adequadamente. Para López Quintás devemos conhecer o significado das palavras com precisão para não sermos superficiais e dar explicações vagas. Também, o autor escreve que o analfabetismo de segundo grau está presente nos meios de comunicação e meios políticos e é dirigido em geral à população e que constantemente fazem uso de meias verdades. Para o autor essa dificuldade de entendimento é causada porque as pessoas não aprenderam a pensar com rigor nos centros educacionais, o autor escreve: “O resultado lógico é que crianças e jovens não foram nem sequer iniciados na arte do bem pensar e do *expressar-se bem*.” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 36). Para López Quintás deveríamos “[...] fomentar o poder crítico das crianças e jovens [...]” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 36) para que os formássemos como pessoas mais conscientes e críticas e no futuro teríamos uma

sociedade mais preparada, pois uma sociedade ingênua é facilmente manipulável. Ainda, sobre expressar-se bem López Quintás escreve que:

O afã de domínio sobre pessoas e grupos, decorrente da falta de segurança em si mesmo, impulsiona muitas pessoas a se pronunciarem em público sobre questões que estão muito longe de conhecer a fundo. Tais intrusos levam ao extremo o desconcerto da sociedade atual. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 37)

López Quintás acredita que há indivíduos que não conhecem bem algumas questões e mesmo assim tecem comentários ou emitem opiniões sobre assuntos que estão muito longe de conhecer a fundo. Para o autor essas pessoas são *intrusas* (Cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 37). López Quintás afirma que o intrusivismo é muito grave, principalmente, se são abordadas questões ligadas a valores importantes. Esse problema, geralmente, é promovido com a finalidade de se alcançar altos índices de popularidade. O autor escreve também escreve que essas pessoas são impulsionadas pela sede de domínio e elas rebaixam, que o autor chama de “reducionismo” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 38), o patamar do homem e de algumas de suas principais atividades para alcançar certos fins. López Quintás escreve que algumas pessoas quando são questionadas sobre alguns assuntos que não conhecem, acabam dando opiniões equivocadas em público para se promoverem. Para o autor “O intrusivismo desmantela a mente das pessoas, afundando-as num mar de confusões” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 38). A pessoa preparada, aquela que sabe pensar bem, não cairá em engodos políticos manipuladores. A pessoa acostumada no bem pensar terá mais condições de defender seus interesses e da sociedade de interesses alheios. Para López Quintás devemos pensar com rigor e para isso devemos exercitar nossas mentes todos os dias.

O Método Lúdico-Ambital :

Além da teoria sobre a Estética, López Quintás criou um método de interpretação de textos, o método lúdico-ambital, que está centrado na relação texto/leitor. Esse método é uma forma de interpretar o texto, indiretamente o mundo, através das várias realidades que estão implícitas nele. A obra é interpretada com profundidade, para que possamos realmente entendê-la.

A análise dos trabalhos realizados em sala de aula através do método lúdico-ambital foi fundamental para que eu pudesse entender se o objetivo do Projeto de Poesia fora alcançado. O método se mostrou eficaz quando analisei esses trabalhos. No Projeto de Poesia nós trabalhávamos com um determinado poema e o aluno entrava em diálogo com a realidade que estava colocada nele, por sua vez, há a realidade do próprio aluno, que quando interagia com a do poema gerava um resultado. Ou seja, nessa relação intercruzavam possibilidades e criavam-se âmbitos. O método lúdico-ambital buscou analisar o resultado dessa relação, que são os trabalhos dos alunos.

A análise do texto através do método lúdico-ambital também poderia ajudar a escolher o poema que seria estudado em sala de aula no Projeto de Poesia, mas eu não possuía ainda a plena consciência disso, apesar de ter lido sobre o método no segundo semestre do Projeto de Poesia. Posso, até mesmo, posso afirmar que em parte do terceiro bimestre e em todo o quarto bimestre comecei a perceber os passos do método lúdico-ambital nos poemas, mas eu não apliquei plenamente o conceito. Nesse período eu escolhia os poemas a serem aplicados em sala de aula já com vistas nos cinco passos no método lúdico-ambital, ou seja, realizava uma verificação superficial se o poema atendia aos passos do método, mas não era um procedimento efetivo ainda. Portanto essa dissertação de mestrado não irá estudar essa “passagem” do Projeto de Poesia. Hoje, sei que o método lúdico-ambital pode auxiliar o professor no momento da escolha do poema que será aplicado em sala de aula, devido a sua capacidade de revelar o poema em toda sua profundidade, antes mesmo de chegar ao aluno. Mas, apesar dessa dissertação de mestrado não estudar esse fato, fica a sinalização dessa possibilidade.

A análise do texto através do método lúdico-ambital consiste em cinco passos: Tema ou Argumento; Contextualização; Experiências Decisivas; Imagens; Valorização Geral da Obra. Resumidamente, se imaginarmos qualquer poema, qualquer um, encontramos nele, primeiramente, o tema central, que é o assunto do poema. O segundo passo consiste em contextualizá-lo na sua época de origem e de quem o compôs, através da biografia do autor ou de fatos históricos. No terceiro passo encontramos os acontecimentos, que nos trazem a reflexão. No quarto passo temos as imagens que são sugeridas pelo poema e que formamos em nossas mentes, como a figura de um personagem, um lugar etc. Por último temos a valorização geral da obra que é o que a mensagem do poema nos transmite, é o que tiramos de ensinamento da obra.

No Projeto de Poesia, trabalhávamos o poema através do seu registro no caderno, declamávamos o poema e discutíamos sobre a mensagem da obra. Depois eu pedia que os alunos realizassem as atividades sobre o poema e finalmente eles criavam seus próprios poemas. Quando os alunos escreviam, na verdade eles objetivavam o que aprenderam em sala de aula e a verdade sobre esse aprendizado estava nas respostas dos questionários, nos desenhos, nas colagens e nos poemas.

Depois de estudar o método lúdico-ambital, percebi que este abarcava todas as possibilidades do texto, a tal ponto que acho difícil uma aula com poesias, ou mesmo sobre uma obra literária, como um romance, sem que possamos percorrer os cinco passos do método lúdico-ambital, e caso isso ocorra, possivelmente falta explicação e a aula não estará completa. Por exemplo, a contextualização, que é o segundo passo do método lúdico-ambital, nesse passo o professor deve levar a biografia do autor da obra em questão e também pode fazer uma pesquisa antecipada sobre os acontecimentos históricos da época em que o poema foi escrito, ou seja, o professor deve buscar informações que possam explicar o que levou o autor a escrever aquela obra, e caso o professor não contextualize a obra e o autor, a explicação não estará completa.

Outro exemplo é o quarto passo do método lúdico-ambital, que é a construção das imagens. Este passo acontece na mente dos alunos, no momento da leitura e da discussão sobre o poema, e eu posso atestar se isso ocorreu verificando os desenhos e o próprio

poema que o aluno produziu. Esse passo está ligado ao entendimento do poema, ou seja o aluno vai ouvindo, ou lendo o poema e ai construindo imagens em sua mentes.

Também, parece-me difícil imaginar mais um passo – um sexto passo - para realizar uma análise mais completa de um texto. Ou seja, no meu entendimento, os cinco passos do método lúdico-ambital abarcam todas as possibilidades de análise do texto.

Para a análise dos trabalhos e dos poemas dos alunos utilizei o livro *A Leitura das Entrelinhas. Método Lúdico-Ambital* (2006) de Gabriel Perissé, pois nele pude encontrar maior clareza e compreensão do método. Para o autor, “o método lúdico-ambital, assim denominado por seu criador, Alfonso López Quintás, foi empregado por ele na leitura de Kafka, Sartre [...] É uma leitura recriadora, co-criadora, no contexto da reflexão filosófica e pedagógica” (LÓPEZ QUINTÁS, 2006, p. 09). Para Perissé o método é uma leitura da obra, que a recria e gera reflexão dentro da perspectiva filosófica e pedagógica.

López Quintás, ao criar o método Lúdico-Ambital, inaugura um “novo olhar” para com a literatura, e no caso dessa dissertação trabalhei somente o “olhar” sobre a poesia. A seguir escrevo mais detalhadamente sobre os cinco passos do método lúdico-ambital, como segue:

1º Passo: Tema ou Argumento;

2º Passo: Contextualização;

3º Passo: Experiências Decisivas;

4º Passo: Imagens;

5º Passo: Valorização Geral.

O primeiro passo consiste em distinguir em uma obra literária o tema e ou argumento. Este é o que se lê de imediato e variavelmente pode estar contido no título. Pode ser entendido em uma primeira leitura. É o literal. O tema central é o assunto em questão.

O segundo passo é o da contextualização da obra. Procuramos buscar as motivações que levaram o autor a escrever aquela obra. Se trabalharmos, por exemplo, um poema de Cora Coralina, do seu livro *Becos de Goiás* (1986), para explicar aos alunos a origem desse

livro pode-se recorrer à biografia da poeta, também às críticas literárias, ou ainda às histórias de seu tempo. Mas, quanto à análise dos poemas feito pelos alunos, o professor deverá contar com os seus próprios conhecimentos sobre o alunado. Sobre a contextualização, Perissé escreve o seguinte:

Em contato vivo com a obra, entro em diálogo com a personalidade do artista, com as circunstâncias da época em que ele vivia e que o impregnavam; entro em diálogo com o ambiente em que ele cresceu e com o qual talvez rompeu; entro em diálogo, ou em conflito, com sua postura perante temas cruciais ou banais da vida; entro em diálogo, aberto ou velado, com seus valores existenciais. (PERISSÉ, 2009, p. 42)

O espectador de uma obra de arte ou o leitor de um poema entra em diálogo com o artista ou o poeta. Entra em contato com a época em que ele vivia, com o ambiente que ele cresceu. A partir dessa ambientação temporal e local o espectador ou o leitor pode traçar parâmetros que o ajudará a compreender a obra. Depois desse processo a pessoa poderá fazer juízo de determinadas posturas que a obra traz, poderá avaliar o que há de bom ou ruim na obra. Perissé afirma que este é um diálogo aberto entre a pessoa e a obra. Para a escritora Lygia Fagundes Telles o livro pertence à sua época, como expressa no trecho da entrevista cedida à repórter Ana Ribeiro, como segue abaixo (Anexo V):

“Não costumava ler meus livros depois de escritos. Agora estou lendo, é preciso fazer a revisão de todos, e encontro coisas que devem ser canceladas ou que gostaria de adicionar. Resisto ao desejo de mudar, o livro pertence à época que foi escrito. Mas que dá vontade, dá. Estou tirando muitas vírgulas, eu não gosto de vírgulas” (RIBEIRO, 2009, p. 22).

A autora se queixa da própria obra e quer mudar, mas ela resiste e não muda, pois acredita que o livro pertence à sua época. Podemos afirmar que a autora naquela época escrevia com mais vírgulas, ou seja algumas coisas que a autora acreditava já não têm mais importância. Pode ser que a mudança desfiguraria a obra. Pois aquelas obras são de outra pessoa, pode-se dizer assim, mais jovem, menos experiente. A contextualização da obra torna-se importante por diversos motivos o mais importante é esse que Telles observou: A

obra pertence a uma época. A época em que foi escrita uma obra pode explicar o que contém nela.

Portanto, a obra é resultado do seu tempo, das razões que levaram o autor a escrever essa obra. É o resultado da sua época e a contextualização pode sim, explicar muito sobre a obra.

O terceiro passo do método lúdico-ambiental leva a entender as experiências decisivas da obra, estas criam ou destroem âmbitos e configuram o sentido profundo na obra. A construção ou destruição de âmbitos favorece a explicitação da ideia central. Esses âmbitos levam o leitor de encontro à essência do poema. A construção do âmbito é a descrição geral da realidade do poema. Essa é positiva e carregada de sentido e emoção. Quando se constrói um âmbito, transmiti-se ao leitor o quanto aquele objeto, lugar, pessoa é importante, é querida etc. Já a destruição de âmbitos tem a ver com o *não querer bem* dessa realidade, geralmente é uma descrição carregada de sentimentos negativos e repulsa.

O quarto passo diz respeito à imagem literária, de forma lúdica o leitor é levado a construir imagens em seu pensamento. À medida que o leitor lê um romance, ele constrói toda a narrativa em sua mente, tudo que acontece na história será construído por ele, como se fosse um filme. Cada leitor constrói as imagens de uma forma diferente, no caso do poema, esse fato enriquece a aula.

O quinto e último passo é a valorização geral da obra, esta é alcançada através de uma leitura reflexiva geral do texto, que faz o leitor pensar o que esta obra está finalmente oferecendo. O que podemos concluir dessa obra. Qual o ensinamento que podemos tirar dela, os valores. O que podemos concluir acerca dos problemas que circundam a humanidade e como podemos resolvê-los.

Perissé escreve que: “ler uma obra de arte consiste em criar com ela, a partir dela e além dela; desdobramentos do encontro. Criar com a obra é entrar em sintonia com ela, admirá-la, adjetivá-la, valorá-la e valorizá-la, aderir a sua presença” (PERISSÉ, 2009, p. 42). Ao ler a obra, criamos com ela a realidade, mais que isso, recriamos o mundo. Através do encontro entramos em sintonia com a realidade da obra, que pode ser a do aluno. Podemos entendê-la e admirá-la, se for o poema do aluno, o professor tem a oportunidade de compartilhar com ele a sua realidade expressa no poema.

Capítulo IV

O Encontro da Poesia

Sobre as produções dos alunos

A linguagem poética, em seus níveis mais exigentes, propicia o encontro com a realidade do aluno. A análise das produções dos alunos pode revelar uma questão mais que pedagógica, uma questão humana em toda a sua profundidade.

Como escrevi anteriormente, os alunos tinham como proposta objetivar o seu entendimento sobre os poemas apresentados em sala de aula. O resultado são oitenta cadernos dos alunos com atividades poéticas realizadas em sala de aula. Neles encontramos poemas, questionários, colagens, desenhos etc.

Foram escolhidos alguns poemas e exercícios produzidos pelos alunos em sala de aula para análise. A análise desses trabalhos procura demonstrar se o objetivo do Projeto de Poesia foi alcançado, bem como se esses poemas e atividades demonstram o desenvolvimento do aluno, pois o fenômeno da poesia propicia pessoas mais reflexivas e procuramos nessa análise encontrar indícios dessa reflexão.

A análise através do método lúdico-ambiental dos trabalhos dos alunos também propicia verificarmos se os alunos foram alfabetizados poeticamente, ou seja se eles aprenderam sobre poesia e se são capazes de produzir poemas.

Análise do Poema *Meu lindo lar*

O tema proposto à classe, inclusive à aluna Beatriz Rocha da sexta série A, que escreveu o poema *Meu lindo lar* (Anexo VI), que está abaixo, foi escrever um poema sobre “o lugar onde moro”. Poderia ser sua cidade, seu bairro, sua rua ou sua casa. Os versos poderiam ser livres, ou não. A única exigência era que o poema tivesse no mínimo oito versos.

Meu lindo lar

Minha casa, meu lindo lar
é lá que eu gosto de morar,
foi lá que eu cresci, foi lá que eu nasci,
foi lá que passei a vida toda,
foi lá que tudo aprendi !!!

No meu quintal há muitas flores,
no meu quintal há muitas frutas,
no meu quintal cresceram amores
amores de vários sabores...

É por isso que eu gosto de lá,
é por isso que lá quero ficar,
e pelo resto da minha vida
é lá que eu que pretendo ficar !!!

E por isso não deixo meu lar tão cedo,
porque é lá é que devo morar,
porque lá cresceram amores
e as dores que somem no ar.

Análise do Poema *Meu lindo lar* Através do Método Lúdico-Ambital

1º Passo – Tema ou Argumento

O tema está explicitado no título “Meu lindo lar”, ou seja a proposta da aluna é escrever sobre o seu “lar”, palavra que sugere mais que uma moradia. Logo no início do poema, percebe-se que ela tem prazer em escrever sobre o lugar, pois a aluna escreve de forma positiva sobre tudo que faz parte o seu lar, percebemos isso no trecho: “é lá que eu gosto de morar”. Também ela descreve sobre alguns aspectos físicos da casa que sugerem seu apreço pelo lugar e ela se detém mais na descrição do quintal, que é composto por árvores frutíferas, flores, etc.

2º Passo – Contextualização

A aluna mora nas mediações da escola e nesse bairro ainda encontramos muitas casas com quintal nos fundos, com árvores frutíferas e também jardim com flores na frente das casas, bem típico da arquitetura local. Parece ser o caso da menina. A aluna descreve sua casa no geral, dando maior importância à área externa da casa, isso se explica, talvez por ser uma criança ativa e disposta às brincadeiras.

3º Passo – Experiências Decisivas

A aluna constrói um âmbito repleto de harmonia, beleza e amor. Sua casa, seu quintal parecem traduzir o estado de espírito da menina e tudo isso nos remete ao clima agradável. Ela nos escreve sobre seu quintal, suas árvores, suas flores, amores e sabores. A menina encerra o poema com muito sentimento e de forma surpreendentemente bela, em que escreve “porque lá cresceram amores” e “e as dores que somem no ar”. Sugere que há amor, mas também já houve dores, mas que estes sumiram no ar.

4º Passo – Imagem

A construção de imagens que a aluna realiza da casa remete o leitor a um clima agradável. Podemos visualizar esse quintal em nossas mentes, com árvores, frutas, amor, ou seja, é um lugar que proporciona à menina aventuras, prazer e a segurança do amor. Ela

expressa a importância da sua casa logo na primeira estrofe em que escreve que lá é onde nasceu, cresceu e tudo aprendeu. Nós construímos uma imagem do seu lar repleto de cores, cheiros e sabores, que para a menina são tão caros.

5º Passo – Valorização Geral da Obra

Pela pouca idade da autora – 11 anos de idade - não podemos assegurar sobre a intenção desse poema, mas podemos traduzir sua forte crença na vida, nos valores da família e no amor.

Análise do Poema *Olhando o céu...*

A proposta nesse dia de aula com poesia era que cada um dos alunos fizesse um poema sobre o Universo, sobre a via Láctea ou sobre o nosso sistema solar. A aluna Ana Paula Borges Gonçalves da quinta série A conseguiu traduzir bem, poeticamente, o que entende sobre o assunto, segue abaixo o seu poema (Anexo VII) escrito em sala de aula:

Olhando o céu...

O céu noturno é um espetáculo da natureza,
Nos encantam com sua beleza,
Com milhões de estrelas e planetas,
Que brilham no espaço.

A astronomia, olhem só!
Estuda o céu e os corpos celestes a fundo,
Tornando-se assim,
Em uma das ciências mais antigas do mundo!

Que imensidão o Universo,
Matéria e espaço o compõe.
Estrelas, planetas e satélites,
Galáxias cúmulos e super cúmulos.

Terra, o planeta azul,
Marte, o planeta vermelho,
Júpiter, o maior e tão colorido,
Saturno e seus anéis,
Urano, planeta desorganizado,
Netuno, um gigante de gás azul,
Plutão, pequena esfera de gelo,
Mercúrio, oval e tão quente,
E por fim Vênus, uma estrela da tarde!

Análise do Poema *Olhando o céu...* Através do Método Lúdico-Ambital

1º Passo – Tema ou Argumento

O poema da aluna composto em versos livres deixa claro, logo no início, que o tema central é o céu.

2º Passo – Contextualização

A aluna teve aulas sobre astronomia nesse mesmo ano (2007), comigo um pouco e mais detalhadamente com a professora de ciências nas aulas dessa disciplina. Podemos contextualizar seu poema junto aos estudos astronômicos desse período.

3º Passo – Experiências Decisivas

A aluna parece ter conhecimento sobre o que escreve, pois o fez com desenvoltura, chegando mesmo a citar termos técnicos, “cúmulos” e “super cúmulos”. A aluna absorveu e conseguiu abstrair bem os conceitos aprendidos em sala de aula.

4º Passo – Imagem

A aluna escreve sobre o céu, o Universo. Ela descreve mais detalhadamente o nosso sistema solar, dá cores aos planetas, que sugere a construção do sistema solar com seus planetas em nossas mentes.

5º Passo – Valorização Geral da Obra

A aluna parece ter absorvido bem a proposta dessas aulas. Primeiramente, cito a do Projeto de Poesia, em que aluna conseguiu transferir os conceitos absorvidos para o poema que ela mesma criou, desenvolveu-se nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa, bem como refletiu sobre o tema em questão. Também, a aluna absorveu bem a proposta da disciplina de ciências, em que demonstra ter entendido sobre o Universo e os planetas.

Análise dos Trabalhos Poéticos sobre o Tema Trabalho

Segue abaixo o poema *Não há vagas* de Ferreira Gullar (2004), trabalhado em sala de aula com os alunos da quinta série A no final do segundo semestre de 2007. A proposta era a de focarmos no tema trabalho.

Não há vagas

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão

O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras

– porque o poema, senhores,
está fechado: “não há vagas”

Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço

O poema, senhores,
não fede
nem cheira.

O poema acima foi copiado pela aluna Regiane Prates da quinta série A e depois da discussão a aluna respondeu o questionário (Anexo VIII) transcrito a seguir:

1 – Sobre o que é o poema?

Resposta: Sobre a falta de vagas.

2 – Por quais palavras poderíamos substituir a palavra *poema*?

Resposta: Brasil, empresa e escola.

3 – Você conhece algum funcionário público ou metalúrgico? Eles ganham bem?

Resposta: sim, sim.

4 – O que significa:

A) “o homem sem estômago”

Resposta: Ele está com fome

B) “a mulher de nuvens”

Resposta: a mulher sonha, mas tudo se paga

C) “O poema, senhores, / não fede / nem cheira.”

Resposta: não está nem aí (ligando).

5 – Fazer um poema sobre o que você quer ser. Contar sobre profissões de pessoas que você conhece.

As minhas casas

Mamãe é doméstica
minha irmã quer ser juíza
não quero trabalhar em estética corporal
nem quero ser dentista

Quero trabalhar mudando a vida de gente
fazendo e decorando casas
deixando o povo contente
fazer todos criarem asas

Quero construir um bairro
uma escola e uma rua
quero ser eu a primeira
a fazer casas na lua.

O tema central desse bloco de discussões foi trabalho. A partir dele escolhi o poema de Ferreira Gullar (2004) para problematizar a questão do trabalho. Os alunos copiaram o poema, depois eu o declamei, realizamos as discussões sobre o tema em questão e por último os alunos responderam algumas questões. No questionário, a aluna Regiane Prates mostrou que entendeu bem a mensagem do poema - que não há vagas para todas as pessoas. Que o Brasil, a empresa e até mesmo a escola nega vagas de emprego para a população. Nesse último item, lembro bem que os alunos chegaram à conclusão que a escola nega emprego às pessoas, à medida que não oferece boa educação e os alunos acabam por não conseguir um bom emprego no futuro. A aluna também entendeu (vide resposta do exercício 4) que homens e mulheres passam necessidades e que o Brasil não está nem “ligando”. Em um segundo momento, eu pedi para cada um deles dizer o que queriam ser quando crescer e depois pedi que fizessem um poema sobre esse desejo. A aluna Regiane Prates mais uma vez entendeu a proposta e escreveu em seu poema que “quer fazer casas”, mas, podemos perceber que a aluna não escreve isso objetivamente, ela o faz de maneira lúdica e afirma que gostaria de deixar o povo contente, fazer todos criarem asas e que irá fazer casas na lua.

Análise dos Trabalhos sobre o Tema Trabalho Segundo o Método Lúdico-Ambital

1º Passo – Tema ou Argumento

A aluna entendeu que o tema central é o trabalho, percebemos isso na resposta do primeiro exercício e também na feitura do poema conforme a proposta.

2º Passo – Contextualização

A contextualização está na resposta da segunda questão, que o Brasil, a empresa e a escola negam trabalho às pessoas. Ela também contextualiza o próprio poema na figura da mãe e irmã, que estão presentes na realidade da aluna e que aparecem no primeiro e segundo versos, consecutivamente.

3º Passo – Experiências Decisivas

A aluna constrói âmbitos, pois afirma que quer ser uma boa profissional que quer trabalhar mudando a vida de gente, deixando-as contente.

4º Passo – Imagem

A imagem literária fica por conta do bairro, da escola, da rua e da casa que a aluna imagina construir no futuro.

5º Passo – Valorização Geral da Obra

E a valorização geral da obra está presente no pensamento da aluna que tem o objetivo de ser uma boa profissional que se preocupa com o bem-estar das pessoas.

Análise dos Trabalhos sobre os Temas Doença e Morte

A proposta de trabalho em sala de aula, dessa vez, era a de trabalhar por cinco aulas dois temas: doença e morte. Só no final dessas aulas que foi pedido aos alunos para fazerem um poema. A seguir analiso todo o trabalho através do caderno da aluna Daniele Lima da Silva da quinta série A (Anexo IX).

Primeiramente os alunos copiaram o poema *Irene no Céu* de Manuel Bandeira (2001) no caderno de poesia. A proposta era a que os alunos tivessem um primeiro contato com o tema morte, mas de forma amena, que fosse de forma cautelosa, para que os alunos não ficassem chocados. Depois da declamação do poema, responderam a um questionário. Segue o poema e questionário:

Irene no céu

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor

Imagino Irene entrando no céu:

- Licença meu branco!

E São Pedro Bonachão:

- Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

EXERCÍCIO A

1 – Qual o tema central do poema?

Resposta: Morte

2 – Quantos anos você acha que Irene tem? Como ela é?

Resposta: 83 anos. Parecida com a tia Anastácia do sítio do Pica-Pau-Amarelo.

3 – O que você acha da morte? Explique: A morte é ruim ou boa?

Resposta: Ruim para quem fica. Boa para quem morre e vai para o céu.

4 – Desenhe Irene. (A aluna desenhou. Segue uma cópia no Anexo IX)

Depois aos alunos que copiassem o poema *Ismália* de Alphonsus de Guimaraens (2001), a seguir declamei o poema e discutimos a loucura e a morte. Também, os alunos responderam algumas questões, como segue:

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

EXERCÍCIO B

1 – Você gostou do poema?

Resposta: Sim, porque fala de uma noite bonita, mas não gostei porque fala da morte.

2 – Explique o poema:

Resposta: Uma mulher enlouquece e quer voar. Sua alma vai para o céu e o seu corpo vai para o mar.

O próximo exercício consistia em desenhar em grafite a cena da morte de Ismália em um papel preto. Depois os alunos deveriam colá-lo no caderno. Mas não foi possível colocar uma cópia em anexo por falta de nitidez.

Em um outro dia os alunos copiaram a música *O pulso* de Arnaldo Antunes, em seguida ouvimos a música em “CD”. Também responderam um questionário. Segue a letra da música e a transcrição das questões:

O Pulso

O pulso ainda pulsa

O pulso ainda pulsa...

Peste bubônica

Câncer, pneumonia

Raiva, rubéola

Tuberculose e anemia

Rancor, cisticercose

Caxumba, difteria

Encefalite, faringite

Gripe e leucemia...

E o pulso ainda pulsa

E o pulso ainda pulsa

Hepatite, escarlatina
Estupidez, paralisia
Toxoplasmose, sarampo
Esquizofrenia
Úlcera, trombose
Coqueluche, hipocondria
Sífilis, ciúmes
Asma, cleptomania...

E o corpo ainda é pouco
E o corpo ainda é pouco
Assim...

Reumatismo, raquitismo
Cistite, disritmia
Hérnia, pediculose
Tétano, hipocrisia
Brucelose, febre tifóide
Arteriosclerose, miopia
Catapora, culpa, cárie
Câimba, lepra, afasia...

O pulso ainda pulsa
E o corpo ainda é pouco
Ainda pulsa
Ainda é pouco
Assim...

EXERCÍCIO C

1 – Das doenças citadas quais você conhece?

Resposta: Câncer, pneumonia, tuberculose, anemia, cisticercose, caxumba, faringite, gripe, leucemia, hepatite, paralisia, tétano.

2 – Descreva uma das doenças:

Resposta: A paralisia é ruim demais e tem vários tipos, a que eu conheço é que quando, por exemplo leva um tiro a pessoa fica parálitica.

3 – Quais são as doenças da cabeça?

Resposta: Raiva, câncer, cisticercose, encefalite, estupidez, esquizofrenia, hipocondria, cleptomania, hipocrisia, arteriosclerose, culpa.

4 – Como nós “pegamos” as doenças?

Resposta: De várias maneiras. A gripe, por exemplo, se a pessoa sair na chuva ou sair no vento sem estar agasalhada, pode pegar gripe e se não se transformar em pneumonia.

5 – Como podemos evitá-las?

Resposta: Ter higiene, cuidar de pessoas contaminadas, não andar descalço em praias etc... ter saneamento básico.

Nas aulas sobre doenças, o professor de ciências trabalhou em paralelo o tema. Ele explicou cada uma das doenças que são citadas na música e pediu um trabalho de pesquisa aos alunos, esse trabalho contou ponto para as disciplinas de ciências e Língua Portuguesa.

Em outro dia, após a música *O Pulso*, trabalhamos o poema *Os doentes* de Augusto dos Anjos (1998) e também a primeira estrofe do poema *Pequenino Morto* de Vicente de Carvalho (2005) e depois passei algumas questões sobre este último. Não transcrevo o poema de Augusto dos Anjos por não ter feito nenhum exercício com os alunos sobre este poema, a ideia foi a de somente apresentar outro poeta importantíssimo da nossa literatura e reforçar o tema. Para melhor entendimento da análise, segue o poema *Pequenino Morto* e questionário:

Pequenino Morto

Tange o sino, tange, numa voz de choro

Numa voz de choro... tão desconsolado...

No caixão dourado, como em berço de ouro,

Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!
 Olha que te levam para o mesmo lado
 De onde o sino tange numa voz de choro...
 Pequenino, acorda!

EXERCÍCIO D

1 – Sobre o que é o poema?

Resposta: “A morte de um menino.”

2 – Escandir o primeiro e o segundo verso:

Resposta:

“Tan/ge o/ si/no/, tan/ge/, nu/ma/ voz/ de / **cho**(ro)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11”

“Nu/ma/ voz/ de/ cho/ ro/... tão/ des/con/so/**la**(do)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11”

São simétricos. Endecassílabos.

3 – Você acha possível fazer poemas com temas como a doença? Pode ficar bonito? Explique.

Resposta: “Sim” (Mas, a aluna não explicou.)

4 – Faça um poema com um tema sombrio.

(Poema sem título)

Morte, a pior coisa
 Por que? Por que?
 Por que é necessário
 sofrer?

Sei que um dia
 vou morrer
 mas, é necessário
 sofrer?

Análise dos Trabalhos Sobre os Temas Doença e Morte Através do Método Lúdico-Ambital

1º Passo – Tema ou Argumento

A aluna entendeu que os temas centrais dos trabalhos eram a doença e a morte. Percebemos isso em todas as primeiras respostas dos questionários. Também no poema que ela escreveu, pois o enunciado pedia algo sobre um *tema sombrio*, e, automaticamente ela o fez sobre a morte. Ela poderia ter escrito algo sobre monstros, vampiros etc., personagens que são típicos no imaginário das crianças dessa idade, mas não o fez, ela escolheu o tema morte.

2º Passo – Contextualização

Percebemos a contextualização de diversas formas. Uma do ponto de vista do professor, que pode contextualizar a menina e seu poema, ou seja podemos contextualizar a aluna na atualidade, em que há muitas informações sobre doença e morte que são difundidas de diversas formas: escola, televisão, etc. Também podemos contextualizar o poema do ponto de vista da própria aluna, pois percebemos que ela contextualiza suas atividades: No exercício A, na questão 2 a aluna escreve que Irene seria parecida com a tia Anastácia, personagem do Sítio do Pica-Pau-Amarelo de Monteiro Lobato, que está presente nas atividades escolares; No exercício C, na questão 2 a aluna escreve sobre a paralisia e conta um caso que ela teve contato, sobre uma pessoa que foi baleada ficou paralisada.

3º Passo – Experiências Decisivas

A aluna parece não gostar do tema morte, podemos perceber isso no poema que ela escreveu em que a aluna associa a morte ao sofrimento.

4º Passo – Imagem

A aluna formou várias imagens por exemplo o de Irene do poema de Manuel Bandeira, como sendo parecida com a personagem tia Anastácia de Monteiro Lobato ou na

imagem que a aluna constrói de Ismália de Alphonsus Guimaraens, como sendo uma moça bonita.

5º Passo – Valorização Geral da Obra

Percebemos no exercício C, nas respostas 4 e 5 que a aluna entende que podemos evitar as doenças e sabe como fazer isso em alguns casos. No poema ela escreve que a morte é necessária, mas o sofrimento ela duvida. Portanto, ela sabe sobre inevitabilidade da morte, mas a aluna faz uma sugestão que podemos evitar o sofrimento antes da morte.

Considerações Finais

Esta dissertação teve como foco o estudo dos fundamentos teóricos da arte como importante fator formativo na educação escolar, bem como, analisou uma experiência didática em sala de aula realizada em 2007, um Projeto de Poesia realizado por mim com alunos das quinta e sexta séries do ensino fundamental.

O Projeto de Poesia foi realizado na escola em que eu lecionava naquele ano e este trouxe maior interesse dos alunos em poesia e tornou-os mais dispostos ao estudo da disciplina de Língua Portuguesa. O Projeto de Poesia também visou a alfabetização poética desses alunos, ou seja buscou deixá-los aptos a reconhecer a poesia e a produzir poemas.

Os estudos apontam que houve uma melhora no desenvolvimento escolar dos alunos e que este foi reflexo do Projeto de Poesia. As análises que constam nessa dissertação de mestrado foram feitas utilizando a teoria de Alfonso López Quintás e, em especial, o seu método lúdico-ambital para análise dos trabalhos dos alunos. Também, me apoiei na teoria de outros autores, como por exemplo nas oficinas de poesias da autora Alda Beraldo e dos conceitos filosóficos de Edgar Morin e ainda nas idéias de Gabriel Perissé. A partir desses entendimentos pude retomar o Projeto de Poesia e proceder à sua análise tal como mostrada nesta dissertação.

As aulas com poesias foram realizadas no ano de 2007 e se mostraram muito estimulantes. Estou certa que o Projeto de Poesia trouxe muitos conceitos novos e proporcionou a mim e aos meus alunos prazer e aprendizado. Em posse dos 80 cadernos de poesia dos alunos das quinta e sexta séries A, recolhidos para o fim exclusivo de estudo, obtive material suficiente para proceder à análise.

A teoria de López Quintás se mostrou fundamental para que eu entendesse a importância da arte na formação de jovens e o Projeto de Poesia, por fazer da arte um instrumento pedagógico, foi ao encontro do pensamento quintasiano, que por sua vez, oferece a justificativa para o Projeto de Poesia. Para o autor há uma relação entre o jovem e a arte, ou seja entre o aluno e a poesia, e isso se mostrou um fato ao analisar o Projeto de Poesia. Pela teoria quintasiana posso afirmar que o aluno é um âmbito, o poema é outro

âmbito, que se entreveram e desse entreveramento, desse jogo lúdico, surge um outro âmbito.

Baseada na teoria quintasiana posso afirmar, e pude comprovar, que o poema contém uma realidade e que o aluno contém outra realidade e quando o aluno interage com a poesia, consegue relacioná-la a sua própria realidade, relaciona-se com o que há de valoroso no poema e para López Quintás um valor depois de absorvido se fará valer sozinho e atuará na vida desse jovem. O resultado imediato dessa interação foi notado rapidamente, pois o aluno se mostrou mais comprometido nos estudos.

Na minha experiência obtida no Projeto de Poesia tive a certeza que trabalhar poesia constantemente em sala de aula, junto à disciplina de Língua Portuguesa, é possível e também muito positivo. Atestei isso na prática, no Projeto de Poesia, agora confirmado com o trabalho teórico de análise relatado nessa dissertação. Com este trabalho realizado estou segura de que a arte pode ser a porta de entrada para uma educação humanizadora. Encontrei, também, no método lúdico-ambiental uma importante ferramenta de análise dos resultados obtidos em sala de aula.

Desenvolver a sensibilidade do jovem através da arte na escola é uma forma de melhorar a educação, bem como é uma questão humanística para estimular uma melhor convivência na sociedade, uma vez que a arte é feita pelo que há de melhor no homem. A arte pode humanizar, ou seja, a arte pode sensibilizar o homem e torná-lo mais humano. A arte pode aguçar a compreensão sobre os problemas da humanidade e evitar uma sociedade fria e sem medida. A escola pode dar sua contribuição apresentando a arte aos jovens, tornando-os aptos a perceber a arte e toda sensibilidade que dela emana. Já a arte, para os pragmáticos, tem se mostrado eficiente ferramenta pedagógica e auxilia o professor quando orienta o aluno.

No Projeto de Poesia, a formação artística se mostrou imprescindível na educação escolar. Concluí que educar fazendo uso da literatura, da poesia, é o melhor caminho para complementar as aulas da disciplina de Língua Portuguesa.

López Quintás se denomina um humanista. Percebemos em sua obra forte preocupação com valores como a solidariedade e também com o homem que sabe gerar autênticos laços de convivência na sociedade. Depois da análise do Projeto de Poesia,

percebo que a minha preocupação faz par às preocupações de López Quintás, talvez venha dessa linha de pensamento, o humanístico, a minha empatia com o teórico. Foi o processo de identificação com a sua teoria que me fez iniciar os estudos do Projeto de Poesia.

O que antes era uma intuição, sobre o poder formativo da poesia, agora é uma certeza dentro das possibilidades pedagógicas que visam à formação integral de alunos. Através das atividades e dos poemas dos alunos pude comprovar seu desenvolvimento e também comprovar que a alfabetização poética foi alcançada, pois os alunos conseguiram entender e produzir poemas.

A disciplina de Língua Portuguesa, cumprindo todos os requisitos curriculares atuais, como o uso do livro didático, pode também trabalhar com mais ênfase a poesia sem prejudicar aquilo que se costuma indicar como sendo a exigência curricular da disciplina. Fazendo assim podem-se trazer benefícios ao desenvolvimento dos alunos e ao andamento das aulas.

O planejamento do Projeto de Poesia, no tocante à ordem dos temas a serem trabalhados, ou seja, a discussão espaço/geografia, em seguida a discussão sobre a existência humana, mostrou-se também muito eficiente. Mas, analisando agora um pouco melhor, poderia haver mudança no que se refere ao tempo do projeto. Destinaria à quinta série o trabalho com os temas voltados à discussão do lugar do homem no espaço e no mundo e à sexta série a discussão da existência física, política e social do homem. Ou seja, o Projeto de Poesia se alargaria de um para dois anos. Com isso seria trabalhado um número maior de poemas. Esta não é uma questão dessa dissertação, mas fica aqui o registro dessa possibilidade.

Na análise realizada percebi que o trabalho com poesia está ligado às potencialidades mentais e também à prática, à alfabetizado poética. Penso que ficou demonstrado que o aluno se mostrou mais reflexivo, que foi alfabetizado poeticamente.

Hoje percebo que há uma distinção possível de ser feita: de um lado a reflexão e do outro a prática da forma poética. É uma distinção possível de se fazer na análise, como foi feita na dissertação, porque as ações dos alunos no decorrer do projeto não podem ser repartidas, pois é um processo em que um aspecto depende do outro. A reflexão só acontece se o aluno é estimulado e esse estímulo só acontece se o aluno realiza todas as

atividades práticas em sala de aula como copiar o poema, ler o poema, responder as questões sobre o poema etc.

Ao analisar os cadernos pude verificar o desenvolvimento poético dos alunos e os benefícios daí resultantes, tanto em termos da formação geral deles, quanto em termos de aproveitamento escolar.

Bibliografia :

ABREU, Casimiro de. *Os melhores poemas de Casimiro de Abreu / Seleção de Rubem Braga*. São Paulo. Global, 2000.

ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. São Paulo. Paz e Terra, 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro. Record, 1991.

ANJOS, Augusto. *Eu: Poesias*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1998.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo. Nova Cultural, 1996.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando. Introdução à filosofia*. São Paulo. Moderna, 1993.

Arnaldo Antunes. O Pulso. In: *Titãs Acústico MTV*. N. 63848120. WEA Music. s/d. CD

ASSARÉ, Patativa do. *Antologia Poética*. Fortaleza. EDR, 2007.

ALTENFELDER, Anna Helena. *Poetas da escola*. São Paulo. Peirópolis, 2004.

BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. Rio de Janeiro. Ediouro, 2002.

BERALDO, Alda. *Trabalhando com poesia*. São Paulo. Ática, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o 3º e 4º ciclos (5ª à 8ª séries) de Língua Portuguesa*. Brasília. MEC, 1998.

Caetano Veloso. Sampa. In: *Minha História*. N. 64659623. Polygram. s/d. 1 CD

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura Brasileira*. Rio de Janeiro. Ouro sobre azul, 2004.

CARVALHO, Vicente de. *Melhores Poemas de Vicente de Carvalho / Seleção Cláudio Murilo Leal*. São Paulo. Global, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. *O Ensino da Literatura Comunicação e expressão*. Brasília. José Olímpio, 1973.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo. Global, 1986.

CORTELA, Mário Sérgio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo. Cortez, 2003.

DIAS, Gonçalves. *Melhores Poemas de Gonçalves Dias / Seleção de José Carlos Garbuglio*. São Paulo. Global, 2001.

Dicionário Houaiss da língua portuguesa / organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda – 2.ed.rev. e aum. – Rio de Janeiro. Objetiva, 2004.

ESPANCA, Florbela. *Os melhores poemas de Florbela Espanca / Seleção Zina Bellodi*. São Paulo. Global, 2001.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Linguagem Nova. Língua Portuguesa 5ª séries*. São Paulo. Ática, 2006.

_____. *Linguagem Nova. Língua Portuguesa 6ª séries*. São Paulo. Ática, 2006.

FIGUEIREDO, Flora. *Chão de Vento: Poesia*. São Paulo. Geração Editorial, 2006.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1983.

_____, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1983.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, Sons e Ritmos. Série Princípios*. São Paulo. Ática, 1986.

GUARDINI, Romano. *A aceitação de si mesmo – As idades da vida*. São Paulo. Palas Athena, 2007.

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Os melhores Poemas de Alphonsus de Guimaraens / Seleção Alphonsus de Guimaraens Filho*. São Paulo. Global, 2001.

GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia*. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2004.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1996.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*. São Paulo. Ática, 2001.

JOSÉ, Elias. *Palavras de Encantamento*. São Paulo. Moderna, 2001.

MEIRELES, Cecília. *Flor de Poemas*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

MOISÉS, Massaud. *A literatura Brasileira através dos textos*. São Paulo. Cultrix, 2000.

MORAES, Vinicius de. *Antologia poética por Vinicius de Moraes*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1987.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo. Cortez, 2005.

_____. *Meus Demônios*. Rio de Janeiro. Bertrand, 2003.

_____. *Amor Poesia Sabedoria*. Rio de Janeiro. Bertrand, 2003b.

NAGLE, Leda; WALACER, Thereza (1982). Especial Drummond - 80 anos. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=NhFbBFZ8_hE. Acesso em 27 Jun. 2010.

Nando Reis. O segundo sol. In: *MTV ao vivo - Nando Reis e os Infernais*. N. 70.819.960 WEA Music. s/d. 1 CD

NORTE I, Diretoria de Ensino do Est. São Paulo. *Paz, o caminho de um novo amanhecer*. Organizado por Eliana Bernardo de Mello et all. São Paulo. ISES, 2006.

PERISSÉ, Gabriel. *Filosofia, ética e literatura: Uma proposta pedagógica*. Barueri. SP, 2004.

_____. *A leitura das Entrelinhas: Método Lúdico-Ambital*. São Paulo. ESDC, 2006.

_____. *Literatura & Educação*. São Paulo. Autêntica, 2006b.

_____. *Estética & Educação*. São Paulo. Autêntica, 2009.

PAES, José Paulo. *Poemas para Brincar*. São Paulo. Ática, 1996.

PASCAL, Blaise. *Os Pensadores*. São Paulo. Nova Cultural, 2004.

PESSOA, Fernando. *Poemas para Crianças*. São Paulo. Martins Fontes, 2007.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. *Edgar Morin. A Educação e a Complexidade do ser e do saber*. São Paulo. Vozes, 2005.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo. Siciliano, 1991.

QUINTÁS, Alfonso López. *Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores*. São Paulo. Paulinas, 2004.

_____. *Estética*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1992.

Renato Russo. Monte Castelo. In: *As quatro estações*. N. 63.839.237. EMI. s/d. 1 CD

RIBEIRO, Ana. Anagrama. Jornal Folha de São Paulo. Jul. 2010, Revista Serafina, p. 22.

SANDRONI, Laura. *Meus Primeiros Versos. Cecília Meireles. Manuel Bandeira. Roseana Murray*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. RJ, 2001.

SANTOS, José. *Estrelas do céu e do mar*. Paulus. São Paulo, 2005.

SILVA, Expedito Sebastião da. *Expedito Sebastião da Silva / introdução e seleção Martine Kunz*. São Paulo. Hedra, 2001. - (Biblioteca de Cordel)

SOUSA, Cruz e. *Poesias completas: broqueis, faróis, últimos sonetos / Cruz e Sousa; introdução Tasso da Silveira*. Rio de Janeiro. Ediouro, 1997.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Rio de Janeiro. Difel, 2009.

Tom Jobim. Samba do Avião. In: *Tom Jobim Inédito*. N. 63.202.883. BMG Ariola. s/d. 1 CD